

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

MOACYR VAZ DE ANDRADE
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistado – Moacyr Vaz de Andrade (MA)

Entrevistadores - Rose Ingrid Goldschmidt (RG) e Wanda Hamilton (WH)

Data – 14/12/1987 a 05/02/1988

Local – Rio de Janeiro/ RJ

Duração – 6h20min

Resenha biográfica e Sumário – Elaine Kabarite Costa

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ANDRADE, Moacyr Vaz de. *Moacyr Vaz de Andrade. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos, 1987-1988*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 120p.

Resenha biográfica

Moacyr Vaz de Andrade nasceu a 20 de março de 1920, no Rio de Janeiro. Formou-se bacharel em química pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorando-se pela mesma universidade, em 1951.

Aluno do Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), foi contratado, em 1943, ao ser aprovado em concurso para químico analista. Em Manguinhos, Moacyr Vaz de Andrade foi professor e pesquisador da seção de micologia, onde se dedicou a investigações em química e terapêutica de fungos. Representou o IOC na Comissão de Biofarmácia do Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina e Farmácia do Ministério da Saúde.

Professor de química em diversas escolas de segundo grau do Rio de Janeiro, lecionou também no curso de pós-graduação da Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil.

Em 1970, vinha desenvolvendo pesquisas sobre a atividade antitumor de substâncias produzidas por fungos, quando teve seus direitos políticos cassados e foi aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5). Devido a esse fato, foi obrigado a interromper suas investigações, ficando praticamente desempregado durante dois anos e meio.

A partir de 1973, passou a trabalhar para a iniciativa privada, chefiando o controle de qualidade de produtos farmacêuticos, alimentícios e dietéticos.

Moacyr Vaz de Andrade é membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da Associação Brasileira de Química e das Sociedades de Micropatologia Médica e Veterinária e de Biologia do Rio de Janeiro.

Em 1986, foi reintegrado ao quadro de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), voltando a trabalhar no Departamento de Micologia, do qual se afastou em 1997 por problemas de saúde.

Sumário

Fita 1 e Fita 2 – Lado A

Origem familiar; a importância do meio universitário na formação do indivíduo; a influência do Colégio Batista em sua vida; formação religiosa; o interesse pela leitura; a atividade do pai como líder sindical; o clima de diálogo na família; a descoberta do marxismo; o rompimento com o Partido Comunista Brasileiro (PCB); a militância política no PCB; o ingresso no PCB em 1945; a célula do PCB no IOC; o desligamento do Partido na época da ilegalidade; a preparação para o vestibular de medicina no Colégio Universitário; a reprovação no exame de física; o vestibular para química na Universidade do Distrito Federal (UDF); a encampação da UDF pela Faculdade Nacional de Filosofia em 1937; o interesse pela ciência através do contato com o professor Victor Strawinsky; comentários sobre a UDF; a Segunda Guerra Mundial e o retorno dos professores estrangeiros à Europa; o ingresso na seção de ensaios biológicos e controle do IOC; as dificuldades para se tornar pesquisador; o incentivo do professor Hasselmann e o concurso de Manguinhos; a orientação do curso de química voltada para a formação de professores do segundo grau; os vínculos entre Brasil e Estados Unidos na área de química; o mercado de trabalho na área de química; a convocação para a guerra e o adiamento da contratação no IOC.

Fita 2 – Lado B a Fita 4 – Lado A

O trabalho desenvolvido na seção de ensaios biológicos e controle; a química no IOC; a implantação do ponto obrigatório no IOC; o papel de Gilberto Villela no desenvolvimento da bioquímica no Brasil; a produção de plasma seco durante a guerra; a relação dos pesquisadores do IOC com a Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro; o trabalho de controle de produtos farmacêuticos no IOC; a escassez de mercado de trabalho na área de pesquisa; a produção de penicilina no IOC; a produção de vacinas no IOC; a gestão Henrique Aragão no IOC; o prestígio pessoal como elemento fundamental na distribuição de verbas para o IOC; as irregularidades na administração do IOC; os inquéritos militares e administrativos no IOC e as perseguições aos pesquisadores; o Congresso de Microbiologia realizado em 1950; os desníveis salariais entre funcionários do IOC; o Curso de Aplicação do IOC; a transferência para a seção de micologia a convite de Arêa Leão; as disputas entre os pesquisadores pelo uso de equipamentos científicos.

Fita 4 – Lado B a Fita 6 – Lado A

A amizade com Masao Goto; o trabalho na seção de micologia; a interrupção da pesquisa em consequência da cassação e os planos para continuá-la ao retornar a Manguinhos; as pesquisas sobre câncer desenvolvidas por Arêa Leão; a atividade política e comercial da fabricação de vacinas; o perfil de Arêa Leão; a realização profissional na micologia; o veto de Rocha Lagoa à homenagem a Arêa Leão; o afastamento de Olympio da Fonseca do IOC e sua volta como diretor em 1950; a falta de incentivo à pesquisa no Brasil; o desenvolvimento da micologia no IOC; o desenvolvimento da micoteca; os cursos de Manguinhos na área de micologia; as dificuldades profissionais em consequência da cassação; o trabalho como professor de fisiologia e bioquímica de fungos; a importância da criação de um conselho administrativo no IOC; opinião sobre a administração de Sérgio Arouca; a ilegalidade do PCB e a apreensão de seus arquivos em 1964; o retorno a Manguinhos depois da cassação.

Fita 6 – Lado B e Fita 7

As aulas de micologia no Curso de Aplicação do IOC; o aproveitamento de alunos do curso como estagiários; a crise do IOC durante a gestão Olympio da Fonseca; a gestão Travassos da Rosa e a exoneração de funcionários; o trabalho desenvolvido na administração do IOC; os conflitos entre os setores de pesquisa e de produção; as dificuldades em conciliar pesquisa e administração; a surpresa pela cassação; o grupo de cassados e o entusiasmo pelo trabalho; a administração de Olympio da Fonseca; a produção de vacinas no IOC; o perfil de José Fonseca da Cunha e seu relacionamento com os pesquisadores; o interesse político-governamental na área de produção; as dificuldades para a realização de pesquisas no Brasil.

Data: 14/12/1987

Fita 1 – Lado A

WH – Dr. Moacyr a gente vai começar pelo começo mesmo.

MA – Sim.

WH – O senhor nasceu...

MA – Eu nasci no dia 22 de março de 1920, no antigo Distrito Federal, Rio de Janeiro.

WH – O senhor nasceu na cidade do Rio de Janeiro?

MA – Nasci no Rio de Janeiro mesmo, na cidade.

WH – O senhor poderia falar um pouco dos seus pais, seus irmãos, sua família, sua casa?

MA – Posso sim. Meu pai chamava-se Armando Franco de Andrade, era bancário, contador e minha mãe Juracy Vaz de Andrade, de prendas domésticas. Eu fiz o primário com professores em casa porque, naquela época, a escola pública ficava muito longe e não havia nenhuma escola particular perto de onde eu morava.

WH – Muito longe de onde?

MA – Eu nasci num lugar próximo ao Méier chamado Boca do Mato. Então ali era distante, fim da linha do bonde de Lins de Vasconcelos. Era difícil. Então, quando chegou a época, tive professora primária. A primeira formação em curso foi no Colégio Batista, onde eu fiz o exame de admissão e, posteriormente, todo o meu ginásial. Depois, completei no chamado Colégio Universitário, que era feito junto às Universidades. O Colégio Universitário pertencia à própria Universidade do Brasil. Meu curso de formação: eu sou Bacharel em química e sou licenciado em química pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

RG – Dr. Moacyr, desculpe, não vamos correr tanto e chegar logo nas Universidades, eu tinha umas perguntinhas a fazer...

MA – Então faça.

RG – Sobre a sua infância. Quer dizer, o senhor se criou na Boca do Mato, fronteira entre Lins e Méier...

MA – É. Lins de Vasconcelos é um pedacinho. Hoje eu creio que o Méier envolve tudo aquilo. Eu nasci na Rua Maria Luíza, onde hoje tem o hospital da Marinha. Lá em cima tem o hospital da Marinha, onde estão os internados do Césio 137.

RG – É lá então que se encontram as nossas vítimas.

MA – Exato.

RG – E o seu pai era bancário, ele trabalhava no centro da cidade?

MA – Trabalhava no centro da cidade. Ele trabalhava no Banco de Londres. Tive uma infância muito tranqüila, morando em boas casas. Eu sou de uma família pequeno-burguesa, apesar de ter atitudes renovadoras, talvez um tanto ou quanto até revolucionárias.

RG – Seria interessante para a gente, ver como se dá essa formação. Quer dizer, que tipo de família é uma família pequeno-burguesa? O pai bancário, a mãe tradicionalmente de prendas domésticas. Então, como se dá essa primeira formação e as suas mudanças?

MA – Eu acredito que o meio universitário, onde se discute de fato todos os problemas do país, é que acaba dando uma certa formação ao indivíduo. Creio que todos nós que passamos por uma universidade sofremos essa influência de professores, de colegas, dos órgãos de classe e estudantis. Então tudo isso ajuda na formação da gente.

RG – E a Escola Batista, como se deu essa sua entrada para a Escola Batista?

MA – Bom, apesar da família ser tradicionalmente católica, nós nessa época morávamos na Tijuca, na rua José Higino. E o Colégio Batista ficava muito próximo de casa e a minha mãe optou. Era preferível que eu tivesse um estudo com os protestantes batistas, e não uma formação católica como a maioria da família desejava. Então fiz todo o meu curso no Colégio Batista, pela proximidade de residência.

RG – O senhor não acha que foi marcante a influência dos batistas?

MA – Foi muito marcante, porque eles davam aos alunos, na época, um sentido de democracia e liberdade que eu acho que me ajudou a ter meus pontos de vista próprios. Eu não acredito que tenham me prejudicado, muito ao contrário, eu acho que eles me favoreceram.

RG – Eram americanos?

MA – Eram americanos os que dirigiam. Devo dizer que eu estava no primeiro ano, e eu era um bom aluno. No segundo semestre, houve uma mudança de professor de matemática e a turma toda saiu-se muito mal, inclusive eu. Então fui chamado pelo diretor do colégio. Eu, um garoto de 11 anos. Ele sentava numa grande poltrona, puxou uma cadeira, mandou que eu me sentasse ao lado dele, e então perguntou o que tinha havido que os meus resultados tinham sido tão desagradáveis em relação às notas. Eu disse: “Olha, o professor é muito competente, ele é um engenheiro, mas ele fala muito depressa, escreve muito depressa no quadro negro, apaga. Quem entendeu, entendeu, quem não entendeu fica por isso mesmo, daí o resultado que eu tive”, “Nós vamos dar um jeito nisso”. Agradeceu a minha participação e disse: “Bom, eu espero que o senhor tenha bons resultados. O professor vai ser avisado que precisa ter outro tipo de atitude com a turma, porque não foi só o senhor que saiu-se mal”. Eles chamavam o aluno de “senhor”, não é? Eu acho que isso dava um grande senso de responsabilidade; você era tratado como homem. O americano de vez em quando tem esse lado positivo, que é uma ligação, uma conversa de homem para homem. Então você sente isto. E, de fato, o professor mudou, não foi mudado o professor não, continuou o mesmo. Mudou a orientação dele, perguntando quem entendeu, quem não tinha entendido, repetia se havia necessidade de

novos exemplos e as notas foram boas. Posteriormente, eu fui chamado novamente à direção com o mesmo tipo de atenção, criando assim um senso de responsabilidade, para dizer que ele estava muito satisfeito porque eu tinha cumprido o compromisso assumindo me dedicar, tirar boas notas, e, então, ele queria se congratular comigo. Eu acho que a formação foi muito boa.

RG – Foi importante, não é?

MA – Muito importante para mim, acho.

RG – Era uma freguesia de bairro que ia à escola?

MA – Sim, praticamente eram todos indivíduos em volta. Naturalmente que tinha uma massa boa de alunos que eram protestantes, eram batistas, estudavam lá por isso.

RG – E era mista a escola?

MA – A escola era mista.

WH – Não tinha nenhuma exigência de acompanhar a religião, era uma escola aberta?

MA – Não. A única obrigação que você tinha era assistir o que eles chamavam um culto, em que se cantavam os hinos e que havia uma pregação por professores ou por pastores que liam um trecho da Bíblia e faziam comentários. Eu acho isso importante. Tanto que eu fui, devo esclarecer, um elemento do Partido Comunista, e não nego isso. Por que negar porque se o Serviço Nacional de Informações tem toda a minha ficha? Tinha. Mas não consigo por uma questão: nunca consegui ser um indivíduo sem religião. Eu sou religioso, e talvez por influência dessa formação, por influência familiar. De um lado, a família era católica; do outro lado, era espiritualista e eu sou cristão espiritualista.

RG - O senhor pode falar um pouco mais dessa vertente espiritualista, do que se trata realmente?

MA - Bom, como espiritualista, primeiro, eu acredito que a vida não termina com a morte. A única diferença que nós temos para algumas religiões - como a católica, por exemplo, que acha que cada espírito é um espírito novo que chega - os espiritualistas acham que existem reencarnações, como os budistas, os bramões e tudo mais. Então a minha espiritualidade é essa.

RG - Isso não é formalizado em nenhuma religião?

MA –Não. Eu não sigo nenhum culto especial, eu tenho uma formação minha, uma interpretação minha, mas é uma interpretação cristã espiritualista.

RG - E a sua família tinha essa tradição espiritualista?

MA- Minha avó era espírita. Eu não digo que eu sou espírita, porque eu não compareço a reuniões espíritas, não faço nada disso, mas me considero um cristão espiritualista.

RG - Agora, por exemplo, do lado da sua avó, isso não passou para sua mãe ou pai?

MA - Da minha avó paterna, sim, meu pai também era espiritualista.

RG- E eles freqüentavam...

MA- E era líder trabalhista bancário.

RG - Doutor Andrade, fale um pouquinho mais da sua avó, do seu pai. Como eram essas cabeças, essas pessoas?

MA-Olha, na verdade meus avós paternos me marcaram profundamente, porque além de ser o primeiro neto, eles foram meus padrinhos. Meu avô era um homem que, apesar de ser um negociante, tinha errado a vocação. Ele devia ter sido um livreiro, ter tido uma editora, porque tinha um grande amor a livros. Tinha uma biblioteca excelente e desde pequeno eu me acostumei a lidar com livros.

WH-Que tipo de literatura lia?

MA-Era principalmente literatura brasileira e portuguesa e história brasileira.

RG- Ele era brasileiro seu pai?

MA-Ele era brasileiro. Meu avô era brasileiro filho de portugueses. E me marcou por que ele tinha um conceito de chamar atenção de alguém exclusivamente em particular. Ele era incapaz de chamar a atenção de um filho, de um neto na presença de quem quer que fosse. Você era convocado ao gabinete dele - ele tinha um gabinete de estudos em casa - e você levava ali um carão daqueles, que você podia sair chorando, mas ninguém ficava sabendo o que ele havia dito. Ele achava que chamar a atenção de alguém na frente de outros era humilhar uma pessoa. Ele não tinha essa característica. A característica dele era chamar a atenção, tentar corrigir, dar exemplos, mas que não humilhassem ninguém, e eu aprendi isso. E é uma maneira que eu tenho na vida: se tenho que chamar a atenção de alguém, eu chamo em particular. Porque eu acho que se você chama a atenção de alguém na frente dos outros, você perde a razão, a criatura se fecha aos teus argumentos, e quando você chama em particular, você pode dizer coisas muito sérias e muito severas, mas você não humilha. Então é essa a minha formação.

RG- Esse avô era uma pessoa com quem o senhor convivia intensamente? Vocês moravam todos juntos?

MA- Morávamos. Num período morávamos separados. O vovô tinha uma filha muito querida que morava com ele e, posteriormente - ela morreu muito moça por problemas cardíacos - ele pediu ao meu pai que preenchesse aquela vaga da minha tia. Meu pai desfez a casa dele, a nossa casa, e nós fomos morar com meu avô.

RG- O senhor tinha muitos irmãos?

MA- Não, eu só tenho um único irmão. E na época ainda tínhamos um tio solteiro e um primo que morava com meu avô que cuidava dele. Era órfão de pai e mãe, foi meu avô quem o criou e morávamos todos juntos sim, em casas muito boas, com terreno amplo...

RG- Você falou que seu pai virou um líder trabalhista?

MA- Trabalhista, é. Ele foi fundador do Sindicato dos Bancários, do Instituto dos Bancários e sofreu muito por isso, porque naquela época não tinha convênio trabalhista como tem hoje que atinge a todos. Durante sete anos, ele era promovido dentro do banco, mas não tinha aumentos. Durante sete anos, ele curtiu o problema de ser um líder bancário.

RG- O senhor ficou sabendo como se deu isso? Como ele virou esse líder? Se era um grupo de pessoas?

MA- Não, era um grupo sim. Fundaram o Sindicato dos Bancários, lutaram contra a famosa “Lei Monstro” no tempo da ditadura do Getúlio e eu, naturalmente como garoto, participava vendo aquilo tudo, o interesse dele por isso. Era um líder sindicalista.

WH- Em que época começou essa...

MA- Olha, a “Lei Monstro” foi por volta de trinta e sete, no golpe de ditadura de Getúlio Vargas.

RG- E não era vinculado a organizações partidárias?

MA- Não, meu pai não. Ele era simplesmente um sindicalista.

RG- Certo, mas naquela época já havia assim um movimento...

MA- Já havia. Sim, ele tinha colegas que eram comunistas, é lógico, tinha colegas socialistas, mas meu pai era um espiritualista. Então, ele achava que não podia estar ligado a um partido, a partidos que tinham como condição a negação religiosa das criaturas. Talvez por isso ele não tivesse participado assim de um partido político.

RG- Mas dentro da sua casa havia assim muito diálogo...

MA- Muita liberdade e direito de cada um expressar os seus pontos de vista.

RG- Discutia-se muito...

MA- Discutia-se amplamente. Principalmente à hora da mesa, era a hora da reunião. Meu avô fazia muita questão que todos os filhos estivessem juntos na hora da mesa para trocar impressões.

WH- Na hora da mesa que o senhor diz é no jantar?

MA- Na hora do jantar principalmente. Na hora do almoço sempre é mais difícil por causa do trabalho de cada um. Muito bem, o que vocês querem saber mais da minha vida?

RG- Bom, essa parte toda da formação e mesmo a origem primeira das pessoas, como a religião, filosofia de vida, nos interessa muito.

MA- Agora, eu acho que eu achei os meus próprios caminhos, exatamente por amor aos

livros. Porque eu acho que é lendo que você se informa. Um homem intelectualizado ou intelectual encontra os próprios caminhos lendo. Então, eu li os livros que eu achei que eram básicos. Li *O Capital* de Karl Marx, li uma série de livros de ordem marxista e achei que do ponto de vista econômico-social aquilo estava certo.

RG- Como o senhor teve acesso a *O Capital*? Foi por amizade?

MA- Não, se comprava. Comprei, eu ainda tenho na minha biblioteca, não me desfiz absolutamente. Houve uma época em que, quando fomos cassados, meu pai falou assim: "Eu acho bom você tirar esses livros ditos subversivos da sua biblioteca e passar aqui para a minha casa". Nesta época morávamos num apartamento no décimo primeiro andar, em cima do papai e da mamãe que moravam no décimo andar. Então ele disse: "Bota na minha casa", eu disse: "Não. A polícia é mestre em fazer enganos, já pensou se ao invés de bater no mil cento e seis, batem no mil e seis, entram na tua casa enquanto você vai pagar pelo que não fez. Não absolutamente, deixa aqui". Assim como eu tenho os livros todos de marxismo, eu também tenho as Encíclicas Papais, a Bíblia, livros espiritualistas. Tínhamos o famoso livro proibido de Che Guevara; ainda temos. Acho que eu tenho o direito de pensar como eu quero. Eu acho que duas coisas são importantes num homem: a liberdade e o direito de amar. Para mim são coisas fundamentais.

RG- Mas, doutor Moacyr, quando eu perguntei o acesso a *O Capital*, eu quis dizer quando que o senhor ouviu falar do marxismo? Isso foi na sua casa ou foi posteriormente?

MA- Não, não foi em casa, foi mais no meio universitário onde se discutia uma coisa ou outra e eu curiosamente quis ler, me informar. Eu acho que é importante você ser bem informado. Como eu digo: eu aceito do comunismo todas as injunções econômico-sociais. Apesar de que hoje eu penso um pouco nisso: não sou mais um comunista, eu me diria assim um socialista. Chocou-me profundamente a invasão da Tchecoslováquia pelos russos. Foi quando eu rompi com o Partido Comunista. Não rompi com o comunismo, eu acho que os homens erram, as idéias não. Às vezes são mal aplicadas. Eu não compreendi. Ainda a intervenção na Hungria eu aceitei perfeitamente porque eu acho que houve uma tentativa de contra golpe na Hungria, um contra golpe de direita. Mas na Tchecoslováquia não houve isso. Talvez fosse a melhor possibilidade de se demonstrar ao mundo que poderia haver o comunismo com liberdade.

WH- Estão tentando isso. Agora parece que...

MA- Sim. Agora está havendo um novo tipo de abertura com Gorbachev, não é? Quem sabe se vai acertar, vamos ver... Eu acho que a teoria é perfeita, as aplicações é que não tem sido adequadas. O homem talvez ainda não esteja preparado para o comunismo. Porque comunismo é servir, e o homem ainda está muito ligado ao problema do lucro. Olha, eu estou fazendo uma confissão tremenda aqui. (*risos*)

WH- Agora me diga uma coisa Dr. Moacyr, a intervenção soviética em Praga foi em 1968, não é?

MA- Acho que foi em sessenta e oito.

WH- Desde que o senhor teve contato com a teoria marxista, enfim, o senhor passou o tempo todo militando, esteve o tempo todo perto do Partido?

MA- Não, eu fiz militância durante o período em que o Partido estava em liberdade aqui.

WH- Em 1946, não é?

MA- Em quarenta e seis, quando fecharam o Partido Comunista. Posteriormente, eu colaborava da maneira que me era possível.

WH- O senhor era filiado?

MA- Fui sim filiado, pertenci à célula do Ministério de Educação e Saúde, depois à célula aqui dentro do Instituto Oswaldo Cruz, fiz pregações em praça pública em Bonsucesso, no Rio Comprido, subindo morros, descendo morros. Eu cumpri a minha parte, pelo menos eu tenho a minha consciência tranqüila.

RG- Quer dizer, o marxismo apareceu como um conjunto de idéias. Agora, o Partido Comunista vai junto com a descoberta do marxismo ou num momento diferente?

MA- Você sabe: eu entrei no Partido Comunista com a liberdade de Prestes. O Prestes fez uma palestra na UNE e eu estava presente e posteriormente foram abertas inscrições para o Partido. Prestes era uma figura carismática, sem dúvida. E eu me inscrevi neste momento, e depois, naturalmente, entrei em contato com outros que eram. Nessa época, era Ministério da Educação e Saúde e então tivemos reuniões preliminares, foi organizada a primeira célula do Ministério da Educação e Saúde da qual fiz parte, posteriormente se desmembrou, isso cresceu, então passamos a ter uma célula aqui. Depois...

WH- Aqui em Manguinhos?

MA- Aqui em Manguinhos.

WH- Quando isso?

MA- Na época de liberdade do Partido.

WH- Em quarenta e cinco...

MA- Em quarenta e cinco.

WH- E esta célula continua existindo tanto no Ministério como aqui em Manguinhos?

MA- Não. Hoje eu não posso dizer se a célula continua existindo. Depois de quarenta e seis, após a situação de ilegalidade, apreensão dos registros do Partido, de tudo mais, não sei, sinceramente, como a coisa funciona. Fica difícil refletir.

WH- E era muita gente, o senhor sabe, esse pessoal do Ministério da Saúde ligado ao movimento?

MA- Do Ministério da Educação e Saúde era um bom grupo, era um bom grupo.

RG- E esse grupo funcionava onde, quer dizer, neste momento o senhor estava ligado a

qual instituição?

MA- Instituto Oswaldo Cruz.

RG- Ah, já era aqui em Manguinhos?

MA- Era. O Instituto de Manguinhos era do Ministério de Educação e Saúde. Depois foi feita a cisão, ficou Ministério de Educação e Ministério da Saúde, Manguinhos continuou na Saúde.

RG- Certo.

MA- Posteriormente, na Saúde, passamos a ter uma célula aqui, nossa no Instituto Oswaldo Cruz.

RG- E antes esta célula era...

MA- Esta célula era única do Ministério da Educação e Saúde.

RG- Ligada a outras unidades, outros departamentos...

MA- Tinha elementos, então foi crescendo e foram se desmembrando e se constituindo células nos diversos órgãos do Ministério de Educação e Saúde, como aqui também.

RG- Quer dizer que o senhor foi muito tocado e influenciado pelo pai do Prestes no Brasil?

MA- Sim, exatamente.

RG- Neste momento, o senhor se aproximou do partido individualmente?

MA- Individualmente.

RG- Não era um grupo de pessoas?

MA- Não, não. Ninguém me levou para o Partido. Eu me levei pelas minhas próprias pernas. Aqui, no inquérito, no IPM presidido pelo Dr. Olympio da Fonseca, ele me perguntou: “Quem levou você para a célula do Instituto Oswaldo Cruz?” Eu disse: “Ninguém”, “Por quê?”, “Porque eu fui um dos fundadores” (*risos*)

WH- O senhor podia citar alguns nomes dessas pessoas que estiveram vinculadas a célula do Partido?

MA - Não. Isso eu não faço.

WH- Não?

MA- Não. Eu acho que cada um assume o seu papel.

WH- Pessoas que já morreram por exemplo...

MA- Exato. Pessoas que já morreram, pessoas que ainda estão vivas, por que eu vou citá-las?

WH- Não. Eu estou só perguntando.

MA- Isso eu não faço.

RG- Não, sabe porque Dr. Moacyr, nós não estamos querendo que o senhor exponha ninguém. Não é essa a idéia, é claro que não.

MA- Lógico, eu conheço vocês.

RG- E que o seu depoimento tem um caráter histórico e talvez a gente nunca chegue realmente a outras pessoas que poderiam...

MA- Eu lamento. Eu sei qual é o objetivo.

RG- É, mas tudo bem.

MA- Mas por uma questão ética não citaria nomes. Olha, nós tivemos aqui inqueritos, estes inqueritos tem nomes, foram citados, etc. E exageradamente até, porque incluíram uma porção de elementos do Instituto Oswaldo Cruz que nunca foram do Partido. Quer dizer, eu estou me referindo aos chamados doutores. Então, aqui tem muitos. Lógico que aqui nós temos uma porção. Por exemplo, no grupo dos cassados, eu sempre digo isso, todos eram elementos esquerda. Alguns se diziam marxistas-leninistas. Eu, por exemplo, nunca me disse marxista, leninista, eu sou comunista. Hoje se me perguntarem eu digo: “Eu sou um socialista avançado.” Porque hoje, depois da história de Praga, tenho uma série de dúvidas da atuação dos tecnocratas comunistas. Então prefiro não citar nomes. Mas posso dizer que muitos aqui foram envolvidos e que não eram do Partido. Eram os chamados subversivos, porque eram todos elementos de esquerda. Quer dizer, cada um tinha um pensamento. Uns eram mais vermelhos, di gamos assim, outros mais rosados, mas não.

WH- O senhor podia pelo menos dar uma idéia mais ou menos de quantas pessoas eram nesse período de quarenta? Quantas pessoas, pesquisadores...

MA- A célula não era só de pesquisadores não. Uma célula envolvia subalternos também, técnicos, funcionários...

RG- E a idéia..

MA- Você quer que eu de números? Uns quarenta e poucos, mais ou menos.

WH- Isso em quarenta e cinco, quarenta e seis, não é?

RG- Na época da legalidade, não é?

MA- Na época da legalidade, na época da legalidade.

WH- E depois disso, o que foi acontecendo com essas pessoas?

MA- Bom. Você sabe que há o problema de receio. O sujeito começa a ver que as coisas não estão bem e então há um certo afastamento, não é? Alguns aqui, na época, fizeram declarações que tinham abandonado o Partido, etc. Isso é um problema de foro íntimo. Eu acho que se eu entrei por conta própria, no dia que eu tivesse de sair não teria que dar satisfação a ninguém a não ser a minha própria consciência. Essa é a maneira como eu penso. Por isso é que eu disse: “Para mim, o importante para o homem é a liberdade”. E a coisa mais importante.

RG- A gente tem muita curiosidade porque, o senhor sabe, até por conta da cassação, de tudo o que aconteceu em Manguinhos, as pessoas se fecharam muito, não é? Existe um grande silêncio em torno da história do Partido aqui dentro. Pode ser até uma outra história que não tem nada a ver com aquela posterior, não é? Mas por conta disso e por conta dessa eterna caça às bruxas, as pessoas silenciaram durante muitos anos. É verdade. Então, a gente co nhece muito mal essa história. Mesmo sem dar nome às pessoas, a gente gostaria que o senhor contasse o máximo que o senhor pudesse deste momento. O que vocês faziam? A célula, basicamente, visava fazer um tra balho interno aqui em Manguinhos ou um trabalho mais para fora?

MA- Não. A célula aqui, por exemplo, tinha uma atividade muito ligada à favela de Manguinhos. Permanentemente nós fazíamos visitas. O Partido era livre. Durante todo o período eleitoral, por exemplo, nós freqüentávamos a favela de Manguinhos, levávamos informes, conversávamos com favelados, íamos à casa de cada um deles. Discutíamos, fazíamos reuniões e também nos reuníamos aqui. Fazíamos cursos de esclarecimento para o pessoal menos esclarecido que tinha aceito o Partido por uma questão, digamos, de simpatia, mas sem entrar no mérito da parte teórica da coisa, não é? Então, tudo isso se fazia aqui na célula que foi desfeita depois com a ilegalidade do Partido para evitar que alguns pudessem ser vitimados por causa disso.

RG- Aí se manteve um sistema que continuou?

MA- Sim, um Partido que continuava agindo, colaborando da melhor maneira possível. Só. Mais nada. Mas já não haviam reuniões, nada disso.

RG- O senhor acha que esse momento marcou Manguinhos, a fase de ter havido essa célula grande de quarenta e poucas pessoas? O senhor acha que foi alguma coisa que deixou um resultado a longo prazo na mentalidade das pessoas?

MA- Eu acho o seguinte: alguns indivíduos que já tinham uma conceituação melhor do que era o comunismo, o que pretendia, quais as finalidades, esses se conservaram elementos de esquerda. Como continuam com seus ideais, com sua maneira de ser. Todas as vezes que havia uma eleição, que sabíamos que tinham uns candidatos embutidos em determinados partidos de esquerda, esses indivíduos eram votados. Era uma maneira que se tinha de trabalhar na ilegalidade. Essa é a verdade.

RG- Bom. Eu vou sugerir da gente voltar para trás. A gente agora correu, mas a gente falava da influência da sua família e da escola Batista, um pouco da sua história de vida. O senhor saiu da Escola Batista para esse curso preparatório?

MA- Exatamente, que era o chamado de Colégio Universitário, era da universidade. Eu fiz junto à Faculdade de Medicina. Posteriormente, eu resolvi fazer química e fiz. Aí me inscrevi na UDF, antiga Universidade do Distrito Federal.

RG- E o senhor chegou a ir para medicina?

MA- Não, não fui para a medicina.

RG- E pensava em ir?

MA- É, desisti.

RG- Por quê?

MA- Não desisti. Muito fácil. Foi a única reprovação que eu tive na minha vida. Eu passei em conjunto, e fui reprovado em física pelo professor. Porque naquela época nós éramos examinados oralmente também. Eu tive nota suficiente, fiquei com dois virgula sete. Eu precisava de três. Sendo que eu tirei zero na oral com o professor Carlos Chagas que foi um dos examinadores.

WH- Carlos Chagas Filho?

MA- Filho. Ele já era professor da Faculdade de Medicina e me examinou. E eu me lembro do exame porque me marcou profundamente. Caiu fotometria. E eu tinha estado doente, perdi três meses, tive uma infecção intestinal...

Fita 1 - Lado B

MA- ... e quase morri nessa época. O resultado foi que eu perdi muitas aulas. E justamente lá você sorteava um ponto. E os professores insistiam. Só que você tinha que responder aquele ponto. E para mim, por azar, caiu fotometria que era uma parte prática que eu não tinha visto, que eu não sabia. E ele insistiu o tempo todo. Depois, eu fui examinado pelo assistente dele. Sai-me bem. Mas quando chegou na hora da nota, como o Carlos Chagas me deu zero, o assistente não teve disposição de me dar uma nota melhor. E eu fiquei com média dois pontos sete em física. E eu precisava de três. Eu tinha seis ponto sete em conjunto. Tinha vaga, tinha tudo. Eu pleiteei com meu pai, porque eu era menor, não podia requerer revisão de prova. Mas meu pai era um homem muito severo em certas coisas. Então não admitia que fosse pedir uma revisão de prova, desconfiar da nota do professor. Porque eu tinha certeza que se fizesse uma revisão de prova com o argumento que eu tinha, eu teria uma nota suficiente para fazer os três pontos. E tinha uma nota três que dava para passar no curso de medicina.

WH- O senhor precisava de três?

MA- Três. Foi a única disciplina em que eu fui reprovado. Foi em física. Então, o que aconteceu? Logo depois abriu exames para a Universidade do Distrito Federal, não é? E eu então fiz os exames para lá, o vestibular para lá. O exame era severíssimo. Eu fui examinado em física, estudei sozinho. Fui examinado em física e passei muito bem. Eu passei em segundo lugar e fiz o curso de química todo. Não na UDF, porque pouco depois a UDF foi encampada. Justamente em 1937, veio o golpe. Lá se foi a UDF, passou então

a ser a Faculdade Nacional de Filosofia, que aproveitou. Então, eu sou resto da UDF na Faculdade Nacional de Filosofia onde terminei o meu curso. Foi isso que aconteceu.

WH- Eu queria voltar para o ginásial: nesse período, quais as matérias que o senhor mais gostava? Como foi sua formação primária e secundária?

MA- Bom, eu devo o meu interesse pela química, pela biologia a um professor, que tinha feito curso nos Estados Unidos, Vitor Strawinsky. Ele tinha feito um curso de biologia, de química nos Estados Unidos e dava aulas muitíssimo motivadoras.

RG- No Batista?

MA- No Batista. E isso marcou profundamente. Eu justamente escolhi a área de biologia. Interessei-me por medicina e depois, principalmente, por química. E eu hoje faço bioquímica. Procuo fazer bioquímica de cogumelos.

WH- O senhor disse que ele dava aulas motivadoras, o que o senhor quis dizer?

MA- Porque ele veio com conceitos muitos modernos em física, em química, em biologia e as aulas dele eram muito interessantes. Muito interessantes mesmo.

RG E eram práticas?

MA- É, ele fazia uma boa parte prática. E isso motivava extraordinariamente os alunos. Então, Vitor Strawinsky foi um professor que me marcou no ginásio.

RG- O senhor acha que realmente foi uma descoberta de uma vocação que estava latente?

MA- Sim. Exato. Eu achei que ele me motivou o suficiente. Eu poderia, naturalmente, enquanto estava fazendo química, voltar a fazer medicina. Mas existem certas coisas que tem o dedo do destino. Como espiritualista eu sou meio fatalista e pactuo que estava escrito. E continuei o meu curso. Quando acabei o meu curso, houve o concurso para Manguinhos e eu vim para cá. Em uma carreira que noventa por cento eram médicos. Então me senti bem aqui. Achei que eu poderia me realizar aqui. Como de fato me sinto realizado. A volta a Manguinhos, para mim, foi uma coisa extraordinária.

RG- E a sua família lhe deu todo apoio quando o senhor manifestou esse interesse por essa área?

MA- Meu pai era muito aberto a isso. O que ele tinha de exigente em relação aos estudos, ele era muito aberto a que eu fizesse aquilo que eu tinha vontade de fazer.

WH- Ele era exigente em relação aos estudos?

MA- Era exigente. Ele era desses que gostavam de ver o boletim para ver se as notas estavam boas. Quando não estavam, ele chamava a atenção.

WH- O senhor acordava cedo para estudar e ir a escola?

MA- Sempre. Sempre tive horário para as coisas. Até hoje, eu sou um professor que chego

sempre na hora, antes da hora. Eu acho que para você disciplinar, você tem que ser disciplinado, sabe. Senão não consegue.

RG- É a história do exemplo, não é? Mas então o senhor descobriu essa vocação e como o senhor descobriu esse curso preparatório chamado Universitário?

MA- Você não tinha um segundo ciclo. A reforma tinha dado cinco anos de ginásio, como eu fiz, em que você saía bacharel em humanidade, e mais dois anos em complementar que você poderia fazer no Colégio Universitário. E depois começaram a aparecer cursos ligados a diversos outros colégios. Mas o Colégio Universitário era gratuito. Meu pai era bancário, então a vida era difícil, não é? Eu, por exemplo, fiz todo o meu curso superior sem ter condições de comprar livros. Eu lecionava, preparava alunos para fazer a admissão no Pedro II. Isso dava para as minhas despesas de rapaz, mas não dava para comprar livros. Então, eu estudava na biblioteca da Universidade.

RG- Que coisa, não é? Tão diferente de hoje em dia. Hoje existem copias...

MA-É. Hoje tem muito mais facilidade, você tem a xerox, você copia as coisas, não é?

RG- Ilegalmente, não é?

MA- Ilegalmente, mas todo mundo faz isso... (*risos*)

RG- Porque existe uma briga por direitos autorais, mas todo mundo faz isso.

MA- Isso. Exatamente. Você está deixando de cumprir a lei dos direitos autorais, mas infelizmente aqui é país subdesenvolvido. Os livros são caros e todo mundo faz isso.

RG- Então o senhor foi para esse Colégio Universitário. Qualquer um podia entrar para esse colégio ou tinha que fazer uma prova?

MA-Não... Olha, você agora me fez uma pergunta... Não, não foi feito prova. Você se inscrevia e formavam turmas múltiplas e eram ligadas, então eles chamavam pré-medicina, pré-direito, pré-engenharia. Todos no Colégio Universitário, ligados a esses cursos da universidade.

RG- Qual é a sua apreciação desse curso? Foi um bom curso?

MA-Eu acho que foi um curso muito bom, muito bem feito, com professores ligados à própria Faculdade de Medicina. Então você já começava a se sentir no ambiente...

RG- E, nessa época, o senhor já fez amizades que depois duraram posteriormente? Pessoas já mais ligadas à área de interesse?

MA- É. De uma maneira sim. Eu tenho bons amigos daquela época.

RG- Interessante. Alguém foi com o senhor depois para a UDF ou veio para cá para Manguinhos?

MA- Não, não na UDF. Ninguém fez concurso para a UDF. Basta dizer o seguinte:

naquela época, tinham 20 vagas para cada um dos cursos da UDF, inscreveram-se quatorze e só passaram três.

RG- O senhor tirou o segundo lugar e depois vem o terceiro e acabou?

MA- Acabou, não tinha mais. Os outros foram excluídos. Depois eles aceitaram a transferência de... Aquilo era um curso para formação de professores. Então nós tivemos duas colegas que eram da Escola Nacional de Química que foram fazer o curso também lá. Já estavam praticamente formadas e fizeram o curso conosco. Duas não, três: uma já formada e as outras duas concluindo o curso de engenharia química na Escola de Química. Naquela época, era químico industrial; agora é que se chama de engenheiro químico.

RG – Como o senhor descobriu a UDF? Ela era meio nova, ainda pequena.

MA – Não. Quando eu entrei para a UDF, ela já funcionava há quatro anos. A UDF foi criada pelo Anísio Teixeira, um grande educador brasileiro. Foi a tentativa de se fazer de fato uma universidade. Eu tinha uma prima que tinha entrado para a primeira turma e foi ela quem sugeriu que eu fizesse o vestibular para lá.

RG – A prima era de que área?

MA – A prima era de química também.

RG – Ah! Mulher na ciência! Eram poucas mulheres ligadas às ciências, não é?

MA – Eram poucas mulheres. Exato.

RG – E essa prima era uma pessoa próxima?

MA – Era prima-irmã de minha mãe.

RG – Então a prima que tinha feito a descoberta...

MA – Tinha feito e disse: “Olha, é um bom curso. Você vai ficar muito satisfeito. Faz, tenta fazer. Não fica esperando”. Porque a minha idéia era me preparar para o vestibular de medicina no ano seguinte. E eu então estudei e me preparei durante um período de dois meses entre o vestibular que eu tinha feito e sido reprovado em física e o novo vestibular. E fui examinado por um dos professores mais competentes em física, que foi o professor Joaquim Costa Ribeiro. Extraordinário. Fui aluno dele depois em física. O exame oral demorou simplesmente uma hora e vinte minutos. Ele ficava com uma folha de papel na frente, fazia uma pergunta a você. Ele dava outra folha para você. Tinha que desenvolver uma fórmula. E depois eu de olho assim via que ele marcava “mais” ou “menos” na resposta que você dava. Depois ele somava. Ele era muito metódico. Posteriormente, eu fui aluno dele em física superior e ele enchia o quadro negro. Quando ele acabava a aula, você não precisava copiá-la, não precisava anotar nada durante o tempo que ele estava falando. Ele tinha uma letrinha pequena, mas muito nítida. Ele enchia o quadro negro de ponta a ponta. E quando acabava a aula, estava a aula toda resumida no quadro negro. Aí você ficava lá e copiava tudo aquilo e estava pronto. Foi um grande mestre.

WH – Isso o senhor diz, o exame para ingresso na UDF, não é?

MA – Na UDF.

WH – Na química. Esse era professor da UDF?

MA - Ele examinou em física que era o meu problema. Em química eu não tinha receio. Mas eu tinha sido reprovado em física e estava meio cabreiro, como se diz. Mas passei muito bem.

RG - Ele foi seu examinador e foi professor também na UDF?

MA - Foi professor. Ele foi da UDF e depois na Filosofia.

RG - O senhor poderia dizer como foi esse exame quanto às outras disciplinas? Como é que o senhor fez exame?

MA - Na UDF? O exame era o mesmo tipo que se fazia nas faculdades oficiais. Você tinha uma prova escrita, tinha uma prova prática, e tinha uma prova oral.

RG - De física, química e biologia?

MA - Química e biologia, que naquela época se chamava história natural.

RG - Eram as três cadeiras?

MA - Não. Tinha mais. Tinha português, tinha matemática.

WH - Tinha uma língua obrigatória?

MA - Eu acho que não tinha língua, não, obrigatoriedade de língua não. Posteriormente era que você fazia curso de língua.

RG - Na época que o senhor entrou, o senhor sabe quem dirigia? Porque a UDF é curta e tem uma trajetória bem intensa e tumultuada, não é?

MA - Olha eu estive na UDF por um período muito curto, três meses.

RG - Ah! Só isso.

MA - Só. Porque foi só fazer o vestibular e entrar. E veio o golpe de 1937 e a queda do Prefeito Pedro Ernesto, e o reitor da UDF era justamente Anísio Teixeira, então, foi englobado. Eles foram perseguidos, etc...

RG - O senhor já estava nessa época lá?

MA - E então tive três meses de UDF, e passei para a FNF. Quer dizer, a Faculdade Nacional de Filosofia foi montada em cima da estrutura da UDF.

WH - Foi todo o pessoal absorvido pela...

MA - Uma boa parte absorvida.

WH - E a outra parte ficou...

MA - A outra parte não.

RG - Se perdeu no meio do caminho?

MA - Se perdeu...

WH - Mas se perdeu por quê?

MA - Eu creio que os que não foram aproveitados eram aqueles que, provavelmente na época... Eu não posso dizer bem... Eu era muito rapazote ainda e talvez essas coisas ainda não tivessem, para mim, um significado maior. Mas eu acredito que fosse por um motivo político. Aqui por exemplo, de Manguinhos, tinha um professor o velho Travassos...

RG - Lauro Travassos?

MA - Lauro Travassos. O assistente dele era o Herman Lent.

WH - Já era o Herman?

MA - Ele era assistente do Travassos na UDF. O Domingos Machado foi da primeira turma da UDF.

RG - Foi aluno, não é?

MA - Foi aluno da UDF. Eu acho que ele ainda acabou na UDF, porque eram quatro anos, não é?

RG - Foi.

MA - Foi. No período em que eu estava entrando, ele estava saindo.

RG - Quer dizer que o senhor nem chegou mesmo a participar?

MA - Não, da UDF eu não participei. Infelizmente não deu. Sei pelo que se contam que foi uma tentativa do Anísio Teixeira de se fazer uma universidade moderna, em que o ensino fosse feito junto com a pesquisa, com a parte experimental. Estava muito bem aparelhada e infelizmente...

RG - O senhor poderia dizer alguma coisa sobre a estrutura? Como se organizava?

MA - Olha, quem poderia talvez dar melhores informações a vocês sobre a UDF - eu não sei se vocês já entrevistaram - é o Domingos Machado. Entrevistaram?

RG - A gente entrevistou sim.

MA - Ele não falou sobre a UDF?

RG – Falou sim. Mas o caso é que quanto mais...

MA - Porque ele tem uma vivência boa da UDF.

RG - A gente falou bastante. Mas cada pessoa tem uma outra maneira de perceber as coisas.

MA - Na verdade, ele era de um curso, e eu era de outro.

RG - Pois é. Então isso não teria importância. Seria ótimo se o senhor tivesse mais experiência, mas já que o senhor não tem...

MA - Não. Foi muito curto. Foram três meses mais ou menos.

WH - O senhor disse que a Faculdade Nacional de Filosofia incorporou a estrutura de UDF, não é?

MA - A Faculdade Nacional de Filosofia foi montada sobre a estrutura que já existia da UDF. Porque é lógico que a filosofia não tinha aquela mesma característica moderna que tinha a UDF. Simplesmente porque ela tinha que seguir os parâmetros normais das universidades federais da época. Então alterou um pouco o tipo de estrutura que tinha sido criada para a UDF.

RG - Mas, Dr. Moacyr, entre a suspensão das aulas da UDF e a instalação da Filosofia, não houve um espaço de tempo?

MA - Olha, foi uma coisa muito curta. Foi uma coisa muito curta. Tanto que não se perdeu o período letivo.

RG - Eu achava que tinha maior essa coisa de ter ficado sem escola até resolver como ia dar continuidade...

MA - Nós passamos a usar os laboratórios de departamentos - a parte de química que eu posso lembrar - de órgãos do governo. Alguns professores já estavam e outros foram nomeados posteriormente, e tudo mais.

RG - Então o senhor fez o vestibular para a UDF e aquele mesmo vestibular serviu para a Faculdade de Filosofia?

MA - Certo. Porque eu fui aluno transferido de uma universidade para a outra.

RG - Não houve interrupção nenhuma e sim uma continuidade.

MA - Não.

RG - E quem foram seus professores então na Filosofia? Eram os mesmos ou mudaram?

MA - Olha, eu me recordo do professor Joaquim Costa Ribeiro que foi meu examinador na UDF e era professor da UDF. Posteriormente, eu tive o professor Barros Terra em

química orgânica e em química fisiológica. Tive o professor Djalma Hasselmann. E tive o professor Camilo Forlesa que era italiano. Foram contratados vários professores italianos, na época, para a Faculdade Nacional de Filosofia. E eu tive o professor Camilo Forlesa, que era da Universidade de Pádua.

RG - Era um bom professor?

MA - Muito bom professor. Muito bom professor. Excelente.

RG - O senhor diria que teve bons professores?

MA - Bons professores. (*interrupção de fita*)

RG - Pronto, agora está gravando.

MA - Está gravando? Muito bem. Nós estávamos falando do professor Camilo Forlesa, não é?

RG - Quando faltou luz e a gente interrompeu a gravação.

MA - Basta dizer a qualidade: ele tinha sido um professor italiano que acompanhou Madame Cury numa visita à Itália. Foi ele o homem designado. Então, sujeito de grande gabarito. Lamentei que posteriormente, com a guerra, ele tivesse ido embora, retornado. Ele tinha até me indicado, eu seria o assistente dele na faculdade posteriormente. Foi uma chance que eu perdi.

RG - Deixa eu perguntar sobre a guerra. Ele teve que voltar por ser súdito e cidadão italiano?

MA - Súdito italiano. Exatamente. E o Brasil rompeu relações com o eixo, com a Itália, Alemanha, e posteriormente com o Japão. Então, esses professores que estavam aqui foram embora.

WH - Doutor Moacyr, continuando a guerra, tem duas questões que eu queria tocar: a química parece muito influenciada e muito perto da química alemã e da Itália, não é? Nesta época da guerra, a maioria dos estrangeiros que estavam trabalhando tanto alemães, quanto italianos voltaram para os seus respectivos países?

MA - Voltaram. Parece-me que dos professores italianos da Universidade somente um naturalizou-se brasileiro, o Mamana. Ainda tem filhos aqui, que são professores universitários, me parece. Mas eu sei que o Camilo Forlesa voltou e outros mais voltaram também.

RG - Alemães também?

MA - Eu não sei se tinha professores alemães. Eu acho que na universidade não. Eu sei que o grande convênio tinha sido com a Itália. Tínhamos um bom grupo de professores italianos.

WH - E me diga uma coisa: esse convênio com a Itália era por quê motivo? Que tipo de

conhecimento, de técnicas eles tinham na área de química que o Brasil ...

MA - Eu acho que era uma questão de aproximação política da época de um governo fascista do Getúlio com o Mussolini, fascista italiano. Então favoreceu esse convênio.

WH - E eles não detinham nenhum conhecimento?

MA - Então, forçado aqui por movimentos populares, o governo foi obrigado a se afastar do eixo e teve que se aproximar dos aliados. E isso acabou com a história do torpedeamento dos navios brasileiros. E acabamos declarando guerra ao eixo também.

WH - Mas em termos da própria química, esses professores tinham conhecimentos que aqui não estavam desenvolvidos?

MA - Não. Eu acho que eles não trouxeram nada de extraordinário. Eram excelentes professores de nível, mas não na situação de pesquisa. Eram mais professores universitários do que propriamente gente ligada a pesquisas especiais.

WH - Não trouxeram nenhuma técnica nova?

MA - No meu setor, que eu tivesse observado, não.

RG - Eu queria até fazer um pouquinho de retrospecto porque o Sr. ia fazer medicina quando a sua prima disse: “Faça o vestibular para química que você vai gostar”. O Sr. tinha interesse particular na química?

MA - Não, eu já gostava muito de química. Eu disse que eu tinha sido altamente influenciado por esse professor do ginásio para a parte de química, física e biologia. Então tive uma inclinação para medicina, houve uma pedra no caminho e eu aproveitei e resolvi fazer o curso de química que era aquela que me dava mais entusiasmo.

RG - E o Sr. tinha um projeto em relação à química? Queria ser pesquisador? Queria ser professor? Como o Sr. via a sua profissão?

MA - Não. A minha primeira impressão seria ser professor ligado à parte de pesquisa. Eu achava conveniente que em toda cadeira você tivesse uma boa parte experimental. Eu achava que isso seria a grande realização da vida de alguém que seguisse o magistério, principalmente o magistério superior.

WH - Mas o sr. continuou estudando para tentar medicina?

MA - Não, não.

WH - O sr. desistiu por quê?

MA - Eu desisti porque exatamente quando eu acabei meu curso de química, houve um concurso para Manguinhos, e eu fiz o concurso para Manguinhos e vim para cá e então eu entrei num meio que era de medicina experimental, isso para mim já me satisfazia plenamente. E eu queria me realizar dentro desse setor. É verdade que quando você chegava aqui, você ia ser jogado na parte de trabalho de tecnologia e não de pesquisa.

Durante muito tempo, eu fui obrigado a fazer isso. Eu vim designado para a seção de ensaios biológicos de controle, seria o que faz hoje o INCQS. É o que fazia essa seção. Trabalhava para o Ministério da Saúde no controle de vacinas e produtos farmacêuticos, cosméticos. Então durante muito tempo eu trabalhei nesse setor.

WH - Essa era uma visão geral? Ou seja, não era só do Instituto pensar que uma pessoa formada em química estaria muito mais voltada para área de tecnologia, de controle?

MA - Não, porque na nossa seção entraram comigo em concurso... Quer dizer, esse concurso foi realizado várias vezes. Era da nossa seção o Amadeu Cury que foi reitor da universidade - posteriormente ele passou para a seção de micologia -, o Fernando Ubatuba. Eram médicos e trabalharam lá também. Porque você tinha ensaios biológicos que normalmente são feitos por médicos, são feitos por químicos, são feitos por farmacêuticos.

RG - Mas as pessoas entravam para estes setores porque queriam vir para Manguinhos e aproveitar alguma vaga que existia ou é porque era um emprego?

MA - Bom. Talvez a chance fosse vir para Manguinhos e depois tentar aqui dentro se realizar na parte de pesquisa. Como quase todos depois deixaram a parte de tecnologia propriamente dita. Foram convocados, conseguiram se ligar a outros grupos de pesquisa.

WH - Mas o eu lhe perguntava Doutor Moacyr, é se essa visão do químico... O senhor disse que a porta de entrada para o químico, no Instituto, era pela parte tecnológica de controle de doenças.

MA - Não. Não era só o químico. Todos os que entraram aqui nesta época, foram lotados nessa seção. Depois, aos poucos, eles foram conseguindo sair dessa seção e serem designados para outras seções onde se fazia pesquisa e não mais rotina. Porque era uma rotina, mas era uma rotina muito ampla. Porque nessa época, quando você fazia o controle de um medicamento você não tinha como hoje já vem da saúde, já vem no processo, toda a técnica de doseamento dos componentes. Naquela época, você é que estudava isto. Não havia ainda esse tipo de organização. Então isso dava uma visão também muito ampla. Obrigava você a estudar. Eram verdadeiras pesquisas que você fazia para realizar. Mas, você não tinha tempo, pela massa de análises que recebia, de publicar algumas coisas nem nada. Então você começava a sentir aquela necessidade absoluta de sair dali para trabalhar numa seção onde pudesse fazer exclusivamente pesquisa. E assim, aos poucos, a gente ia largando a tal seção de ensaios biológicos e controle. Até que um dia, eu fui convidado para a seção de micologia.

RG - Bom, um queria pedir um tempo. A gente sabe do seu problema de tempo, para nós não tem importância. Mesmo que o senhor tenha que interromper, a gente faz a opção de ir devagarzinho, ir interrompendo quando for necessário para a gente não se afobar e perder uma parte interessante do seu itinerário, está certo? Eu queria voltar um pouquinho para a Faculdade de Filosofia. O senhor falou nesse professor italiano, que foi uma pessoa importante, não é? Na sua formação falou do professor Hasselmann também, não é?

MA - Djalma Hasselmann.

RG - Ele é parente de Silvia Hasselmann? É a mesma família?

MA - Sim. É pai da Silvia Hasselmann.

RG - É. E foi também um professor...

MA - Foi um professor a quem eu estive muito ligado, porque fui um dos melhores alunos dele em química analítica qualitativa e quantitativa. Ele tinha por hábito que os alunos deixassem aonde se encontravam nas férias. Eu estava de férias na casa de um tio em Copacabana, não tinha telefone. O Hasselmann viu o concurso. Achou que eu deveria fazer o concurso para cá. Telefonou para uma vizinha pedindo que eu fosse com urgência à faculdade. Eu fui e ele disse: “Tem um concurso para você no Instituto Oswaldo Cruz e eu quero que você faça”. Então eu fiz o concurso e passei.

RG - O que o senhor achou da idéia? O senhor já tinha uma idéia de Manguinhos, uma visão prévia?

MA - Não. Eu não tinha de fato idéia de Manguinhos. Manguinhos não tinha entrado nas minhas cogitações. Indiscutivelmente, o destino é que encaminhou assim. Aliás, uma das emoções mais importantes na minha vida foi o primeiro dia que eu subi... Porque não existia a Avenida Brasil ainda, você vinha pela Leopoldo Bulhões, não é? Saltei lá e vim subindo, quando eu cheguei pelo caminho que você ainda vem por detrás, e vi o prédio de Manguinhos, eu tive uma emoção enorme. Eu achei que aqui eu ia encontrar um velhinho muito amigo, muito bom que ia me dar as mãos, ia me fazer alguma coisa. Não foi assim tão fácil não. Foi muito duro o caminho para você chegar a fazer pesquisa aqui.

RG - Existia um mito de Manguinhos?

MA - Existia. Você chegava aqui. Você sentia que havia muito amor à casa. Todos aqui tinham raízes. E você sentia isso. No fim de algum tempo, você criava as suas raízes aqui. Foi justamente uma das coisas mais dolorosas, você ser arrancado de um momento para o outro aqui de Manguinhos. Assim meio inesperadamente quando nós fomos cassados. Porque você cria raízes.

RG - Mas a primeira emoção mais forte que o senhor sentiu naquela primeira vez, antes de criar raízes, antes de saber o que lhe esperava, todas aquelas durezas da vida de pesquisador no Brasil - talvez até no mundo, mas no Brasil particularmente - o senhor tinha essa emoção por Manguinhos pela história de Oswaldo Cruz?

MA - Não. Quando eu verifiquei que vinha trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz, que fiz o concurso para cá, eu comecei a me interessar pelo Instituto. Eu já sabia a história de Oswaldo Cruz, o problema da febre amarela. Então tudo isso me motivou. Mas eu não conhecia o prédio em si. Então, pela primeira vez, eu vim naquele dia, porque tinha que me apresentar.

RG - Naquela época não se vislumbrava o prédio?

MA - Não, você não via. Era virado para cá. Ali não tinha passagem nenhuma, era mato, alagado. Eu vi abrir a Avenida Brasil.

RG - Só conhecia o prédio quem freqüentava o Instituto?

MA - Só quem freqüentava. Porque no início vinham a Manguinhos por mar. Saíam do cais num batelão e vinham por mar até Manguinhos, onde tem hoje o prédio do Ministério. Ali, mais adiante, tem um trecho ainda de cais onde encostava o batelão. Eles vinham de batelão e depois pela Leopoldina. Era como se chegava a Manguinhos.

WH - Bom. Eu queria fazer uma pergunta ainda em relação ao seu curso de química. Eu queria que o senhor me explicasse como que se estruturava esse curso. O senhor estudou quatro anos não foi?

MA - Quatro anos.

WH - Como se estruturava o curso de química na Faculdade Nacional?

MA - Naquela época, você sabe que não tinha créditos como hoje. Era primeira, segunda, terceira, quarta série. E você depois fazia a parte didática para poder ter a licenciatura. Então tinha um grupo de disciplinas...

WH - O senhor poderia nomear essas disciplinas?

MA - Se eu soubesse que você ia me fazer essa pergunta eu poderia... Eu sou capaz de ainda ter guardado todos os programas de cada uma das minhas disciplinas.

WH - Eu quero saber, doutor Moacyr, qual era a orientação desse curso de química? O que se pretendia dar ao aluno?

MA - A orientação do curso de química era...

Fita 2 - Lado A

MA - Era para formação de um professor de 2º grau. Essa era a finalidade principal da Faculdade Nacional de Filosofia.

WH - E em termos de conteúdo?

MA - Terem professores capazes, competentes para o segundo grau, não é? Então o conteúdo era do tipo de todos os cursos de formação superior. Em química, por exemplo, tinha química geral, inorgânica, química analítica qualitativa, química analítica quantitativa, química orgânica, química fisiológica, física, físico-química, física superior, matemática... Era o tipo de formação que se tinha.

WH - Era um curso muito mais próximo da física, da medicina?

MA - Não. Eu diria que era um curso mais próximo da química mesmo, da formação de um engenheiro químico, mas visando principalmente a formação do professor.

WH - Quer dizer, não tinha orientação para pesquisa. O senhor acha que faltou esse lado?

MA - Eu acho que ainda hoje, com raras exceções, tanto é que se criaram Instituto de Física, Instituto de Biofísica com intuito de dentro de determinadas cadeiras puxar um

grupo de alunos interessados para a parte de pesquisa. Naquela época ainda não tinha isso. Ainda não havia isso.

WH - E nesse momento que o senhor decide estudar química, e passa quatro anos na universidade, o senhor tinha um panorama da química? Como ela estava desenvolvida no Brasil? Quais eram os caminhos possíveis dentro dessa área? Enfim, qual era o nível de desenvolvimento da química no Brasil?

MA - De um certo aspecto tinha. É como eu digo: o destino, de vez em quando, empurra você para determinados lugares. Eu tive uma bolsa da Kellogg's Company, que era uma grande multinacional de alimentos nos Estados Unidos. E eles lá já faziam determinações quantitativas de vitaminas. Eu tive a bolsa para ir os Estados Unidos, não fui porque na época estava namorando firme, noivei. E por causa do casamento, não fui aos Estados Unidos.

RG - Isso na época em que o senhor estava se formando?

MA - Estava acabando meu curso, era para dar continuidade. Aí veio o concurso de Manguinhos, então havia possibilidade de casamento e essas coisas todas. Isso barrou a minha ida aos Estados Unidos. Posteriormente, eu também tive uma bolsa do Instituto Tecnológico de Massachusset e não fui também porque não poderia levar a esposa durante um período grande. Eu era recém casado. Então tudo isso pesa na balança, não é?

WH - Quer dizer, nesse período que o senhor estava estudando, um dos pontos de referência eram os Estados Unidos?

MA - Sim. Porque era onde você podia se desenvolver de certa maneira, dentro daquilo que lhe interessava. Eu fiquei muito interessado na parte de vitaminas.

WH - Durante o seu curso?

MA - Durante o meu curso. Era uma parte que ligava o que eu gostava muito, que era a parte de analítica quantitativa indo para a parte de orgânica, que era uma coisa que não se fazia muito ainda aqui, a parte de determinação de vitaminas, principalmente em alimentos. Eu achei que era um caminho interessante para quem estava se formando.

RG - Essa é a época da guerra, o Brasil não tem vínculos nesse momento com a Europa, todos os contatos se fazem no exterior pelos Estados Unidos, não é? que foi a nossa grande porta de entrada e saída. Agora, a Escola de Química fazia outra coisa? Porque existia a Escola Nacional de Química, não é?

MA - Sim. A Escola Nacional de Química formava os químicos industriais. Quer dizer, químicos para a organização da nossa indústria. Ainda que nós, no curso de química, víssemos uma parte de tecnologia também. Porque é de interesse do professor ter uma noção de indústria de papel, indústria de sabões, a parte de aplicações de física, por exemplo, reaproveitamento de estanho em aparas de latas, em latas velhas. Então, nós vimos toda essa parte de tecnologia: fábrica de sabão, fábrica de alimentos, a parte de esterilização. Porque é importante na formação do futuro professor, para ter a possibilidade de dar uma noção aos alunos das coisas mais ligadas ao cotidiano: papel, sabão, latarias de conservas, como se faz, como se aproveita, como se fazem os gases

industriais através de compreensão do ar atmosférico. Então, isso tudo se viu também dentro do curso de química.

RG - Havia assim um contato com a Escola de Química? Havia professores e alunos...

MA - Não, não tínhamos um contato maior com a Escola de Química não.

WH - Aqui no Rio, fora a Faculdade Nacional de Filosofia, era a Escola de Química, não é?

MA - Escola de Química. Eram os dois pólos que estudavam química: o curso de química da Faculdade Nacional de Filosofia e a Escola Nacional de Química.

RG - Em São Paulo tinha a USP? A USP faria assim, digamos, uma junção entre essas das orientações?

MA - Olha, eu acho que nessa época nem existia a USP ainda.

WH - Existia.

MA - Quando se fundou a USP?

RG - No mesmo ano em que se criou a Escola Nacional de Química aqui, pelo que andei lendo, 1934.

MA - Trinta e quatro?

WH - Foi em trinta e quatro.

RG - Agora, não sei se a parte de química começou logo, não é? A USP é de trinta e quatro e a Escola Nacional de Química também é.

MA - Porque normalmente as universidades particulares começam por cursos que não exigem montagem de laboratórios que são as coisas que pesam muito em orçamento, não é? Então é bem provável. Eu não sei, sinceramente... Não tenho idéia.

RG - E eles trouxeram esses químicos estrangeiros, não é?

MA - É, eu sei. Eles trouxeram químicos principalmente alemães, não é?

RG - É...

WH - Inclusive durante a guerra, os químicos alemães...

MA - ...vieram de lá fugidos, não é? Refugiados que vieram para cá e tinham possibilidade de ensinar. Eram indivíduos de valor e foram aproveitados.

WH - Agora, tanto a Escola como a Faculdade de Filosofia aqui no Rio não trouxeram esses químicos alemães que estavam em São Paulo? Ou seja, não havia uma colaboração? Esses químicos não circulavam pelas universidades do Brasil?

MA - Sinceramente, não posso responder a pergunta com objetividade. Não me lembro... Não me lembro. Dentro do nosso curso não tivemos nenhum estrangeiro alemão que tivesse sido aproveitado.

RG - E os italianos justamente voltaram para Itália com a guerra, não é?

MA - Voltaram para a Itália.

RG - Não ficaram por aqui, fugindo até a esse...

MA - Não ficaram por aqui não. Eles tinham vindo através de convênio com o governo italiano e retornaram. Eram todos professores universitários lá. E retornaram.

WH - Pelo senhor ter se formado e ter feito a faculdade num período da guerra, que além de todas as complicações da guerra fez com que os professores estrangeiros tivessem que voltar e que não houvesse troca de professores da Europa, o senhor acha que a química teve assim brancos por essa falta de troca? Ou era um curso que estava a nível internacional bastante desenvolvido?

MA - Não. Eu acho que não houve nenhum prejuízo maior para o curso. Não. Não houve. Sinceramente. Podia até, como eu disse, num caso pessoal, eu me entrosei muito bem com um professor italiano, provavelmente eu teria chances de trabalhar como assistente dele mais tarde; e com a ida dele, perdi esta chance, esta oportunidade.

RG - E abriu-se essa porta de Manguinhos, não é?

MA - Pois é.

RG - Que também não estava no seu projeto inicial...

MA - Não estava no meu projeto inicial.

WH - Aliás, já falando dessa questão, qual era o mercado de trabalho para um químico naquele momento? O senhor se formou em quarenta e dois, não é? O senhor entrou na faculdade em trinta e nove e se formou em quarenta e dois, não é?

MA - É.

WH - Nesse momento, momento da guerra, complicado; qual era o mercado de trabalho para um químico? E quais eram as possibilidades que o senhor visualizava?

MA - Bom. Eu sabia que uma das possibilidades seria fazer um concurso para um órgão qualquer do governo que absorvesse uma mão de obra principalmente de químicos que tivessem bons conhecimentos de analítica.

WH - Que tipos de órgãos?

MA - Ah, quem absorvia era a Casa da Moeda, o Instituto Nacional de Tecnologia... Aqueles que não tinham conseguido ou não tinham interesse pelo magistério iam

normalmente para o Instituto Nacional de Tecnologia, a Casa da Moeda...

RG - Eram muitos alunos?

MA - Não, não. Eu não estou dizendo que no meu curso foram poucos. Éramos cinco formados em química.

RG - Ah! O senhor falou que na UDF eram pouquíssimos, não é?

MA - E depois aceitaram as transferências. Ficaram uns cinco formados.

RG - E não abriu um novo vestibular quando virou Faculdade Nacional?

MA - Não, não abriu.

RG - Digamos que para o mercado de trabalho também não havia tanta competição porque eram poucos.

MA - Não. Não havia uma competição muito grande. O Brasil estava começando a se industrializar então absorvia de fato com uma certa facilidade essa mão de obra.

RG - Era uma carreira promissora?

MA - Era uma carreira promissora, sem dúvida.

WH - Fora o setor público, não é? O setor privado tinha possibilidades também, abriam-se áreas...

MA - Provavelmente sim. E você sabe que eu não me interessei porque logo depois fiz concurso para Manguinhos e fiquei aqui.

WH - O senhor fez o concurso para Manguinhos em quarenta e três?

MA - Quarenta e dois, não, princípio de quarenta e três.

WH - E o se formou no final de quarenta e dois?

MA - Dezembro de quarenta e dois.

RG - Aí o senhor fez esse concurso nas férias, não é? O professor lhe avisou...

MA - Nas férias, é.

RG - E imediatamente o senhor foi contratado?

MA - Fui contratado... Não, houve um problema muito interessante comigo: no dia em que eu recebi do Departamento Nacional de Saúde, de quem Manguinhos era subordinado, a convocação para apresentar minha documentação, nós estávamos fazendo um almoço comemorativo em casa porque eu ia começar a trabalhar. Bateram na porta e era um soldadinho trazendo a minha convocação para a guerra. (*risos*). Foi no dia treze

de março.

RG - Inesquecível, não é?

MA - Inesquecível. Como eu tinha o curso superior, fui convocado pela Companhia Escola de Engenharia que formava sargentos engenheiros. Como eu tinha o curso superior, eu ficaria engajado nessa Companhia Escola de Engenharia até outubro quando abria o CPOR. Aí eu passaria para o CPOR para fazer o curso de oficial. Então, a minha luta toda foi conseguir ser desconvocado para poder tomar posse e depois, então, fazer o CPOR. Por isso, eu vim tomar posse em Manguinhos no dia - se não me falha a memória - vinte e três de novembro. Esse período todo foi com a burocracia, daqui para ali, até que eu consegui ser desconvocado a pedido do diretor substituto do Departamento Nacional de Saúde, por causa do meu trabalho em Manguinhos, do esforço de guerra que Manguinhos estava fazendo e tal.

RG - Quem ajudou o senhor nisso?

MA - A sorte, porque eu era muito inocente, na época, muito inexperiente. E cheguei aqui, o diretor que era o Doutor Henrique Aragão, me disse: “Olha, eu não posso fazer nada. Você vai ter que se dirigir ao Doutor Barros Barreto que é o diretor do Departamento Nacional de Saúde, para ver se ele resolve a sua vida”. Eu então fui ao Doutor Barros Barreto. O doutor Barros Barreto estava viajando. E o grande problema é o seguinte: eu não podia receber roupa de soldado, porque senão atrapalhava toda a minha vida. Então eu consegui indo lá na Companhia Escola, adiar por mais dez dias, por quinze dias, para ver se resolvia a minha vida. E encontrei o Doutor Mario Pinotti, ele não me conhecia, nem eu a ele. Expliquei todo o problema, e ele disse: “Agora mesmo vou mandar uma carta ao diretor do Departamento Nacional de Saúde do Exército, pedindo a sua desconvoção.” E eu falei: “Uma carta, doutor? Não é um ofício?” E ele falou: “Não. Está combinado que se mandarmos um ofício é para não ser atendido; para ser atendido é uma carta.” (*risos*)

RG - Pessoal, não é?

MA - E então eu consegui essa carta. E ele mandou bater na hora, eu es pereí. Foi muito gentil.

RG - Quer dizer, o senhor não tinha orientação de ninguém?

MA - Nenhuma, nenhuma. Eu fui batendo nas portas que eram convenientes.

RG - O Pinotti estava substituindo o Barros Barreto?

MA - Estava substituindo. Ele respondia pelo expediente do Departamento Nacional de Saúde, quando o Doutor Barros Barreto estava em inspeção. Estava lá para o Mato Grosso e eu não podia esperar mais, porque senão eles me davam a farda e eu virava soldado e não tinha mais jeito, não é? Aí eu ia ficar até outubro servindo na Vila Militar. E eles também não tinham interesse que eu ocupasse o lugar, porque eu estava tomando lugar de um outro. Porque tinha uma limitação de formação de sargento na área de engenharia. E a minha ficha era de estudante de nível superior. Eles não sabiam se eu tinha me formado ou não, fui convocado. Por isso eu devia ter apresentado a documentação no dia

treze e só vim tomar posse no dia vinte e três de novembro, do mesmo ano, de quarenta e três.

RG - E como foi concurso para entrada aqui?

MA - Foi pelo DASP.

RG - Era muita gente? Havia problemas também de vagas?

MA - Não. Esse concurso foi realizado quatro vezes, e eu entrei na terceira vez. Foi a primeira que eu fiz. Nessa época, entramos eu e o Perissé. Eu o conheci no dia do concurso. Exatamente.

WH - Para a área de química, não é?

MA - O concurso que nós fazíamos era químico-analista.

WH - E tinha muitos concorrentes?

MA - Olha, me parece que tinham quatro vagas. Foram preenchidas essas duas, nessa época. Ainda sobraram duas. Posteriormente foi feito um outro concurso e aí entraram o doutor Rubens do Nascimento e Doutor Metello Neto. Mais tarde, um químico-analista pediu demissão, sobrou uma vaga. Então entrou a doutora Mirrelle Carneiro Felipe num concurso que foi feito posteriormente. Se não me engano, quando nos fizemos o concurso, éramos sete candidatos, e passamos só nós dois: eu e o Perissé.

RG - Químicos os dois?

MA - Todos dois. Todos os concursos para cá, do Ubatuba, do Cury, da Laura Queiroga, todos eram de químicos-analistas.

WH - E todas as pessoas eram químicas?

MA - Não. Uns eram médicos e outros eram farmacêuticos.

RG - Mas a vaga era para químico-analítico?

MA - Químico-analítico.

RG - Era bem pago esse cargo?

MA - Era pago dentro do que se pagava, na época, para início de uma carreira dessas de nível superior.

RG - Era uma coisa bem vinda? Era considerado um bom começo de carreira?

MA - Era bem razoável. Um bom começo de carreira.

Data: 16/12/1987

Fita 2 – Lado B

WH - Doutor Moacyr, a gente tinha parado no seu concurso, não é?

MA - Exato.

WH - O senhor fez concurso e foi aprovado como químico-analista, não é?

MA - Químico-analista.

WH - E em novembro de mil novecentos e quarenta e três, o senhor passa a trabalhar...

MA - Passo a trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz.

WH - Nós queríamos saber o que senhor fazia aqui no Instituto? Onde o senhor foi lotado? Que tipo de trabalho o senhor fazia? Em que divisão? Em que seção?

MA - Foi na seção de ensaios biológicos e controle, que executava mais ou menos o tipo de serviço que hoje é do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde naturalmente em ponto pequeno. Trabalhava nessa seção. Como o Instituto era ligado ao Departamento Nacional de Saúde, fazia esse tipo de controle para o Ministério da Saúde. Então todas as análises de novos produtos biológicos, químicos ou farmacêuticos a serem lançados no mercado passavam pelo controle do Instituto Oswaldo Cruz. E durante muito tempo executamos esse tipo de serviço.

RG - Quer dizer, na linha dos fármacos, não é?

MA - Dos fármacos, exatamente, produtos farmacêuticos.

RG - Para a indústria privada?

MA - Certo.

RG - A indústria privada produzia e vocês faziam o controle de qualidade?

MA - Não. De vez em quando vinham consultas de outros órgãos a respeito de vacinas, isso e aquilo. Não só era ouvida essa seção, como também outros especialistas de outras seções, menos as seções de pesquisa do Instituto que executavam esse tipo de serviço, lá no Ministério da Saúde. Eu trabalhei nessa seção durante muitos anos, até que consegui a minha possibilidade. Fui convidado pelo Doutor Antonio Eugênio de Arêa Leão, para fazer parte da seção de micologia.

WH - Vamos ficar na química ainda. Não vamos correr muito não. Eu tinha umas perguntas para lhe fazer justamente sobre essa divisão de química, naquela época. Eu queria saber quem trabalhava com o senhor nessa seção de ensaios biológicos. Era muita gente? Como se dividiam os grupos?

MA - Era um grupo grande. Quando eu cheguei ainda trabalhavam na seção o Amadeu

Cury que tinha feito o mesmo tipo de concurso, o Fernando Ubatuba, e o Perissé que chegou junto comigo no mesmo concurso. Tinha Alcindo Pinto de Figueiredo, um farmacêutico, Metello Neto que era médico. Era um grupo grande, que viera exatamente... Posteriormente, cada um desses conseguiu realizar então aquilo que era o anseio de todos: fazer a parte de pesquisa.

RG - O senhor diria que era o anseio de todos? Era um grupo que tinha outro tipo de aspiração?

MA - Tinha, lógico. Você sabe, apesar daquilo ser uma rotina que não era bem rotina.... Eu creio que eu já disse isso... porque os processos naquela época, não vinham amparados com as técnicas de controle especificadas. Era você quem procurava descomplicar. E o chefe da seção era o Oswaldo Lazzarini Peckolt, um indivíduo de muita capacidade, muito conhecimento, muito experiente nesse tipo de serviço. Aprendi muita coisa com ele.

WH - Ele era o chefe da seção?

MA - É, o chefe da seção. E o chefe da divisão era o Doutor Gilberto Guimarães Villela que foi o criador da bioquímica entre nós. Ele desenvolveu a bioquímica no Brasil.

RG - O senhor conheceu bem o Doutor Villela?

MA - Conheci bem. Eu fui aluno dele num curso de Manguinhos.

RG - O senhor poderia fazer assim um perfil porque o doutor Villela, infelizmente, não mais se encontra entre nós.

MA - Era um pesquisador de muito gabarito, muito entusiasmado pelo que fazia. Posteriormente, ele formou uma boa equipe que trabalhou durante muitos anos com ele aqui. Na revolução, na época de sessenta e quatro, Villela caiu no ostracismo, deixou de ser chefe de divisão, foi marginalizado, mas continuou todos os trabalhos de pesquisa até a sua morte. Deixou vários livros publicados sobre bioquímica, todos de muito valor, que são altamente consultados e tem edições sucessivas.

RG - Até hoje?

MA - Até hoje.

RG - O doutor Villela era uma figura meio isolada aqui, não é?

MA - Quem poderia falar muito do Villela seria Emílio Mitidieri. Ele e a esposa, Otília Mitidieri, trabalharam como assistentes do Villela durante muitos anos. Mesmo nesse período amargo do Villela, eles continuaram trabalhando. Editaram um livro de bioquímica para biólogos de um material do Villela. Eles fizeram a publicação de um livro póstumo do Villela; ele deixou material e eles organizaram a edição. É um excelente livro de bioquímica destinado a biólogos. Muito bom o livro. Ele e a esposa, a Otília, tiveram uma convivência muito íntima com Gilberto Villela. A minha convivência era de um indivíduo que trabalhava numa seção em que o Villela era chefe da divisão. Mas entre mim e o Villela tinha o chefe da seção que era o Oswaldo Peckolt.

RG - E ele enquanto chefia...

MA - Como professor e como chefe de divisão era uma pessoa em que não se poderia achar defeitos. Sinceramente. Competente e entusiasmado pelo que fazia. Quando tinha que cobrar alguma coisa, o fazia com muita educação, com muita maneira.

RG - Esse setor já existia há muito tempo? Ele estava sendo implantado? Como é a história dele?

MA - Não. A seção de ensaios biológicos tinha sido implantada num dos últimos regimentos do Instituto Oswaldo Cruz. E que foi criada, dentro da divisão, aquele tipo de seção que se fazia necessária por interesse do Departamento Nacional de Saúde, portanto do próprio Ministério.

WH - Isso já era feito por outras seções ou por outras divisões? Ou não?

MA - Anteriormente, diversos elementos recebiam esses processos para dar opinião de acordo com as especialidades. Não estava englobado numa seção. Então, foi organizado um tipo de serviço que hoje é o Instituto Nacional de Controle de Qualidade da Saúde.

WH - O INCQS?

MA - É. Exato, o INCQS.

WH - Da forma que o senhor falou, pareceria que essa seção de ensaios biológicos e controle era a possibilidade de entrar para o Instituto. Fazer um concurso para químico-analista e entrar para essa seção...

MA - Foi uma das chances. Vários conseguiram entrar no Instituto dessa maneira. Pela necessidade do Departamento Nacional de Saúde de criar essa seção e desenvolvê-la, abriu concurso, abriu a possibilidade, vários entraram. Porque senão, você teria que entrar como biologista interino e aguardar um concurso que levou anos para ser feito posteriormente, não é?

WH - Agora, era uma porta de entrada para o Instituto, mas, ao mesmo tempo, o senhor disse que as pessoas que fizeram o concurso acabaram, tempos depois, saindo da seção.

MA - É. E os que sobraram foram os que tiveram mais dificuldades porque aquela seção tinha que ser mantida, tinha um funcionamento. Então ficou restrita a um grupo que, talvez, por não ter melhores relacionamentos aqui dentro não conseguiram vencer logo a barreira de sair de uma rotina. Como eu já expliquei, não era uma rotina. Mas de qualquer maneira, não era de se fazer pesquisa naquele sentido que cada um tinha interesse.

WH - Mas, realmente, todas as pessoas que entraram tinham interesse de desenvolver a pesquisa?

MA - É. Eu acho que quem chega no Instituto Oswaldo Cruz, sempre pensa nessa possibilidade de fazer pesquisa no campo da medicina experimental, de uma certa forma, não é? Então você fica tendo uma tentativa de saída da seção.

RG - O senhor não acha que pode haver pesquisadores, cientistas que viam nessa oportunidade, nesse concurso, simplesmente um emprego público? Também poderia ocorrer isso, não é?

MA - Olha, sinceramente, eu acho que se alguém tinha a impressão de querer um emprego público, o espírito de Manguinhos modificava esse tipo de idéia. Criava-se um ideal: você chega, começa a conhecer a história do instituto, o que se fez, o que se realizou; e você se entusiasma com isso. Principalmente quem é moço e está pretendendo ter um futuro aqui dentro. Bom, eu estou refletindo o meu próprio ponto de vista.

RG - Claro.

MA - Como eu já expliquei, eu fiz o concurso para cá porque foi uma chance que apareceu para mim, não é? E você chega aqui e você começa a criar raízes em Manguinhos. Vão nascendo ideais que permanecem pela vida da gente. Então cada um que chegou dentro deste tipo de tarefa, de obrigações, posteriormente conseguiu, de uma certa maneira, sair daqui.

WH - O senhor não conhece alguma pessoa que tenha ficado na Seção de Ensaio Biológicos? Que tenha desenvolvido pesquisa lá dentro também?

MA - Vários trabalhos foram feitos durante esse período ligados mais ou menos ao tipo de serviço que se fazia. Mas a massa de rotina impedia muito que você pudesse fazer pesquisa. Daí a tentativa de fuga para outros setores que se dedicavam só à pesquisa.

WH - Agora, me diga uma coisa doutor Moacyr, a Divisão de Química, naquela época, se compunha de várias seções, não é?

MA - Era sim. Se não me engano, a nossa divisão se chamava Química e Farmacologia.

WH - E as seções de...

MA - Tinha Seção de Bioquímica, Seção de Farmacologia, Seção de Ensaio Biológicos e Controle. Não estou bem precisado, mas eu acho que eram três seções que a compunham.

WH - Eu acho que em quarenta e dois era Divisão de Química, dividida entre Química, Farmacêutica e Ensaio Biológicos.

MA - Eu acho que era Divisão de Química e Farmacodinâmica. Se não me engano, certo? E tinham várias seções, inclusive Seção de Farmacologia, Seção de Bioquímica e Seção de Ensaio Biológicos. Eu acho que eram essas as seções.

RG - As seções tinham um contato entre si? Havia assim uma unidade?

MA - Não. Não havia bem uma unidade, quer dizer contatos frequentes. Os contatos eram feitos através de apresentação de trabalhos e pela própria Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro. Havia um maior contato do ponto de vista de... mas não uma obrigatoriedade de que houvessem seções marcadas, reuniões programadas. Não existia.

WH - Não. E em termos de trabalho? O senhor disse que ensaios biológicos e controle era muito mais um trabalho de rotina...

MA - Era um trabalho de rotina.

WH - E quem fazia os trabalhos de pesquisa? Dentro da Divisão de Química não haviam setores...

MA - Não. Dentro da divisão, por exemplo, o Villela se dedicava exclusivamente a pesquisa. Tem uma dezena de trabalhos dele e dos diversos assistentes. Eu estava me referindo mais à Seção de Ensaio Biológicos e Controle.

RG - Então não tinha uma necessidade de contatos de trabalho. Não havia essa necessidade?

MA - Não. Não havia de fato uma programação estabelecida e reunião sistemática de todas seções daquela divisão. Isso não existia não. Lamentável, mas não existia.

RG - Também porque não se fazia necessário, não é?

MA - Não sei se era necessário ou não. Eu acho que sempre seria necessário. Mas o espírito da época, talvez, não tivesse enveredado por esse caminho.

RG - Vocês ficavam, inclusive, fisicamente separados?

MA - Fisicamente separados. O laboratório era muito grande, aqui no terceiro andar do prédio que hoje chamam prédio do Quinino. E o laboratório do Villela ficava do outro lado, ficava distante. Quer dizer, a chefia da divisão ficava próxima. Podia ir lá para qualquer coisa e tal. Os processos com os laudos de análises eram encaminhados à chefia da divisão, que os visava e encaminhava diretamente à direção do Instituto para ir ao Departamento Nacional de Saúde, ao Ministério da Saúde. Então era um tipo de burocracia. Mas não havia uma ligação entre o pessoal.

WH - Uma ligação orgânica?

MA - Não havia uma ligação orgânica, não existia. O contato maior que eu tive com Villela foi durante o tempo em que eu fiz o curso em Manguinhos, que fui aluno dele. Então, eu tive um contato um pouco melhor com ele.

RG - A gente vai querer que o senhor conte depois mais detalhadamente sobre o Curso de Aplicação, não é?

MA - Curso de Aplicação, é.

RG - Até quando o senhor ficou fazendo esse trabalho nessa seção? Durante muitos anos?

MA - Fiquei talvez uns dez anos.

RG - Ah! Pois é. Durante esse período havia uma exigência de ponto? As pessoas tinham que marcar ponto?

MA - Sim, tinha ponto. Tinha livro de ponto. Sistemático. Durante algum tempo teve até relógio de ponto. Os mais antigos dizem que colocaram limalha de ferro dentro do relógio de ponto que enguiçou; então veio o livro de ponto. (*risos*)

RG - Mas havia assim um rigor, mesmo nesse sentido de horário?

MA - Havia certo tipo de rigor de ponto de horário para todos. Até para os próprios chefes de divisão, eles também assinavam o ponto.

RG - Nessa época, havia horário integral aqui, não é? Eu digo dedicação exclusiva, porque as pessoas não poderiam ter dois empregos com esse controle.

MA - Não. Você poderia se ocupar depois com alguma coisa lá fora, desde que desse o número de horas suficientes aqui... Havia aqueles que combinavam um cargo técnico com outro de magistério, por exemplo. Sim havia problema de coordenação de horário, não é?

RG - De um modo geral as pessoas tinham essas atividades

MA - Inclusive eu, que fui professor do Estado, de escola normal. Completei meu período e me jubilei antes da crise de sessenta e quatro.

WH - Eu queria fazer mais umas perguntas. O senhor tem idéia de como essa Divisão de Química vem aqui para o Instituto? Ela não aparece no início do IOC, não é? Quem vem? Quem traz os conhecimentos em química? Que tipo de trabalhos a Divisão de Química desenvolvia desde que ela aparece aqui até o seu período?

MA - Não poderia entrar em detalhes porque, como eu disse, os trabalhos eram um pouco isolados. Quem estava na Seção de Ensaios Biológicos não participava do que se fazia na Seção de Bioquímica, na Seção de Físico Química. Nós sabíamos por alto o que estavam fazendo, o que estavam tentando. Eu sei que o elemento mais motivador aqui foi o Gilberto Villela, sem dúvida. Ele foi o lu minar dentro daquela área.

WH - Mas o senhor disse que ele introduziu praticamente a bioquímica.

MA - É. Ele é considerado como uma espécie de pai da bioquímica no Brasil.

WH - No Brasil?

MA - É. No Brasil.

WH - Onde é que ele fez a formação dele?

MA - Era médico, acho que formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Depois, ele fez esse tipo de concurso para professor - não catedrático, que hoje não tem mais. Eram os títulos dele. Ele tinha uma formação bioquímica muito boa. Sinceramente, não sei se ele estudou no estrangeiro, se fez algum curso. Por isso que eu digo, quem poderia dar melhores informações de Gilberto Villela, seria Emílio Mitidieri que foi de Manguinhos e hoje está no Instituto do Câncer.

RG - E ele está bem? O senhor o conhece?

MA - Conheço.

RG - Ele seria uma pessoa que estaria em ótimas condições para nos dar entrevista?

MA - Sem dúvida nenhuma.

RG - Ah que bom!

WH - Me diga uma coisa, eu tenho uma curiosidade: o período em que o senhor entra nesta seção de ensaios biológicos era a época da guerra, não é?

MA - Sim.

WH - Mais ou menos final de quarenta e três...

MA - Exato.

WH - Por essa situação de guerra, existia alguma demanda do Ministério da Saúde de certo tipo de trabalho...

MA - Eu me lembro que no esforço de guerra, o que se fez aqui foi o preparo plasma seco, com pessoal da nossa divisão em uma colaboração com o exército. Então, a montagem foi feita aqui em Manguinhos. Quem dirigiu o serviço na parte de instalação da aparelhagem era o chefe da Seção de Físico Química: Humberto Cardoso, que era químico. A inauguração do plasma seco para os nossos pracinhas foi feita por todos nós que doamos sangue naquela época para isso. E, posteriormente, o exército despejava aqui os pracinhas que estavam em serviço no estado para fazerem doação de sangue que era transformado em plasma seco. E o plasma seco era enviado depois para a Itália e tudo mais. Foi um esforço. E outro foi da Seção de Micologia que preparou a penicilina, que estava começando a surgir naquela época. Durante muito tempo houve uma produção intensa de penicilina aqui, que não chegou a alto grau de pureza, mas foi muitíssimo eficiente. Muitos trabalhos foram publicados em diversos setores do Instituto se utilizando dessa penicilina produzida aqui, pela Seção de Micologia.

RG - O senhor falou do plasma seco, e eu me lembrei de um outro relato sobre o problema do sangue e da hepatite que eu não sei se nessa época já se conhecia, não é? Eu acho que foi durante a guerra que se descobriu a existência do vírus da hepatite porque alguns soldados se contaminaram com essa história de sangue...

MA - Bom. Provavelmente até por causa do sangue, não é?

RG - Vocês não ouviram falar de acidentes graves em função desse sangue?

MA - Bom. Aqui, o doador de sangue fazia todas as reações sistematicamente: de sífilis, de cancro, Wasserman-Klein. Se por acaso o sangue dava resultados positivos aquele material era inutilizado. Mas eu creio que ainda não se fazia controle para a hepatite na época, não.

RG - E nem se ouviu falar assim de problemas tratados com esse...

MA - Não me recordo sinceramente.

RG - Porque é interessante como essas doenças não eram conhecidas. Eu não sei se a gente acabou essa parte de guerra

MA - Se não me engano, também durante esse esforço de guerra, Manguinhos fazia uns comprimidos vitamínicos, um complemento de sais minerais e vitaminas para mandar para nossas tropas, sabe.

RG - Isso era feito em que setor?

MA - Lá na Seção de Físico Química. Aqui, durante uma época áurea, se fazia comprimidos de quinino por causa da malária. Isso já havia terminado.

RG - Pararam de produzir quinino aqui no Instituto?

MA - Quando cheguei, eu acho que não se produzia mais, já existiam outros produtos de indústrias particulares que já estavam no mercado, que eram muito mais efetivos. Durante toda a guerra, os soldados americanos e as tropas aliadas usavam esse tipo de produto.

RG - Depois parece que voltaram a usar o quinino, não é? Mas, uma certa época abandonaram.

MA - Depois, você sabe que, infelizmente, os micro-organismos se incumbem de se adaptar. Então, você volta à carga com produtos mais antigos, mais tradicionais.

RG - É, porque o senhor tinha falado dos especialistas que davam o parecer nessa análise que vocês faziam na seção. Quer dizer pessoas que não eram da seção, mas eram...

MA - Exato. Por exemplo, se vinha alguma coisa de vírus era encaminhada à Divisão de Vírus. Então também se ouvia outros especialistas, além das análises, às vezes eles davam pareceres. Antes que existisse a Seção de Ensaios Biológicos, essas consultas, esses processos, eram encaminhados, distribuídos pelo próprio diretor para diversos especialistas aqui do Instituto Oswaldo Cruz. De acordo, naturalmente, com o tipo de processo que vinha, ele encaminhava para a divisão correspondente, e o chefe de divisão se incumbia de designar um pesquisador, um biólogo daqui. Posteriormente, só em casos especiais. Então, a pedido da própria Seção de Ensaios Biológicos e Controle se encaminhava a outra divisão qualquer para uma complementação do parecer do processo.

RG - Eu queria saber se o sr. pessoalmente poderia procurar alguém? Ou isso era feito assim por vias burocráticas?

MA - Não, os processos eram discutidos antes de encaminhados. Os resultados de análises com o parecer eram discutidos com o chefe de seção. E muitas vezes, se houvesse alguma dúvida em que se precisasse ouvir um especialista sugeria-se um laudo. O chefe da seção fazia o encaminhamento burocrático solicitando o parecer da divisão tal. É o que se fazia.

RG - Eu fiquei curiosa com outra coisa que o senhor mencionou. O senhor disse que

poderia haver troca na Sociedade de Biologia?

MA - É. Tinha a Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro que praticamente funcionava aqui dentro do Instituto. Então tinha seções científicas, de apresentação de trabalhos, de comunicações, de notas prévias. Então, tomava-se conhecimento do que estava se realizando nos outros setores do Instituto Oswaldo Cruz.

RG - Era um fórum, não é?

MA - É, um fórum, exatamente.

RG - Ela se reunia com regularidade?

MA - Eu acho que existiam reuniões mensais da Sociedade.

RG - E o senhor então lembra de participar? Dos seus colegas?

MA - Participei. Publicava-se a programação da reunião. E quando você tinha interesse a respeito de um trabalho, você procurava assistir aquela seção.

RG - Os trabalhos eram concorridos?

MA - Eram concorridos sim.

WH - O senhor dizia que na Seção de Ensaio Biológicos e Controle ou se fazia o controle ou acabava se fazendo pesquisa, não é? Na verdade, tinha que se fazer pesquisa para poder se fazer controle?

MA - Sim. Hoje, o processo já vem com todas as técnicas apresentadas e exigidas. Se o laboratório de controle, usando a técnica fornecida pelo interessado, encontra resultados disparatados não se incomoda. Ele simplesmente reprova aquele produto porque os resultados foram insuficientes. Mas naquela época não havia isso. Você é que tinha o trabalho de verificar como poderia se fazer a análise com os meios de que se dispunha na época. Se você não achasse os resultados, você repetia aquilo, aplicava outras técnicas. Porque ao contrariar economicamente alguém, você sabia que corria um risco, não é? Então você precisava estar muito bem amparado para poder dizer: “Não, está reprovado porque não tem matéria prima suficiente”. Muitas vezes se requeria as matérias primas para análise, para comprovação, porque vinha uma mistura enorme de coisas. Fármacos são muito complexos, muitas vezes tem uma porção de coisas. Inclusive, até os recipientes muitas vezes atrapalham a análise. Então, como eu digo, era um tipo de rotina muito trabalhosa, mas que obrigava você a estudar freqüentemente, a estar sempre lendo, vendo revistas especiais, livros especializados e tudo mais. Isso é muito importante na formação da gente.

WH - Mas não tinha nenhum setor que desenvolvesse especificamente pesquisa para dar subsídio ao controle...

MA - Não. Não havia esse tipo de coisa. Não havia dentro da seção onde teria os especialistas que faziam as análises. Você não tinha tempo. Porque o número de processos que você recebia - você tinha que dar conta deles - eram números. Não dava para você

parar e começar a fazer outra coisa. Muitas idéias eram anotadas, ficavam para posterior possibilidade de você executá-las.

RG - Nesse sentido, muitas pessoas conseguiram depois desenvolver suas linhas próprias...

MA - Ah sim! Houve, sem dúvida nenhuma. Saíram da seção e puderam depois se realizar de uma outra maneira.

WH - Agora outra pergunta sobre essa questão do controle: isso interessou certos pesquisadores que trabalhavam nessa área a desenvolver técnicas de controle ou as pessoas que saíram nunca se interessaram por isso?

MA - Bom, você sabe que certas técnicas são de uso genérico, não é? Se você conseguiu manuseá-las, domina-las bem, você depois pode aplicá-las no teu setor de pesquisa. Tem muitas possibilidades, não é? Quem faz controle físico-químico e biológico domina uma ampla gama de conhecimentos que são úteis depois. Quando vim para a Seção de Micologia já trazia comigo o que eu pretendia fazer, exatamente fruto do meu aprendizado durante esses anos na parte de rotina.

WH - Outra coisa que eu queria saber em relação a essa seção: os senhores faziam lá o controle do material enviado, basicamente de produtos farmacológicos, não é?

MA - É, farmacêuticos sim.

WH - Farmacêuticos. Era de empresas privadas ou...

MA - De empresas privadas e, às vezes, de um órgão qualquer do governo que tinha interesse de saber se a sua vacina produzida tinha atividade ou não. Então era encaminhado para ter o parecer do Instituto Oswaldo Cruz se o determinado produto estava dentro das condições exigidas, não é?

RG - Havia pressões para aprovar...

Fita 3 - Lado A

RG - Logo é uma coisa moderna, o senhor dizia...

MA - É, relativamente moderna. Muitas vezes os interessados vinham aqui recorrer aos conhecimentos do pessoal, quando vinha uma análise. Exatamente porque os conhecimentos da indústria farmacêutica da época, o controle de qualidade na indústria farmacêutica na época era bastante deficiente. Melhorou muito com o correr dos anos. Então muitas vezes eles vinham se informar como poderia ser feito aquilo. A seção do Instituto, através do chefe da seção, não negava essas informações quando era um caso assim. Ele chamava o analista, o interessado estava ali e se conversava, se explicava o porquê, o que tinha sido encontrado, porque e o sujeito tinha direito a entrar como recurso, a apresentar novas amostras, pagar nova análise. E, muitas vezes, ele conseguia aprovação porque corrigia o defeito apresentado. Eu me recordo de um fato que passou-se comigo com uma multinacional muito importante que mandou um composto novo para cá e caiu nas minhas mãos. Eu, então, pedi que eles enviassem a matéria-prima. A matéria-prima

foi enviada como sendo uma substância pura, de molécula estável. E pude ver através de... Na verdade, sabe que país subdesenvolvido... E quando se trata de uma indústria farmacêutica de renome, eles acreditam que, aqui, os aborígenes não tinham condições de constatar alguma coisa errada. E então eu pude ver, simplesmente, pegando a matéria-prima deles a fazendo uma série de cristalizações sucessivas... Quando uma substância é pura, você faz uma cristalização, faz uma determinação de um ponto de fusão, que é uma coisa simples, cristaliza de novo, faz de novo. Quando a substância é pura chega um momento em que o ponto de fusão é sempre o mesmo. É uma característica da própria estrutura molecular. E quando é uma mistura, o que acontece? Não houve uma combinação, não é uma molécula definida. Conforme você vai cristalizando, o ponto de fusão vai variando porque a composição varia também de acordo com a cristalização. Eu reprovei o produto, e veio o presidente da firma se entender comigo: “Como tinha sido?” E eu simplesmente expliquei: “Na amostra que o senhor enviara está acontecendo isso e isso. Não é uma substância pura. É uma mistura heteromolecular.” Ele ficou muito admirado. Porque é lógico que o Peckolt já tinha conversado comigo: “O que você fez?”, “Fiz isso”, “Então está certo. É isso mesmo. Pode mandar o laudo”. Foi feito. Ele veio, eu expliquei. E a multinacional retirou o produto do mercado. Arquivou. Porque era de fato uma mistura molecular. Podia ter sua vantagem, mas eles teriam que refazer o relatório, dizer a verdade, e tudo mais. Foi reprovado.

RG - Isso era dado ao conhecimento público? Saía na imprensa?

MA - Não. Não. Tem uma certa ética de trabalho. Repro vou, acabou-se. E eles se conformaram com a história, não voltaram mais à carga e o produto nunca foi lançado no mercado. Não poderia, porque teria que voltar.

WH - Não houve nenhum caso em que o produto tenha sido reprovado e tenha sido lançado mesmo assim?

MA - Olha. Depois que se fazia a análise, a parte de licenciamento já não corria mais por conta do Instituto Oswaldo Cruz. A função era dar o laudo. Mas que eu saiba não. Produtos reprovados, eram reprovados. Podia haver um recurso, o indivíduo apresentar novas amostras e nova técnica de fabricação. Muitas vezes o sujeito pensava que estava fabricando direito e estava destruindo a própria matéria-prima, por falta de conhecimentos técnicos e científicos. Indústria incipiente.

RG - Justamente eu ia perguntar sobre indústria incipiente. Naquela época, havia indústrias multinacionais e havia uma indústria incipiente local.

MA - Nacional, farmacêutica. Algumas até relativamente boas, honestas, mas com um controle de qualidade deficiente. Sabe que controle de qualidade representa um ônus que muitas indústrias acham que não vale a pena pagar. Porque tem que ter técnicos que são caros, tem que ter aparelhagem, tem que ter pessoal especializado. Isso encarece, não é? Então por uma questão de interesse de lucro, você compra matéria-prima de boa procedência, admite que de fato aquilo é perfeito.

RG - Mas naquele período mesmo da guerra, as multinacionais se retraem por dificuldades? Elas permanecem? Elas crescem?

MA - Não. Eu acho que eles procuraram manter dentro do possível os produtos no

mercado. Porque isso é interesse comercial, não é? Você só se retrai mesmo quando não é possível por deficiência de matéria-prima, isso e aquilo, por causa do esforço... Eu sei de produtos que durante a guerra ficaram escassos. Eram difíceis por causa de matéria-prima. Só. Mas claro que foi possível manter e também adquirir matéria-prima. Isso se conseguia. Inclusive, os alemães forneciam à Suíça que era o país neutro porque eles também tem interesse de numerário, de moeda forte. E os outros países compravam diretamente da Suíça. Havia aquilo que os alemães fabricavam, que os suíços fabricavam, etc. Sabe como é o interesse comercial e industrial, não para, não é?

RG - Não tem fronteiras.

MA - Você vê hoje, esse negócio de material bélico que o sujeito vende para as duas partes que estão em briga, não é? Você quer é vender. É triste, mas é a verdade, dolorosa verdade.

RG - Então naquele momento, não sei se o senhor teria condições de fazer um panorama para gente, dos setores que atuavam nessa indústria farmacêutica. Quer dizer, havia uma indústria nacional e uma internacional, não é? a européia e a americana. Havia predomínio de alguma origem?

MA - Olha eu acho que sempre, na indústria farmacêutica, houve um certo equilíbrio no nosso mercado, entre as indústrias de procedência européia das de procedência norte-americana. Cada um tinha uma boa fatia do mercado.

RG - E o Brasil?

MA - A fatia menor era da indústria nacional. Continua sendo.

RG - Naquele momento era a fatia menor?

MA - É. Já havia uma predominância da indústria estrangeira. Agora depois da guerra, a coisa piorou, e vem piorando, e cada vez mais as indústrias estrangeiras cresceram. E alguns laboratórios autenticamente nacionais foram comprados por indústrias estrangeiras. Eram concorrentes fortes. Tinham boa linha de produtos, então havia o interesse de absorver. Você sabe como se faz isso, não é?

RG - Naquele momento em que o senhor entra para o setor e fica alguns anos, o senhor acompanhou uma evolução nesse sentido? O senhor era bem perceptível ao que estava por acontecer?

MA - Houve um crescimento bom da parte de qualidade da indústria nacional. E alguns laboratórios nacionais se firmaram bem, com bons produtos, com bom controle de qualidade, competindo ombro a ombro com as indústrias estrangeiras. Isso também forçou as indústrias estrangeiras. Sentiram que estavam diminuindo a fatia do mercado. E acabaram até absorvendo indústrias nacionais. Desapareceram muitas indústrias. Lembro-me uma assim de cabeça- Maurício Villela Química Farmacêutica, era uma indústria nacional boa que acabou sendo comprada por uma indústria inglesa que absorveu os produtos.

WH - Maurício Villela? Não tem nada a ver com Gilberto Villela?

MA - Eles vinham ser aparentados.

RG - Esse laboratório Maurício Villela produzia que tipo...

MA - Fazia uma gama enorme de produtos de boa qualidade, e, posteriormente, foi comprado pela Indústria Fontoura-White. Antigamente era Fontoura só, cresceu muito, representou certos produtos da White e depois se associaram. Mas com domínio estrangeiro. Conservou o nome por uma questão de mercado, não é? Só devo dizer que durante o meu período amargo, a minha experiência de controle de qualidade foi que me permitiu sobreviver. *(riso)* Porque pesquisa você só tem dentro de órgãos do governo. E nós estávamos proibidos de trabalhar em qualquer órgão do governo. Então, o que você tinha que fazer para sobreviver? Trabalhar. Trabalhar como? Fazendo controle de qualidade. Então fui fazer controle de qualidade.

WH - Quer dizer, as empresas não tinham pesquisa?

MA - A pesquisa de produtos farmacêuticos, é uma pesquisa muito objetiva: é a criação de produtos novos. Não chega a ser uma pesquisa, que dê para você publicar. É uma pesquisa de ordem interna, criar produtos novos. Então você acompanhando nas revistas especializadas o que está saindo, você faz sugestões e lança produtos novos.

RG - E não havia mercado nesse setor?

MA - Para fazer pesquisa no sentido de pesquisa só, não. A própria indústria americana tem verbas que ela coloca junto às universidades, dependendo... Não quer dizer que não faça uma pequena pesquisa, desse tipo de pesquisa objetiva para lançamento de novos produtos. Mas o grosso de pesquisa no sentido de criação de novas substâncias, é feito em relação a universidades que são subvencionadas pelas indústrias farmacêuticas, indústrias químicas...

RG - É uma coisa que está começando a acontecer aqui no Brasil?

MA - Exato.

RG - Pelo menos em alguns setores, não é?

MA - Estão procurando colocar verbas nos órgãos de pesquisa do governo, que é onde se faz pesquisa aqui, favorecendo...

RG - É onde tem aparelhagem?

MA - Onde tem aparelhagem, onde tem pessoal especializado, pessoal capacitado.

RG - Em vez de ter um organismo próprio que seria muito caro, não é?

MA - É muito caro. A aparelhagem, hoje, é cada vez mais cara, mais sofisticada. Muito bem, o que vocês querem saber mais?

WH - O senhor fica lá dez anos, não é?

MA - Mais ou menos isso.

WH - Nesse período é que começam a aparecer os antibióticos no Brasil? Em cinquenta?

MA - Foi. Exatamente. O período começou com a penicilina. Manguinhos também produziu. A seção de micologia tomou um incremento, recebeu verbas, essa coisa toda. E eu tive depois a chance de poder passar para a seção de micologia a convite do chefe no momento.

WH - Agora, os senhores também faziam o controle desses antibióticos novos que chegavam?

MA - Sim, também, se fazia o controle disso.

WH - O senhor podia me explicar? Porque eu não sou da área de medicina, nós somos da área de sociologia. A gente fala muito nos quimioterápicos, nos antibióticos. Como é isso? A gente não conhece muito bem...

MA - Bom, de uma maneira bem objetiva, didática, antibiótico é produzido por um microrganismo, qualquer que seja. Então, é um produto. Apesar de que hoje você já tem produtos de biossíntese: você têm um antibiótico, uma parte básica, depois você pode interferir naquela produção, adicionando alguma coisa mais, que leve o microrganismos a sintetizar de acordo com o teu interesse. Mas é um antibiótico.

RG - Mas depende de um microrganismo?

MA - Depende, inicialmente ele vai fazer uma parte, e depois ele vai complementar a síntese daquele antibiótico através de aditivos, de substâncias químicas que você coloca no meio para facilitar a síntese. Então são sempre antibióticos. Quimioterápicos são aqueles produtos feitos exclusivamente através de reações puramente químicas, não é? Então essa é a diferença. Todos eles, sejam antibióticos ou quimioterápicos, depois de obtê-los estão impuros. Você tem que purificá-los para chegar a uma...

WH - Quer dizer, só tem essas duas fórmulas: ou os quimioterápicos ou os antibióticos?

RG - Para certos fins que você quer dizer, não é?

WH - É, para o fim de medicamentos, produtos farmacêuticos.

MA - Não. Você também tem produtos que são retirados dos vegetais.

WH - Os homeopáticos?

MA - Não.

RG - Não, os naturais.

MA - Você também tem produtos alopáticos. Você tem, por exemplo, digitais. importantíssimo, desdobrou em vários: cardiotônicos, digiltoxina, ditoxina, e outros, que

depois transformaram ainda essas moléculas naturais. Era de uma flor que se cultivava; se extrai dali e tudo mais. Entende? Então você também tem fármacos que vem de origem puramente vegetal.

RG - Investe-se muito nesta li nha hoje em dia dos produtos naturais, não é?

MA - Exato. Bom. Do meu ponto de vista, eu sempre caço que a natureza também funciona dialeticamente. Isso é um ponto de vista meu. Já que é para o futuro, deixa eu lançar minha semente. Eu acho que cumpre ao homem de pesquisa descobrir os... Vocês não acham que é importante, que é uma coisa assim meio extraordinária, que você tenha um microrganismo, um fungo que produz uma substância que é capaz de destruir bactérias? Você tem a vedalera que produziu uma substância que tinha efeito no coração. Então, parece assim que a natureza nos fornece uma serie de incógnitas, de perguntas que cumpre ao homem de pesquisa respondê-las, e equacioná-las. Então, você tem substâncias que são produzidas pela natureza e que você precisa saber como poderia aplica-las em proveito da própria humanidade, no controle de determinadas doenças, e tudo mais. Então eu acho que dialeticamente tem uma tese, uma antítese e depois a síntese.

RG - Isso requer do profissional uma formação muito disciplinar, não é?

MA - É. Aliás, os americanos estão se ressentindo disso, porque eles começaram a se aprofundar em determina dos campos de tal maneira que depois se perdeu a visão mais ampla das coisas. É preciso também indivíduos que tenham uma capacidade mais abrangente de raciocinar em termos mais amplos, para encontrar certas soluções. É lógico que é muito importante você muitas vezes ter um especialista, você não vai querer trabalhar com toda a aparelhagem de análise que tem hoje, não é? Você tem o cromatógrafo a gás, ressonância nuclear magnética, microscopia de varredura. Você não pode, mas você sabe para que serve aquilo, e, se você tem necessidade daquilo, se socorrer de alguém que é um especialista. Você tem que ter alguém. Mas se você precisa de uma coisa dessas, você vai pedir a alguém que vai colaborar com você na sua pesquisa. Isso é muito importante. Mas é preciso que a gente tenha uma certa visão um pouco ampla das coisas, para poder ter a cabeça aberta à novas idéias, não ficar bitolado estritamente naquilo.

RG - Mas a bioquímica já é uma fusão de duas áreas?

MA - Bom, a bioquímica se baseia praticamente nos conceitos químicos e físicos e procura dar uma interpretação de fenômenos naturais através de conceituação química e conceituação física.

WH - Agora, quais são as fronteiras, por exemplo, entre a bioquímica e a físico-química?

MA - Bom. Você pode dizer que em ciência há um certo imbricamento de áreas, não é? Você na físico-química vai se utilizar de métodos e processos físico-químicos. Toda a aparelhagem de pesquisa hoje, praticamente repousa dentro da físico-química, dali você usa aquilo como material de trabalho, como ferramentas altamente especializadas para você resolver certos problemas de bioquímica, não é?

WH - Agora, por exemplo, no Instituto a físico-química era uma seção específica e a bioquímica era outra seção específica?

MA - Seções específicas. Exato.

WH - Mas cada uma tinha uma característica especial?

MA - Não, na físico-química tinha uma aparelhagem para fazer esse tipo de uso através dessa aparelhagem.

WH - Mas não desenvolviam pesquisas específicas?

MA - Algumas pesquisas ligadas a eles. Por exemplo, quando surgiu o problema da aflatoxina, uma micotoxina produzida pelo *Aspergillus flavus*, que tem importância fundamental por que contamina alimentos. Os alimentos do homem não são tão severamente analisados, mas o alimento do gado, de aves, de porcos, isso tem um conceito porque representa... O homem quando morre, só afeta o círculo de relações da família. Um boi quando morre em pasto, representa uma morte que é dinheiro do pecuarista. Então, ele tem todo o interesse que aquilo seja controlado, que se faça vacina. Hoje se faz vacinação para os animais; já se fazia vacinação com muito mais intensidade em pecuária, não é? Então havia esse interesse. A seção de físico-química, por exemplo, que eu me lembro, trabalhou muito na técnica de extração, de cromatografia, de dosagem. Porque uma substância que apresenta uma fluorescência própria, com determinado complemento de onda, você pode dosar e tudo mais. Então havia interesse disso, porque teve uma repercussão grande. Havia o interesse da parte do Ministério da Agricultura e houve então uma certa correlação. Na época, não sei exatamente como funcionou, mas eu sei que a seção de físico-química trabalhou muito para poder chegar ao doseamento da aflatoxina.

RG - O que aconteceu com essa seção ao longo dos anos?

MA - Olha, eu creio que com a revolução, depois de setenta, acabaram terminando com a seção de físico-química. Desapareceu.

RG - Quer dizer o senhor pegou o momento em que ela era fluorescente?

MA - Estava funcionando. Estou dizendo que foi a seção de físico-química quem fez plasma seco, plasma liofilizado. A aparelhagem, eu não sei se veio do exército, mas teve o apoio do exército. O sangue principal vinha do corpo de tropa, foi feito aqui.

WH - Quem era o chefe dessa seção?

MA - Era Humberto Cardoso, um químico. Aposentou-se, e aqui não houve, me parece, continuidade. Porque você para ter continuidade tem que formar escolas, não é? Você tem que começar a pensar que tem alguém que vai ter que te substituir futuramente. Isso é muito importante.

WH - Quem era o chefe da seção de bioquímica?

MA - O chefe de bioquímica era o próprio Gilberto Villela.

WH - Ele era o chefe da divisão?

MA - Ele era o chefe e ocupava a chefia da divisão, sabe? Esse formou escola. Ele deixou seguidores, inclusive vários.

RG - O senhor pode citar os vários seguidores?

MA - Trabalharam todos na minha época com Villela eram o Emílio Mitidieri, a Otília Mitidieri, que são casados; o Abreu, médico; a Regina que é mulher do Abreu; o Hélio Póvoa passou pela seção de bioquímica, trabalha até hoje em bioquímica, apesar de variar um pouco os interesses dele. Ele tem interesses muito amplos, mas basicamente é sempre em bioquímica. É um grupo bom que trabalhou com o Villela. Fora outros, professores de outras universidades que tem livros publicados com ele. Ele era o principal e os outros colaboravam.

WH - O Instituto chegou a desenvolver, nesse período que o senhor estava na divisão de química, produtos quimioterápicos, farmacológicos e farmacêuticos de qualidade?

MA - Não. Nessa época, eu acho que o Instituto não tinha esse tipo maior de preocupação. O problema maior no Instituto sempre foi produção de vacinas de qualidade, reconhecidas internacionalmente como de alto padrão, mas sinceramente não me lembro de produtos fármacos produzidos aqui... Agora sim, você tem um setor especial para isso, não é?

RG - E essas vacinas eram produzidas nessa divisão?

MA - Não. Tínhamos vacinas antivariolíticas, antiartética, antiamarílica - são as que eu me lembro - feitas nos setores próprios. Sendo que algumas dessas vacinas eram feitas em seções que, ao mesmo tempo, também faziam pesquisas. Porque como você tem uma rotina preestabelecida, se você tem gente disposta para fazer pesquisa, dá tempo de você além de fazer aquela rotina, poder fazer pesquisa. Porque é uma rotina que já está perfeitamente estabelecida, tem todos os parâmetros regulados, não é?

RG - Quais setores faziam pesquisa e produção?

MA - Olha o pessoal que fazia vacina antivariolítica, que fazia vacina antiamarílica fazia pesquisa também. Na antiartética todos eles também, além da produção de vacina, produziam trabalhos de pesquisa.

RG - E havia um contato assim entre os setores aos quais o senhor estava ligado e a linha de produção?

MA - Não, alguns você sabia porque tinha mais um relacionamento pessoal, então você ficava sabendo. E também através das reuniões da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro.

WH - Participavam todos os setores?

MA - Você participava quando sabia que tinha algo de interesse, ou tinha uma pessoa que mais ligada a você como amigo ou como conhecimento que ia apresentar um trabalho, você ia lá para tomar conhecimento, ver, enfim, dar um certo apoio.

RG - Quem eram as pessoas que lideravam essa sociedade?

MA - Não, essa sociedade elegeu, acho que de dois em dois anos, a direção, o presidente, o secretário, etc.

RG - O senhor não vê assim um grupo...

MA - ...que tivesse tomado conta? Não, não tinha. Variava um pouco. De dois em dois anos, eles tinham elementos novos.

RG - O senhor não lembra de nomes particularmente ativos ligados a...

MA - Exatamente o pessoal que fazia pesquisa no Instituto tinha um interesse todo especial pela própria Sociedade. Assim, particularizando, sinceramente não me ocorre nenhum nome.

RG - Tudo bem. Porque eventualmente poderia ser uma iniciativa de um pequeno grupo, mas pelo que o senhor está falando...

MA - Não. Havia uma atitude assim mais ampla de interesse mais generalizado.

RG - Com apoio, inclusive, da direção.

MA - Com apoio da direção. Permitia-se que todos que quisessem assistir àquelas seções tivessem liberdade para frequentá-las.

RG - Qual é o clima naquela época no Instituto na década de quarenta? Como o senhor viu o Instituto como instituição de pesquisa? Como um todo?

MA - Olha, logo quando cheguei, é lógico que eu não tinha experiência de trabalhar numa instituição científica, eu fiquei muito bem impressionado, achei que a coisa correspondia. Aqui, as grandes brigas no Instituto, os mal entendidos foram sempre por verbas escassas. E forçosamente, quanto tinha uma diretoria que tinha relacionamento a determinados indivíduos, esses eram mais beneficiados com as verbas em detrimento de outros. Isso sempre gera um mal estar, não é? Só.

RG - Na época do Aragão, quais seriam então os setores privilegiados por ele? O senhor poderia falar desse período?

MA - Não. Eu só posso dizer que o Aragão foi um excelente diretor. Ele era severo, mas era muito interessado no Instituto, muito dedicado ao Instituto. Tinha umas coisas que chamavam a atenção. Ele, por exemplo, saía da Rua das Laranjeiras, o carro do Instituto, o chofer, isso contado pelo próprio chofer. Dizia: “Sua filha está ali no ponto do ônibus. Ela vai tomar o ônibus”. E ele seguia de carro. Não dava carona porque não queria que dissessem... Quando chegava as quatro horas da tarde, ele dispensava o chofer. Queria ter a sua vida privada, então ele dispensava. Não ficava a disposição dele o carro toda a noite, como aconteceu em outras administrações. Ele é um homem, nesse ponto, muito exigente. Caçoava-se porque se você pedisse uma tesoura cirúrgica daquelas que separa as pernas, era capaz dele mandar meia perna só por questão de economia.

WH - Ele tinha pouco dinheiro realmente ou...

MA - Não, as verbas do Instituto sempre eram curtas, sempre foram deficientes. Eu acho que hoje nós estamos vivendo, mais ou menos, uma época de vacas gordas com a administração do Arouca. Porque ele tem conseguido muita coisa. Pelo que eu sei - li nos jornais - nós devemos ter uma verba de cinco bilhões de cruzados para o ano de oitenta e oito. É dinheiro, não é?

RG - E suscita problemas, não é?

MA - Sim. Provavelmente. Mas aqui se fez uma coisa que eu acho muito interessante: cada departamento pleiteia uma verba própria para suas pesquisas, explicando o porquê, e tudo. E aquilo fica mais ou menos reservado, naturalmente sempre na dependência porque o governo não libera esses cinco bilhões de uma tacada. Vai dando isso em parcelas. E, naturalmente também, você vai conseguindo as coisas em parcelas aqui. Então tem que ter o equilíbrio do administrador para saber quem precisa mais, quem precisa com mais urgência para ele ir cedendo.

WH - O senhor disse que achava interessante esse modelo de cada departamento pleitear a sua verba. Como era antes na sua época?

MA - Olha, a verba era geral. Qualquer coisa que você precisasse, você encaminhava `a direção, e a direção resolvia se você precisava ou não daquilo, se daria ou não. Então dependia muito do prestígio pessoal do chefe; e o prestígio do chefe estaria em relação à amizade que teria com o diretor do Instituto. Esse tipo de verbas discriminadas, eu acho que é muito mais democrático, muito mais eficiente, e impede, de uma certa maneira, que haja uma ingerência muito centralizada em relação a ceder a verba para A ou para B.

RG - Então, antigamente não se faziam esses planejamentos anuais em que já se poderia...

MA - Não. Normalmente, em determinada época, você pleiteava suas necessidades, do que você precisaria, não é? Mas isso ia para um departamento de compras, que muitas vezes comprava por interesses que eu considero escusos, aquilo que havia interesse dele, do serviço de compras.

RG - Por que interesses escusos? O que estava em jogo aí, na sua opinião?

MA - São coisas que você não pode comprovar, mas... Em determinada época, um pouco antes de eu sair daqui, de ter sido cassado, havia necessidade de se fazer um levantamento das nossas necessidades na seção de micologia. Eu fui incumbido pelo chefe da seção de fazer esse levantamento. Foi feito. E posteriormente nada do que foi pedido foi comprado. Então foram compradas coisas que não havia interesse.

Fita 3 – Lado B

MA - Fui me queixar ao chefe de compras porque era eu que tinha feito o pedido e não tinha saído a contento. E a alegação é que tinha chegado muito em cima da hora e que não havia tido tempo. Então, no ano seguinte, eu fiz com uma antecedência enorme para ver o quê que dava e deu exatamente a mesma coisa. Ele comprava o que tinha interesse.

Então você fica pensando, razoavelmente, através de raciocínio, que há interesse em comprar determinadas coisas em detrimento de outras, não é? Isso infelizmente é um mal de repartição pública e até de grandes empresas particulares. Muitas vezes o serviço de compras sofre o seu *lobby* e vai comprar aquilo que possa lhe render mais por debaixo da cortina. Essa é que é a verdade. E eu senti isso aqui.

RG - Mas assim então nesse período mais recente. Naquela época, o senhor acha que essas coisas já ocorriam?

MA - Não, naquela época eu também não podia dizer porque quando você chega novo, não se insere nas coisas todas que acontecem...

RG - Demora...

MA - Demora um pouco você tomar conhecimento de certas coisas, não é?

WH - Quanto tempo demorou para o senhor se inserir?

MA - Olha, na verdade eu comecei a tomar conhecimento de uma série de coisas que ocorriam em Manguinhos quando o Doutor Arêa Leão, que era com quem eu trabalhava em micologia foi ser o vice-diretor do Instituto, no tempo do Travassos da Rosa como diretor do Instituto. Ele me impingiu que eu assumisse a chefia do serviço técnico-auxiliar. Era uma espécie de Prefeitura de hoje, então eu passei a tomar conhecimento de coisas que eu desconhecia. A primeira coisa que me ocorreu foi ver o contrato de alimentação feito entre a firma e o Ministério da Saúde. É só uma coisa que eu me lembro bem porque me marcou profundamente. Então dizia o seguinte: a firma vencedora do contrato se obrigava a fornecer um cozinheiro de primeira categoria ou que tivesse carteira profissional. Então, todo cozinheiro, todo profissional têm que ter sua carteira profissional escrito lá cozinheiro. Então chegavam indivíduos aqui que não entendiam nada de cozinha. Eram umas coisas vergonhosas, mas você não podia fazer nada. O contrato feito para fornecimento dos alimentos dos setores, simplesmente você só poderia fornecer uma sopa de entulho diariamente ao pessoal todo, porque estabelecia que os fornecedores tinham que fornecer tanto de arroz por pessoa, tanto de carne, tanto de cebola, tanto de abóbora, tanto de chuchu. Entendeu? Então, se você recebesse diariamente aquilo que estava no contrato, você só podia fazer uma sopa de entulho. Quer dizer, uma sopa que tivesse todos aqueles ingredientes sistematicamente. Então isso obrigava o que? A você ter concordância com um fornecimento que entregasse material suficiente, quer dizer, que você recebesse um saco de arroz, um saco de feijão, um saco de batata e tudo mais. Bom, isso posteriormente, porque de qualquer maneira continuou. Havia um fornecimento feito exatamente pela firma que fornecia o cozinheiro, os alimentos e o Instituto pagava pelas refeições. Então eu cheguei. Talvez até uma das coisas pela qual eu tenha sido cassado, tenha sido por meter o dedo em certas coisas aqui, em certos tumores. Eles tinham uns funcionários do Instituto incumbidos de contar o número de refeições. Depois vinha um boletim e você autorizava o pagamento pelo número de coisas. Eu fiquei muito admirado, na época, porque o número de refeições diárias era de novecentos e qualquer coisa, e pelo número de funcionários, pelo número de gente que estava licenciado, está em férias, não poderia dar tanta gente. Então eu resolvi estabelecer uns *tickets* de refeição, e dar a cada funcionário. Isso simplesmente, caiu de novecentos e poucas para seiscentas e poucas refeições. Quer dizer, existiam trezentas e poucas refeições fantasmas que o Instituto pagava a essa companhia.

RG - Um terço, não é?

MA - Um terço. E eu então fui obrigado a dispensar esses fulanos que tomavam conta disso. Depois de tê-los dispensado, coloquei gente de minha confiança, não é? Apesar do esforço enorme que eles fizeram para serem mantidos no local. Depois que foram embora, você acaba encontrando quem te conta que o sujeito recebia em casa todos os gêneros, bebidas, isso e aquilo a vontade. Agora você abrir um inquérito no serviço público para botar alguém na rua é um negócio difícil, não é? Muito difícil.

WH - Isso não teve nenhuma repercussão, não é?

MA - Não. Simplesmente ficou em uso interno. O Doutor Leão soube, o Doutor Travassos da Rosa soube, me deram todo apoio. Então a coisa continuou assim, empresa deixou de fornecer refeições, mas foi a vencedora do contrato de fornecimento dos gêneros porque ela era dona do Ministério. Deve continuar sendo dona do Ministério da Saúde.

WH - Como dona do Ministério?

MA - Porque era a vencedora de todas as concorrências para fornecimento de alimentação. E o pior é que essa firma fornecia alimentos para os hospitais psiquiátricos, e sabe que louco, coitado, come o que põe na frente. Não tem queixas, não tem nada. É triste, mas é a verdade. Já que eu estou falando para o futuro, deixa eu contar o que aconteceu.

RG - Quer dizer, neste setor foi onde o senhor encontrou os maiores problemas, não é?

MA - É, de desvio de cimento, desvio de gasolina... Basta dizer o seguinte: eu fiquei com a pressão alta, me demiti várias vezes em caráter irrevogável. Inclusive, o doutor Travassos da Rosa tinha um pedido meu de demissão em caráter irrevogável.

MA - E ele não me dava: “Ah, eu não tenho ninguém para botar no teu lugar.” E o Leão dizia: “Fica. Tem paciência. Como é que eu vou perder o apoio de você?”. E eu ficava porque eu devia ao Leão. Não ao Travassos, que depois me tratava muitíssimo bem, me tratava como se fosse um filho. Mas devia muito ao Leão por ter me dado a oportunidade de passar para o setor de pesquisa.

RG - Mas é isso mesmo, não é?

MA - E a única coisa triste que eu tive foi que o Dr. Travassos da Rosa... Eu não gosto de falar mal daqueles que já morreram, mas eu vou dizer uma verdade. Por influência da esposa, que fazia muita questão que ele estivesse sempre num lugar de proeminência - diretor do Instituto era uma coisa importante para um pesquisador - e quando houve uma pressão por causa da revolução, em sessenta e quatro, nós passamos por diversos inquéritos. Nada foi apurado e tal, mas houve a pressão. E o Ministro da Saúde da época pressionou muito para que ele colocasse esse pessoal todo, dito subversivo, que ocupava postos aqui de divisão, de chefe de seção - inclusive eu que era chefe de um serviço... E ele demitiu a todos pensando que ele manteria o cargo. Pouco depois ele também caiu. Não adiantou nada, ele podia ter caído de pé, o que não aconteceu. Mas a má influência... Dizem que atrás de cada homem de sucesso, precisa ter uma grande mulher. No fim, na

parte de Travassos, lamentavelmente a mulher, por ambições pessoais, fez com que ele não tivesse uma saída... Porque ele era um homem digno, mas, às vezes, a influência feminina traz os seus problemas.

WH - Agora, os cargos de chefia de divisão dependiam diretamente do diretor? Ele é quem nomeava?

MA - Aqui havia uma espécie de praxe: os chefes de seção eram escolhidos entre o pesquisador mais antigo e tudo mais; e o chefe da divisão era justamente o chefe de seção mais antigo; e o vice-diretor de Manguinhos era do chefe de divisão mais antigo. Então havia uma renovação. Antes do Leão tinha sido o Genésio Pacheco, que era o chefe de divisão mais antigo. Quando o Genésio se aposentou - continuou trabalhando aqui, mas estava aposentado - então o Leão era o mais antigo e foi ser o vice-diretor do Travassos da Rosa. Então havia uma espécie de hierarquia, não é? Era bem razoável. A revolução terminou, disse que veio para disciplinar, mas pintou o diabo. Inclusive, o Leão foi muito prejudicado pelo Rocha Lagoa. Porque o Leão, depois de ter sido chefe de divisão e ter sido vice-diretor, ao menos ele deve ria ter voltado a ser o chefe da divisão. E ele foi simplesmente convidado pelo Lagoa a voltar a ser o chefe da seção de micologia, o que ele não aceitou. Ele preferiu bater ponto, mas não... Só os chefes de seção e de divisão não batiam ponto. Ele preferiu bater ponto, mas não aceitou. Então, o Lagoa alegava que o Leão não tinha querido trabalhar com ele, participar da administração dele. Então perseguiu tremendamente o Leão. Inclusive na concessão da Medalha de Ouro, coisa que eu já fiz referência.

WH - É isso o senhor já nos contou. A gente podia conversar melhor quando entrasse na seção de micologia. Eu queria voltar um pouquinho para o seu período na seção de ensaios biológicos e controle...

MA - Se eu for cassado novamente vocês vão ser culpadas, hein! Eu vou cobrar de vocês duas: “Vocês estão vendo? Pegam uma fita dessas, ouvem. Está no olho da rua” (*risos*). Eu estou brincando. Eu já tenho experiência de ser cassado. Mais uma vez é porque estava no destino. (*risos*).

WH - Mas o que eu queria lhe perguntar era o seguinte: essa seção existiu até quando? O senhor sabe me dizer?

MA - Até a última reforma do Instituto Oswaldo Cruz um pouco depois de nós sairmos daqui. O Peckolt ainda continuava lá e tudo mais. Nós já tínhamos saído, tínhamos sido cassados. E depois então houve uma modificação de estrutura aqui, terminaram várias seções.

RG - O Peckolt ficou esses anos todos?

MA - O Peckolt continuou ainda durante um período. Eu não sei se o Peckolt faleceu antes de terminar a seção dele. Eu não sei se ele faleceu ainda como chefe da seção ou se já tinha se aposentado. Agora eu não posso precisar.

WH - Quer dizer que esta seção continuou funcionando até...

MA - Funcionou durante algum tempo. Depois da cassação nossa... Depois de sessenta e

quatro ainda funcionou durante algum tempo. Bom. Nós fomos cassados em setenta. Então, ela funcionou além de setenta um pouco. Até quando não tenho precisão, porque já estava afastado do Instituto.

WH - O senhor inclusive estava falando que os laboratórios, à medida que foi passando o tempo, foram incrementando seu setor de controle, não é?

MA - Eu falei isso dos laboratórios farmacêuticos particulares.

WH - Sim, exato.

MA - A indústria farmacêutica nossa, de fato, teve interesse nisso. Inclusive, cassado, eu fui montar... Fiz questão de colocar assim: Departamento de Pesquisa e Controle de Qualidade de uma indústria nacional a Panquímica, que funcionava em Niterói, e que posteriormente foi vendida para um grupo espanhol. Depois esse grupo espanhol vendeu para uma outra indústria nacional que retirou todo o material. Eles tinham instalações aqui no Rio, e funcionava em Niterói, a Panquímica.

WH - Agora, esse fato, dos próprios laboratórios particulares terem o seu setor de controle diminuiu o trabalho da seção de ensaios biológicos e controle?

MA - Isso eu não posso precisar mais... Não, nessa época a seção já tinha o laboratório de controle de qualidade da saúde pública isolado que funcionava ali no cais do porto, instalado convenientemente. O primeiro diretor, quem organizou, foi o Dr. Raimundo Muniz de Aragão. Ele organizou muito bem o Instituto, que digamos assim teria sido a célula máter do atual Instituto Nacional de Controle de Qualidade da Saúde. Creio eu. Não sei se alguns elementos que foram de lá, passaram para cá.

RG - Mas o Muniz de Aragão era vinculado a que departamento?

MA - Não. O Muniz não era do Instituto. O Muniz de Aragão era da Escola Nacional de Química e fazia parte de microbiologia, principalmente microbiologia industrial. E foi chamado para organizar esse laboratório de controle do Ministério, não é? E que hoje é um instituto.

WH - Quer dizer que o Instituto Oswaldo Cruz deixou...

MA - Não sei se na época esse setor do Instituto foi desativado, como ficou funcionando e por quê. Não sei se passou a fazer determinado tipo de pesquisa... Eu sei que, durante algum tempo, um dos colegas que ficou nesse laboratório, o Doutor Rubens do Nascimento, trabalhou em hidrobiologia por causa da análise de água, que era uma coisa que se fazia também lá. Como ele era especializado nisso se dedicou a essa parte de hidrobiologia, com pesquisadores do Instituto

RG - Esse laboratório, que o Muniz Aragão montou, foi desativado posteriormente ou ele ainda existe?

MA - Não, eu acho que foi desativado. Eu não sei se aquele material todo veio para enriquecer o patrimônio aqui ou se foi para outros órgãos do governo. Isso eu não tenho certeza.

RG - Quer dizer, nessa ocasião era vinculado ao Ministério da Saúde?

MA - Da Saúde. Essa parte de controle sempre tem sido vinculada ao Ministério da Saúde.

WH - Quer dizer, o Ministério da Saúde sempre controlava a parte de medicamentos?

MA - A parte de medicamentos.

WH - Para dar o aval se esse medicamento teria ou não...

MA - ...se estavam em condições. Análises fiscais, como chamam, que são análises em que o próprio organismo oficial apreende amostras para ver se os produtos que estão no mercado estão em condições, se tem algum defeito, não é?

RG - Muniz de Aragão era uma pessoa respeitada pela comunidade científica?

MA - Era respeitado sim, era um professor competente, foi, creio, reitor da universidade.

RG - É o mesmo, é esse que virou reitor?

MA - É o mesmo, Raimundo Muniz Aragão, reitor e que depois foi diretor do laboratório de controle. Foi ele quem organizou.

RG - Antes de entrar na micologia, eu queria levantar duas questões. Uma é a realização do Congresso de Microbiologia em mil novecentos e cinqüenta. Foi um congresso internacional, veio o Fleming aqui, não é?

MA - Foi. Funcionou, veio o Fleming. As maiores autoridades mundiais estiveram. As seções eram realizadas no Instituto algumas, e, principalmente, o congresso funcionou no Quitandinha, em Petrópolis.

RG - E o senhor participou?

MA - Participei sim.

RG - Da própria organização do congresso?

MA - Não. Não da organização não. Só como membro, porque era do Instituto. E participei de várias sessões... Mas infelizmente não tive possibilidade de apresentar trabalho algum porque em cinqüenta...

RG - Não havia condições...

MA - Não havia condição ainda porque o trabalho da seção era muito pesado. Como disse, a rotina não dava margem...

WH - Esse congresso teve uma importância para a microbiologia aqui no Brasil?

MA - Olha, teve sim. E poderia ter tido maior ainda para a micologia, porque o Doutor Arêa Leão fez uma tentativa para que a micoteca do Instituto fosse um dos órgãos de referência de coleções de fungos, mas injunções políticas dentro do Instituto impediram isso.

RG - Que tipo? O senhor acompanhou esse episódio?

MA - Não. Sinceramente eu não sei. Eu sei que houve injunção que impedisse porque... Houve quem admitisse que se isso acontecesse o Leão ia ter uma projeção muito grande, e que provavelmente ele seria um candidato posterior muito forte à direção do Instituto. Coisa que não era intenção do Instituto e do Leão visar uma coisa dessas para chegar a diretor do Instituto. Ele teria tido muita chance, se quisesse ser diretor do Instituto, porque ele teve um cunhado que foi senador da República. E na época que nós aqui tivemos uma questão séria com o Doutor Olympio da Fonseca, que foi nosso diretor, o Leão e uma comissão, praticamente esse grupo era dos mais antigos, tiveram o apoio de mais de setenta por cento do corpo de pesquisadores. Eles estiveram com Getúlio. E o Getúlio perguntou ao Doutor Leão: “O senhor é candidato a diretor do Instituto?” Ele: “Absolutamente. Eu estou aqui reivindicando uma coisa que é justa, que é de direito.” E era.

RG - O que era?

MA - A situação foi a seguinte: o Dr. Olympio da Fonseca passou a contratar indivíduos para virem trabalhar em diversos setores com pesquisadores, com técnicos do Instituto, ganhando mais do que você ganhava. Então você ia ensinar a alguém, e você recebia menos. Isso eu acho que é uma atitude muito humilhante. No primeiro momento, ninguém pretendeu reclamar do Dr. Olympio porque os ordenados dos fulanos eram maiores do que os nossos, não. Fomos reclamar com o Dr. Olympio que era desagradável você ser orientador de um indivíduo que recebia mais do que você, pago pelo próprio Instituto. Se fosse uma bolsa externa muito bem. Você não tem nada com isso o sujeito pode vir aqui, ganhando de fora e vir a aprender qualquer coisa, não é? Você ficaria até feliz, não é? Mas era pago pelo Instituto. Então, o que se pleiteava é que ele resolvesse arranjar uma verba para pagar mais ao pessoal que estava trabalhando. Ele se comprometeu e tal, mas não fez nada, e começou a aumentar as contratações dele. Então isso acabou em memorial ao Ministro da Saúde, posteriormente ao Presidente da República e deu uma encrenca danada. Se vocês quiserem detalhes, tem uma publicação ainda aí... Como é que se chama.... Tem umas separatas.

RG - Como se chama?

MA - Eu não sei bem... “O problema do Instituto Oswaldo Cruz”... Então se relata tudo direitinho.

WH - E onde é que está isso?

MA - Eu posso dar uma separata para vocês.

RG/WH - O senhor tem?

MA - Tenho aí na micologia, por acaso...

WH - Ah!

RG - Foi feito um memorando para o Getúlio? Essa separata foi...

MA - Foi. Foi feita ao Ministro; depois foi feita ao Getúlio... Foi uma onda danada... Acabamos botando o Olympio fora do Instituto Oswaldo Cruz.

RG - Isso tem a ver com a Rockefeller? Essa briga por salários?

MA - Não. A Rockefeller naquela época foi incorporada ao Instituto porque fazia parte do contrato: no fim de dez anos de funcionamento - uma coisa assim - a Rockefeller passaria ao Instituto Oswaldo Cruz. Como passou todo o pessoal da Rockefeller. Aí, na época, o Olympio se aproveitou disso e embuti uma porção de fulanos - inclusive um ou os dois filhos, não sei bem - na Rockefeller. E isso repercutiu mal. Mas foram as contratações para que indivíduos aqui... Orientando e recebendo menos. Então foi uma injustiça muito flagrante e a turma se revoltou e aconteceu. Não sei nem se tenho aquele folhetozinho... Se não estiver aqui, está lá fora.

RG - A gente pode fazer xerox também se não houver mais...

MA - Não, tem vários. Na época fizemos uma cooperação e isso se publicou.

RG - E era um grupo grande que organizou isso?

MA - Era. O grupo maior do Instituto Oswaldo Cruz estava contra o Olympio. Tanto é que ele acabou sendo destituído da direção do Instituto Oswaldo Cruz.

WH - Quem estava apoiando o Olympio?

MA - Tinha um grupinho que sempre apoia a direção. Está sempre de bem com...

RG - ...Com o poder?

MA - ... com o poder. Vocês sabem disso.

WH - E o senhor não se lembra dessas pessoas?

MA - Eu prefiro não nomeá-las. Depois que tiverem o trabalho de ler a separatinha e o folhetozinho vão ficar bem a par de tudo o que aconteceu.

WH - Vai ser ótimo porque a gente não tinha referência desse documento.

MA - E pode ser até que possa servir para o Museu.

RG - Claro. Claro.

WH - Voltando um pouquinho a esse congresso. O senhor colocou a questão da micologia. Nós lemos um documento escrito pelo Olympio onde ele se queixa da falta de participação do chefe da seção de micologia. Seria esse episódio que o senhor contou?

RG - Do Arêa Leão?

MA - É, talvez tenha sido esse motivo. Talvez o Leão tenha depois não colaborado suficientemente pela falta de apoio que teve para transformar a micoteca do Instituto em uma parte de padrão para fungos. Parece-me tem uma na Holanda, tem uma na Inglaterra. E aqui, o Instituto seria outra fonte de referência. Nós temos uma micoteca bem razoável. No momento, tem perto de mil e oitocentos fungos de vários gêneros e espécie. E já poderia ter sido ampliada. O Leão tinha organizado, na época, um catálogo disso, não é? Ele tinha um assistente, o Amadeu Curi, que era um indivíduo de muita capacidade de trabalho, inteligente e tudo mais. Tinha saído esse catálogo. Tudo com esse interesse. E houve, quando soubemos, uma oposição a que se fizesse porque isso daria força política ao Leão. Mas não era intenção dele não.

RG - Eu acho que o Olympio, nessa época, estava como diretor interino, não é? O Aragão tinha se demitido. Não sei se ele já tinha sido...

MA - Não. Na época do congresso, o Dr. Olympio era o diretor. Isso eu me recordo bem porque eu tenho coisas assinadas, até agradecimentos feitos por ele pela colaboração prestada durante o congresso e tal. Não sabia que existia algo em que ele se queixava do chefe da seção de micologia.

RG - É a “Documenta”, um documento muito grande que ele escreveu.

MA - É?

WH - Agora, eu tenho curiosidade de saber se esse Congresso de Microbiologia trouxe novos conhecimentos e uma idéia sobre os caminhos que estavam sendo abertos nesse período do pós-guerra.? Não sei se é uma época de novas descobertas, novos processos...

MA - Eu tenho impressão que seriam novos rumos, se o Dr. Olympio, logo após essa situação, não tivesse criado esse problema de choque entre o corpo de pesquisadores do Instituto e a direção. Talvez tivesse resultado em coisas muito positivas porque o Instituto teve uma projeção internacional. Foi sede de um congresso internacional de microbiologia. Então, forçosamente, teria que sair muita coisa importante daqui. Se não saiu, é difícil saber de quem é a responsabilidade. Mas você pode admitir que... Eu acho que o problema maior teria sido exatamente o estado de choque que se criou entre a direção e o corpo de pesquisadores.

RG - Pouco tempo depois desse congresso o senhor já veio a participar da micologia?

MA - Algum tempo depois. O congresso foi em cinquenta, não é?

RG - É.

MA - Exato. O congresso foi em cinquenta. Talvez uns quatro ou cinco anos depois é que eu fui para a seção de micologia. Eu não sei precisar exatamente a época.

RG - Então, o senhor podia contar como foi a sua aproximação com o Arêa Leão. Como o senhor chegou a ser convidado? O senhor disse que, inclusive, tem essa gratidão pelo

Arêa Leão.

MA - A micologia era um dos tópicos do Curso de Aplicação do Instituto. E o Leão dizia que se ressentia da falta de alguém que pudesse fazer a parte básica de química de cogumelos. E justamente como já estavam visan do terminar nossa seção, me foram oferecidas duas oportunidades pelo Gilberto Villela. E eu não aceitei. Uma era para chefiar o laboratório de análises clínicas do Hospital Evandro Chagas. Eu não quis porque ia sair de uma rotina para cair em outra. É verdade que talvez lá, tendo vários colaboradores, eu pudesse depois fazer pesquisa.

RG - O senhor não se interessou, descartou o Evandro...

MA - Não, descartei a hipótese de chefiar. Não queria. Eu queria fazer pesquisa. E conversando com o Leão, ele disse: “Ah, mas a seção vai terminar, você deve sair para um outro lugar”, “É, devo sair”. A outra proposta foi, que eu me lembro agora, chefiar os cursos do Instituto Oswaldo Cruz. Como eu sou professor, e eles sabiam, achavam que eu poderia fazer esse tipo de serviço. Mas eu também não queria ficar ligado exclusivamente ao magistério, eu achava que aí eu esterilizaria de completo. E conversando com o Leão, ele disse: “Você não gostaria de vir trabalhar comigo?” Eu disse: “Com o maior prazer, desde que o senhor consiga me requisitar.” Ele disse- “Não, eu vou pedir, eu acho que eu consigo isso.” Fez o pedido e eu fui trabalhar com ele. Eu digo: “A única coisa é o seguinte: eu não gosto da parte de sistemática, não me interessa a sistemática de fungos. Se eu for a minha programação é fazer bioquímica e fisiologia de fungos”. “Você tem toda a sua autonomia de trabalho. Mas eu quero que você também faça alguma coisa de interesse ligado de imediato a micologia. O quê que você pensa?” Eu me dava muito bem com o Masao Goto porque nós trabalhávamos próximos, e tínhamos um relacionamento pessoal, além de tudo éramos de esquerda. E eu sabia que tinha um problema que eram os antígenos micológicos que você padroniza. Quer dizer, você tem uma técnica, que você segue rigorosamente, e tem alguns que tem poder antigênico, e, de outra vez, uma outra partida não tem poder antigênico. Então, é um campo aberto à pesquisa. E eu disse ao Leão: “Eu acho que a gente pode entrar nisso, fazendo uma parte de cromatografia de papel. Tentar separar várias frações antigênicas, e depois examinar qual delas de fato tem poder antigênico e por quê de vez em quando não aparece, numa partida do antígeno, a validade antigênica do mesmo”. “Está ótimo. O quê que você vai precisar?” Eu disse: “Olha, tem uma aparelhagem nova americana chamada Spinck, que se faz cromatografia descendente, que se pode separar em quantidade boas isso e aquilo”. “Então você pede”. E eu pedi. Quando a aparelhagem chegou... Aí houve uma interferência política, porque acontecem essas coisas mesmo o Leão sendo um homem de prestígio. Mas o Humberto Cardoso achou que cromatografia de papel era um processo físico-químico, então tinha que ir para a seção dele e não ficar na seção do Leão. Quando havia um objetivo certo que era você trabalhar com os antígenos e fracioná-los. E foi para o Humberto Cardoso, que segundo eu sei nunca usou a aparelhagem. Simplesmente...

RG - E o senhor não teve acesso a aparelhagem?

MA - Não tive acesso. Porque em geral você não tinha acesso a determinados aparelhos que estavam em outras seções. Então, eram as coisas erra das do Instituto que eu acho que deve funcionar como funciona o Instituto...

Fita 4 - Lado A

MA - Esse tipo de coisa deveríamos fazer como no Instituto Pasteur. Pelo que eu sei, esses aparelhos mais caros como microscopia eletrônica de varredura, ressonância nuclear magnética, aparelhagem para radioisótopos... Por exemplo: você está fazendo uma pesquisa num outro setor, esses aparelhos de alto custo são centralizados; então quando você quer, primeiro vai se entender com a chefia daquela seção e eles te marcam a hora, o dia que você pode levar o seu material para ser aproveitado lá e depois te dão os laudos; ao publicar você faz o agradecimento que aquilo foi feito na parte de microscopia eletrônica. Porque ele está usando uma técnica, não pode colaborar no teu trabalho porque aquilo é uma técnica. Como se fosse um fotógrafo que tirou aquilo ou fez uma corrida de cromatógrafo a gás. São aparelhos muito caros hoje para você ter. E num laboratório só um sujeito vai usar, e tem uma capacidade ociosa enorme. Então não há verba, principalmente num país subdesenvolvido. Se os franceses fazem assim, eu acho que nós... Houve uma tentativa ainda no tempo do Olympio. Ele chamou para aqui o professor Cristóvão Cardoso, que era da Faculdade Nacional de Filosofia, um indivíduo de muito valor. E ele tentou agrupar essa aparelhagem. Entusiasmou o Olympio para que fizesse isso. Mas a chefia era do Humberto que tinha relacionamentos político também fortes, através da esposa que era baiana...

WH - Que tipos de relacionamentos políticos? Com quem?

MA - Parentes dela eram governador de estado, reitor da universidade lá. Então essas coisas tem influências enormes. E o Humberto fez pé firme que se tivesse isso seria na seção de físico-química e em todos os trabalhos publicados que se socorressem dessa aparelhagem, ele seria colaborador do trabalho. O é um absurdo, não é?

RG - Um colaborador perpétuo, não é?

MA - Perpétuo, exato. Você veja a produção desse indivíduo se servindo dessa aparelhagem que hoje tem uma aplicação imensa. Quer dizer, qualquer um que usasse aquilo no trabalho, teria seu Humberto Cardoso como colaborador. Aí me parece que foi Júlio Muniz que era antigo no Instituto, que estava interessado em determinada coisa, e disse: “Não. Isso eu não aceito”. E houve uma briga tremenda, e se desfez o problema do Instituto. Então eu espero que o bom senso que vem operando agora no Instituto Oswaldo Cruz, chegue a esse ponto de fazer como no Instituto Pasteur, sabe? Acho muito importante isso.

RG - O senhor tem contato com o Instituto Pasteur?

MA - Não, soube só através de funcionamento, de leitura, de quem esteve lá. Então eu acho muito importante que isso se fizesse aqui. Principalmente num país subdesenvolvido, que não tem verbas tão abundantes para ter um aparelho de alto custo e com uma capacidade ociosa imensa. É lógico que você é obrigado a ter no seu laboratório alguns aparelhos, porque são de uso praticamente diário, permanente. Mas outros aparelhos, que você usa uma vez ou outra, não é justo, não é? E que os outros não tenham acesso, que ele seja dono daquilo. Precisamos socializar a aparelhagem de alto custo.

RG - Tenho inclusive a impressão que exatamente é essa a linha de pensamento do Arouca referente a outros setores de medicina social e tudo... Caminhando nessa direção.

MA - É, eu sei, lógico. Aliás, na seção de micologia, quando saímos do prédio aqui, ganhamos um andar inteiro lá no prédio novo da divisão, e se criou uma sistemática de trabalho em que o material não seria de cada um. Todos os microscópios foram colocados numa sala para microscopia. Dependendo do tipo de interesse que você tinha, se fosse uma coisa simples, por exemplo, uma lâmina ou se era uma coisa para pesquisa, então você tinha um microscópio de melhor qualidade e o microscópio de uso mais rotineiro. Mas ficavam todos concentrados nessa sala. A mesma coisa aparelhagens que dependeriam, por exemplo, de não estar em lugar úmido, e tudo mais, ficavam nessa sala. Fizemos um laboratório para a parte de fisiologia, então tudo o que pudesse ser de interesse de fisiologia estava concentrado ali. Uma sala para bioquímica. A única coisa que tivemos individualmente foi que os mais antigos passaram a ter a sua salinha própria. Um lugar onde você tinha sua mesa de trabalho, sua estante, sua cadeira, uma cadeira para um visitante... Para ter uma certa privacidade no momento. Mais nada. O resto, tudo era comum. Tínhamos a biblioteca também. Inclusive, nós fizemos uma “caixinha” em que conseguimos... Porque sabíamos que essas salas seriam todas enceradas, e nós sabemos as dificuldades que tem de manutenção no Instituto. Então resolvemos botar sinteco em todas as salas, na biblioteca. E esse sinteco foi posto com o caixinha do dinheiro do pessoal da seção. Inclusive depois, compramos à crédito - posso falar bem porque eu era tesoureiro da caixinha - na Gelli, um grupo estofado: um sofá e duas poltronas onde tínhamos a mesa de reuniões na biblioteca, as diversas estantes que ainda estão por aqui hoje...

RG - Vocês saíram para onde?

MA - Nós saímos do prédio do Quinino, que hoje é parte administrativa.

WH - E foram para onde?

MA - E fomos lá para a divisão da microbiologia, onde funcionava a divisão toda.

WH - Em que época foi isso, Dr. Moacyr?

MA - Isso foi em sessenta e sete, acho eu.

WH - Depois já do golpe militar?

MA - Depois do golpe militar.

WH - O senhor disse que o laboratório de micologia passou a se organizar por tarefa.

MA - Por determinado tipo de pesquisa. Quer dizer, se você quer fazer um tipo de pesquisa, você teria um laboratório próprio para aquilo, com aparelhagem, vidraria, enfim tudo aquilo que você precisasse. Agora, tinha a parte da infraestrutura própria, que era a parte de esterilização, preparo de meio de cultura. Isso então era separado, porque era para funcionar para todos laboratórios.

WH - Isso antes funcionava como?

MA - Antes funcionava a critério de cada um. Quer dizer, um pesquisador tem o seu material. Se não tem o laboratório, tem o campo de laboratório. Durante muito tempo, aqui no Quinino, eu e o Goto tínhamos uma sala de trabalho em comum e o laboratório em comum, não é? Mas posteriormente, tínhamos por especialidade. Quer dizer, para determinado tipo de pesquisa você tem um laboratório.

RG - E funcionou bem? Vocês chegaram a implantar solidamente essas medidas?

MA - Implantamos. A coisa estava indo muito bem quando... Talvez tenha sido em sessenta e oito, foi muito pouco tempo. Quando estava organizado...

RG - Quando o senhor foi cassado, o setor se desarticulou?

MA - Não. Durante algum tempo continuou. Estava o Leão; pouco tempo depois o Leão se aposentou. Mas tinha o Adolfo Furtado que era o chefe. Tinha Pedrina, tinha Carlota, que eram novas ainda. Tinham sido alunas no curso de micologia e procuraram dar continuidade dentro das possibilidades.

WH - Nessa nova organização de laboratório, não houve queixa de alguns pesquisadores que queriam ter o seu laboratório?

MA - Não. Aquilo tudo foi feito de comum acordo. O único que manteve o laboratório junto ao gabinete de trabalho foi o Villela; em homenagem, porque ele foi o chefe da seção por muitos anos e tudo mais; e respeito, para não quebrar aquela praxe, a privacidade dele. Ficou com o laboratório dele. Mas ele foi inteiramente favorável à instituição dessa sistemática de trabalho.

RG - Esse era um modelo que já estava sendo implantado em outros laboratórios?

MA - Não, isso foi novidade. Tanto que nós criamos o problema de ter esses óculos... Os laboratórios ficavam num grande corredor; do outro lado estavam as pequenas salas de cada um. Então, ele não precisava, numa visita, penetrar no teu ambiente de trabalho. Ele podia ver o que se estava fazendo através do óculo. Como aqui, por exemplo, que se tirou por causa do ar condicionado. Isso se fez assim. Olha, o Lagoa, toda a visita que tinha ele levava para ver o modelo que tinha sido nosso laboratório, que foi modelado no meu ponto de vista. Olha, eu me dediquei tanto a isso que quando fui cassado, durante as primeiras semanas, eu só conseguia dormir depois de exausto. Eu fechava os olhos e parecia que eu me transportava para lá e caminhava ali por dentro e tal. Eu até fui procurar um amigo meu que era psiquiatra, e disse. “Taunay, me dá um jeito que eu estou ficando biruta”, “Não, você tem que resistir não pode, não vou te dar nada não, não força não, você está emocionalmente muito perturbado ainda”. Até que, finalmente, eu conseguir vencer aquele período de crise que era me transportar no pensamento, eu vinha e caminhava, entrava na minha sala, nos laboratórios....

RG - Tinha insônia, não é?

MA - É, não conseguia dormir. Só dormia depois de esgotado mesmo.

RG - O senhor se considera o pai dessa idéia de centralização dos laboratórios?

MA - Não diria o pai, mais fui um dos colaboradores mais intensos na sistemática. Mas tive o apoio de todos os colegas. Todos sempre ajudaram e muito...

RG - Mas a idéia foi coletiva?

MA - Não, fui eu quem dirigiu toda a instalação do novo laboratório lá, sabe?

RG - Quem bolou essa coisa de que podia ser diferente, que podia ter uma outra maneira?

MA - Não quero assumir a paternidade assim, já faz tanto tempo, mas eu tenho a impressão que eu fui um dos que lançou a semente. Eu acho que é muito importante isso. E aqui já tenho discutido muito com a Pedrina: se nos ganharmos um novo andar, como está prometido, que a gente possa repetir a coisa que eu acho muito promissora. Inclusive, durante a construção, nós, em vez de deixar pintar tudo de branco, não deixamos, nós pintamos uma parede de azul forte, o teto branco e a outra de cinza claro. O corredor era todo assim. Então os debochados colegas de outras seções, sabe, diziam: “Olha lá a boate da micologia”. Porque fí cou bonitinho sabe? Eu acho o seguinte: você passa muitas horas no seu local de trabalho, você precisa se sentir bem, feliz no ambiente em que você está trabalhando. Isso também ajuda. Então o problema era esse de criar um ambiente que fosse... Daí de nós temos comprado grupo estofado, tínhamos programação de comprar abajur para receber visita ali, a nossa mesa de reuniões. Estava tudo muito bem feitinho, sabe? Foi uma pena. E a pena pior foi terem desmontado aquilo para estenderem os problemas de interesse de um outro laboratório que precisava crescer... Tanto que a micoteca ficou lá, continua lá....

RG - Está lá?

MA - Porque aqui não tem espaço.

RG - É. Aqui vocês estão muito mal instalados, não é?

MA - Estamos espremidíssimos. Tem um corredor que é “do lá vai um” porque você passa e se vier outro você tem que se recolher.

RG - Vocês vão voltar junto à micoteca? É esse o plano?

MA - Não, o plano aqui seria ganharmos o quarto andar no hospital, que vai ser adaptado para a micologia. Espero que consiga isso.

RG - Acho que a gente podia falar um pouco, talvez até esgotar se for possível, o Curso de Aplicação: o senhor contar como entrou para o curso. Foi convidado por alguém?

MA - É, a primeira vez, eu já estava na seção de micologia, o Leão me designou para dar uma série de tópicos que estavam mais ligado aquilo que eu...

WH - O senhor fez o Curso de Aplicação em 1947, não foi?

MA - Eu não fiz todo o curso. Eu só fiz aquelas cadeiras do meu interesse. Eu fiz técnica bacteriológica, físico-química e bioquímica, que era aquilo que eu queria fazer.

RG - Aquilo que o senhor sentiu necessidade de aprimorar...

MA - Não, era o meu interesse. Quer dizer, fazer helmintologia, isso, ou aquilo, não era do meu interesse.

RG - E como era o Curso naquela época? Era um bom curso? Funcionava bem?

MA - Era um bom curso, funcionava perfeitamente bem. Muito bom o curso.

RG - Tinha renome naquele momento?

MA - Tinha renome, principalmente na América Latina, e nós tínhamos sempre elementos que vinham de outros países para fazer o curso aqui.

WH - Quem é que dava as matérias para vocês? Qual era o enfoque?

MA - Olha em bioquímica quem funcionou foi o Villela e a Maria Isabel que era assistente dele na época; em técnica bacteriológica era o Dr. Genésio Pacheco e o assistente que era o... agora me falha a memória. Em físico-química foi Humberto Cardoso e o assistente dele que dava mais porque era colaborador.

WH - Senhor não fez técnica de micologia nesse curso?

MA - Não. Eu não fiz micologia. Na época, eu não tinha ainda interesse na micologia. Eu estava procurando... Porque, na micologia, o que me interessa é o metabolismo do fungo, sabe? Essa é a minha função. Eu sabia que, na época, esse curso dava, principalmente, muita sistemática e não era uma coisa que me agradasse.

RG - Dr. Arêa Leão dava a cadeira de micologia no curso?

MA - Dava a cadeira de micologia e os assistentes do Leão. Na época, já dava o curso o Cury, o Goto, o Furtado, cada um deles se distribuía.

WH - Adolfo Furtado?

MA - Adolfo da Rocha Furtado. E posteriormente quando eu estava na seção de micologia foram criados vários tópicos na parte de fisiologia de cogumelos e quem dava era eu. Durante sete anos, eu tenho as diversas indicações para professor do curso.

WH - Depois a gente vai ver como este curso vai indo historicamente. Mas, agora, a gente podia falar mais do curso que o senhor fez em quarenta e sete.

MA - É. Acho que foi em 1946 ou 1947, não tenho bem certeza... não, 1947.

WH - Em 1947. Quer dizer, o senhor foi para esse curso com alguma indicação? Como fez para entrar nesse curso? Como era?

MA - Não. Você do Instituto tinha direito de se escrever para fazer o curso. Eu vi que tinha cadeiras que achei que seriam do meu interesse. E então eu fiz essas cadeiras.

RG - Tinha que ser liberado pelo seu chefe para poder fazer o curso?

MA - Sim. Você estava isento durante o período do curso. Durante o funcionamento do curso você estava isento. Se ele funcionava pela parte da manhã, de manhã não precisava estar na seção; se o curso fosse na parte da tarde, você estava liberado na parte da manhã; se o curso fosse tarde e manhã, você estava liberado, perfeitamente, durante todo o período de tópicos.

WH - E o senhor podia fazer só algumas matérias? Não exigiam fazer o curso global?

MA - Podia, podia. Não, não exigiam fazer o curso global.

RG - E a pessoa podia simplesmente decidir o que ia estudar? Não precisava ser solicitação de algum superior, por exemplo algum chefe?

MA - Uma indicação? Não, você mesmo pleiteava de fazer o curso.

RG - Peckolt liberava?

MA - Foi perfeitamente liberal. Não criava caso algum. Eu não tinha sido o primeiro a fazer o curso, outros já tinham feito. Alguns fizeram o curso inteiro, eu não quis. Eu queria a parte que era do meu interesse, eu queria a parte de técnica de bacteriologia, porque era para trabalhar com microrganismo; se eu viesse a trabalhar, tinha que ter uma noção daquilo. A parte de físico-química me interessava por causa da aparelhagem que o Instituto tinha, para poder funcionar com ela. E a bioquímica que, para mim, sempre bateu mais forte.

RG - Então, quer dizer que o Dr. Villela o senhor conheceu mesmo no curso?

MA - Sim. Mantive um relacionamento muito bom.

WH - Tinha muita gente fazendo o curso na mesma época que o senhor?

MA - Tinha sim, uns vinte e poucos alunos.

RG - Pessoas com as quais depois o senhor manteve um relacionamento mais estreito?

MA - O pessoal mais daqui de dentro mesmo, eram colegas, e alguns estrangeiros que vinham para fazer o curso de Manguinhos.

WH - O senhor disse que foi a partir do Curso de Aplicação que o senhor começou a se interessar por micologia, é verdade isso? Foi nessa época mais ou menos?

MA - Não, no Curso de Aplicação não. Porque no Curso de Aplicação eu não fiz o tópico de micologia.

WH - Mas o senhor não começou a travar contato com Arêa Leão nessa época?

MA - Não. O contato que eu tinha era, principalmente, com Masao Goto. Mas nós sempre

discutíamos a possibilidade de se fazer muita coisa em fisiologia e bioquímica de fungos. E quando surgiu essa oportunidade então eu me agarrei com unhas e dentes nela.

WH - E quanto tempo demorou desde que o senhor começou a se interessar pela área de micologia até que o senhor efetivamente foi para lá?

MA - Ah, isso demorou uns três anos mais ou menos, dois ou três anos. Depois nós tivemos a mudança, a instalação lá. Quando as coisas podiam frutificar porque eu tinha apresentado notas prévias e tudo mais é que veio a cassação. Eu tive a minha carreira de pesquisador muito truncada, sabe? Fui vítima do destino.

RG - O Goto era seu amigo, vocês tinham contato profissional?

MA - Nós nos conhecemos aqui em Manguinhos e nos tornamos amigos íntimos.

RG - Era uma amizade que passava por essa identidade político-ideológico?

MA - Também. Era uma amizade aqui de dentro; posteriormente nós tínhamos pontos de vista ideológicos em comum. Então, isso talvez tenha feito uma sedimentação maior da nossa amizade.

RG - Mas originariamente o Goto era de que setor?

MA - Ele chegou aqui na época da penicilina. Na produção de penicilina, ele veio contratado para aqui. Fez concurso para vir aproveitado na penicilina e ficou na micologia.

WH - Em que época, mais ou menos, foi isso?

MA - Isso deve ter sido em 1947 ou 1948, por aí. Eu cheguei primeiro do que o Goto. Eu cheguei em quarenta e seis, o Goto deve ter chegado em quarenta sete ou quarenta e oito.

RG - Continuava se investindo na penicilina mesmo depois da guerra?

MA - Mesmo depois da guerra.

Data: 29/01/1988

Fita 4 – Lado B

RG - Então, Dr. Moacyr continuando depois dessa interrupção relativamente prolongada, paramos há um mês, poderíamos retomar no ponto em que a gente tinha interrompido. O senhor poderia contar como foi o começo do seu relacionamento com a micologia. Como, a partir de algum contato com o Dr. Goto, os senhores começaram a ter um projeto? Nós não sabemos os detalhes.

MA - Depois do convite que recebi do professor Arêa Leão, a idéia era justamente... Eu disse a ele que eu não gostaria de vir para seção de micologia para fazer a parte de sistemática; que eu gostaria, de acordo com a minha formação, fazer a parte de bioquímica e fisiologia de cogumelos. Esse era o meu interesse. E o Leão aceitou a idéia. E então, depois, conversando com Goto - nós já tínhamos um relacionamento anterior - chegamos à conclusão que uma das coisas importantes seria justamente o fracionamento dos antígenos micológicos para chegarmos ao ponto de determinar, cientificamente, quais frações eram importantes; por que, preservando a mesma amostra, usando as mesmas técnicas, não tínhamos resultados idênticos? Foi uma das coisas que nos importaram. Então encomendamos essa aparelhagem: o spink, uma cromatografia descendente e... Houve interferências, como eu já expliquei. Então começamos a tentar a fazer uma série de outras coisas... Infelizmente nada acabado, primeiro porque a seção não estava plenamente aparelhada para o tipo de trabalho que executávamos. A seção fazia mais a parte de sistemática.

WH - A seção fazia mais sistemática?

MA - Sistemática. Então você tem que aparelhar uma seção para fazer alguma coisa. Logo após, tivemos uma mudança de prédio. Nós ocupávamos também o terceiro andar do prédio chamado Quinino, e houve o agrupamento de todas as seções do departamento de microbiologia num prédio novo, que foi acabado e ficou muito bom. Nós ficamos muito bem instalados, procurou se fazer o melhor que era possível. E abrimos uma nova filosofia de trabalho: ao invés de cada um ter o seu laboratório - como está acontecendo agora aqui como vocês estão vendo - os laboratórios seriam feitos de acordo com os tipos de pesquisas que iríamos executar. Então abriu-se mão de cada um ter o seu microscópio, ter isso e aquilo. Abriu-se mão de tudo isso para organizarmos um grupo de laboratórios com finalidades perfeitamente explícitas.

RG - Mas isso já foi muito tempo depois não?

MA - Algum tempo depois sim.

RG - O senhor nos contou dessa nova concepção. O senhor disse que teve uma atuação muito importante na implantação desse modelo, não é?

MA - Exatamente.

RG - Não sei se o senhor se incomoda de voltar um pouquinho para esse início mesmo quando o senhor...

MA - Deixa eu ver se eu tenho aqui como recordatório... Se eu posso ter uma lembrança mais objetiva.

RG - Não precisa ser mesmo tão objetiva, é mais subjetiva mesmo. Não se preocupe assim tanto com objetividade. Em que circunstâncias o senhor foi convidado pelo Dr. Arêa Leão? Ele convidou o senhor porque estava querendo desenvolver esse novo setor?

MA - Não, o convite veio pelo seguinte motivo: eu trabalhava na chamada seção de ensaios biológicos e controle; digamos que tenha sido o núcleo do INCQS, não de imediato porque ainda passou a ser laboratório Central de Controle de Drogas e Medicamentos, uma série de coisas. Era o núcleo do Instituto que fazia esse tipo de controle, mas ia acabar porque ia tomar um novo rumo fora do Instituto. Então o Leão soube e o Goto me botou em contato com o Leão, conversamos, e acertamos rumos, projetos. Ele ficou interessado naquilo que eu queria fazer. Começamos então a trabalhar na seção de micologia.

RG - Ia acabar aquele setor, que o senhor trabalhava?

MA - Acabou, acabou.

RG - E as pessoas saíram do Instituto?

MA - Não, foram colocadas em diversos outros setores. Houve uma dispersão do pessoal da seção. Eu, então, fiquei interessado de ir para um outro canto qualquer que eu me interessasse de fato fazer. Foi justamente quando, a convite do Leão e por interferência do Goto, conversamos. O Leão era uma pessoa muito compreensiva, muito justa e muito equilibrada e vim trabalhar com ele.

WH - O senhor tinha formação química, não é?

MA - Sim.

WH - Dentro do Instituto havia, por exemplo, a seção de química, havia outras seções. Por que o senhor se interessou especificamente pela micologia?

MA - Olha, talvez, porque nós estávamos vivendo um período de importância dos antibióticos. Toda vez que tinha um problema de um antibiótico você tinha influência dos químicos trabalhando ali. Eu sabia que o Leão tinha anteriormente esse produto que ele chamava de ACT2. Ele tinha se aborrecido, tinha parado no tempo e no espaço. E conversamos também com o Goto a respeito. O Leão era muito cioso com o problema dele. Depois, com muito jeito, conseguimos convencer o Leão que valia à pena colocar novamente em função o ACT2. Então fiquei eu incumbido da parte química, isolamento, padronização. Então tem algumas coisas já feitas nesse sentido. Mas o Leão queria que se fizesse um trabalho completo, desde isolamento, identificação, padronização, até chegarmos à aplicação humana do produto, que já se tinha feito em tumores em animais, já tinha sido feito controle da inoquidade do produto. Mas ele queria completar o trabalho... E era uma coisa longa, discutíamos muito, mas não conseguíamos convencê-lo que a gente vir publicar aquilo aos pedaços, em partes. O resultado é que ficou muita coisa em suspenso, que não foi publicada até hoje. É meu empenho. Com a perda do Goto então foi... Porque uma série de controles, de experiências que você... Eu como fazia a

parte química sabia mais ou menos o que os outros estavam fazendo, mas não tinha detalhes, não tinha protocolos. Então, hoje, nós estamos repetindo tudo isso para podermos checar as coisas. A falta do Goto, então, foi preciosa. Ele fazia justamente essa parte de inoculação disso e daquilo... E chegamos a um ponto e tal íamos entrar – foi justamente na época da cassação - no Hospital Mário Kroeff e no Instituto do Câncer. Tínhamos tido dois bons contatos e queríamos experimentar o produto lá. Porque para o tratamento do câncer existem vários produtos, alguns com sucesso, outros com sucesso relativo. Agora o importante desse... Eu defendo muito isso porque eu acho que é a maior homenagem que eu posso prestar à memória do Dr. Arêa Leão. Sinceramente. É levar avante isso. E eu e o Goto tínhamos acertado que faríamos isso no nosso retorno. Agora, a falta do Goto pesou demais na balança. Eu estou querendo suprir uma falta que eu não sei se é possível. Então, estou repetindo muitas coisas porque eu não tenho os protocolos anteriores. Estão perdidos, pois é. Eu sabia que tinha sido feito o controle do produto no tumor de ioshida, no tumor élise, o problema de inoqüidade, e tudo mais. Mas estamos repetindo tudo isso agora, porque eu preciso dos protocolos, protocolos que eu não tenho, eu sabia que existiam, mas desapareceram não só com a morte do Leão, depois por cima a morte do Goto. Nós não podíamos contar que acontecesse uma coisa assim tão inesperada para nós. Então estamos tentando repetir tudo isso. É o nosso interesse. Mas o que eu estava dizendo era o seguinte: tem muitos tratamentos para o câncer. A etiologia do câncer é variável. Mas o importante do produto do Leão é a supressão da dor do câncer. Isso nós temos desde do início. Nas primeiras observações se constatou exatamente isso: que o produto tirava totalmente a dor do câncer, mesmo naqueles casos que eram casos finais, porque normalmente só entra na parte mental dos casos finais. Depois que o paciente já se socorreu de todas as tentativas, então fica sabendo que no Instituto Oswaldo Cruz tem um produto que é distribuído gratuitamente com controle rigoroso, a respeito do médico assistente, tem que fazer o diagnóstico, prova histopatológicas... Enfim cercado de tudo, você tinha sempre a supressão da dor do câncer. Porque normalmente tem paciente que tem câncer e não tem dores. Conheci vários deles. Tem outros que o câncer é dolorosíssimo. Então você tem uma pessoa que toma morfina, toma uma mistura de uma série de coisas, inclusive entra morfina também. Então o paciente fica naquele estado de letargia para suprimir a dor, quando passa aquele estado ele tem um período curto de vivência mesmo. Então está vivendo aquele período de uma hora, duas horas, daqui a pouco vem as dores, nova injeção, novamente o paciente dormindo, sabe? Isso não é vida e com o produto tínhamos sempre este sucesso. Inclusive com o próprio Leão.

RG - Esse produto atua em outras bases de forma que ele não...

MA - Não, não. Olha, até agora nós não fizemos várias hipóteses desde o tempo do Leão: por que isso suprimia dor? Na verdade, ficamos só em hipótese. É uma coisa que temos interesse de chegarmos a descobrir.

RG - Mas não dá, então, aquela letargia aquele estado alterado?

MA - Não, não dá não. Nada, nada. O sujeito toma uma injeção de meio mililitro ou um mililitro, dependendo do caso, de doze em doze horas, e ele não tem dor alguma, não sente nada, vive perfeitamente bem. Esse problema da dor do câncer é uma preocupação hoje até da Organização Mundial de Saúde. Eles recomendam que não se negue, aos pacientes de câncer, a morfina. Morfina... o sujeito não vive bem, fica numa vida vegetativa, não é? Não tem a dor, mas também não tem consciência. Não dá mesmo.

RG - O senhor podia contar um pouco a história dessa descoberta.

MA - Como é que surgiu?

RG - Quando o senhor começou a trabalhar com isso já se tinha esse ACT?

MA - Não, já tinha tudo isso. A minha contribuição foi justamente fazer uma padronização do produto, sabe?

WH - O que o senhor chama de padronização, Dr.?

MA - É que você tivesse uma técnica que identificasse a atividade do produto naquela partida. O que não existia dada uma certa variação. Isso foi feito. Agora o produto começou por um caso, como todas as grandes descobertas. O Instituto fazia penicilina nos áureos tempos. Havia um médico que trabalhava no serviço de câncer e veio buscar para uns pacientes cancerosos com pneumonia o produto de Manguinhos. E aplicou. Para surpresa dele, houve uma melhoria em cem por cento dos pacientes finais. Houve uma melhoria e, principalmente, a supressão da dor, que ele observou de saída. Depois chegou no mercado a penicilina purificada, porque a penicilina produzida por nós era impura. O agente era o *Penicillum*... Aplicava o produto puro, não dava resultado; só o produto impuro. Quer dizer, era na impureza que estava a atividade. Isto despertou a curiosidade de vários pesquisadores, inclusive do Leão, do Mayer de São Paulo, e cada um tentando encontrar um agente, um produtor, um fungo que tivesse mais atividade que não fosse o *Penicillum*. E cada um deles encontrou, o Leão também. Então depois começou a experiência com relativa aplicação do câncer e tudo mais. Mas sempre, tanto em São Paulo, agentes diferentes, fungos diferentes, os resultados na supressão da dor eram sistemáticos. Então não era o agente causa dor, digamos... Alguns eram produtos que já estavam relativamente purificados e tinham a supressão da dor. Eu acho que vale a pena a gente tentar continuar nesse caminho para ver se chegamos a conclusões senão definitivas quase definitivas.

WH - O senhor disse que em São Paulo também haviam pesquisadores com esse tipo de pesquisa. O que aconteceu com esses grupos?

MA - Olha, um era Rodolfo, se não me engano, Rodolfo Mayer do Instituto Biológico de São Paulo. Hoje já deve estar aposentado, não sei se já faleceu, já faz tanto tempo. Enfim. Ele, por exemplo, fez uma série de experiências, mas as técnicas que ele usou não eram absolutamente convincentes. Tinha resultados positivos dentro da técnica que ele usava, mas não eram técnicas com as quais você pudesse se satisfazer plenamente. O Leão queria fazer a coisa mais rigorosa possível, mas queria que se publicasse um resultado de vez. Então talvez tenha causado esse transtorno que se poderia ter evitado.

WH - Esse produto chegou a ser patenteado?

MA - Não, patenteado não. O do Mayer chegou a ser licenciado pela Saúde Pública.

RG - E hoje em dia ele está comercializado?

MA - Não tenho certeza se já está comercializado.

RG - Esse aqui de Manguinhos, então até hoje...

MA - Não. Ficou só na parte experimental. Totalmente experimental.

RG - Quer dizer que é um produto do conhecimento da classe médica, não é? As pessoas se recordam.

MA - Sim. Tanto assim que os pacientes vinham a mando de médicos e sabiam da existência do produto.

RG - Isso antigamente, hoje em dia caiu de todo?

MA - Parou porque teve a saída do grupo que fazia isso; pouco depois o Dr. Leão ficou doente; o Adolfo Furtado que colaborava também foi embora de Manguinhos. Então a coisa ficou em suspenso. Foi a nossa idéia - minha e do Goto - que nós haveríamos de continuar isso para ver que resultados nós obteríamos.

RG - Então, depois da sua volta até agora ainda não se conseguiu produzir novamente esse produto.

MA - Não. Nós estávamos produzindo mais em pequena quantidade, porque nós chegamos a ter uma produção razoável e muitas vezes prejudicávamos a pesquisa para poder darmos as ampolas para os pacientes porque você não vai negar e dizer: “Não, eu preciso desse material para fazer pesquisa”. Está aqui uma partida nova que está sendo feita em pequena escala.

RG - Quer dizer, nessa fase atual os pacientes ainda não tem tido acesso a esse material?

MA - Não, nós procuramos porque senão nós não vamos ter condições de ter uma produção capaz de proporcionar para pesquisa e capaz de proporcionar para os pacientes. Porque essas coisas acabam transpirando: é fulano que sabe e vem pedir e vem pedido de médico. Tivemos fatos muitíssimos positivos, inclusive com a supressão de câncer: câncer de pulmão, câncer de pele. Uma porção de tipos que reagem mais, pioram ou melhoram o tratamento. Alguns com muito sucesso na questão da eliminação do câncer. Agora, o problema da dor, para mim, é a coisa principal.

RG - Mas esse praticamente foi absoluto nessa linha.

MA - Não, todos os relatos dos médicos, inclusive do Mayer também, eram sempre positivos em relação à supressão da dor, e com essa vantagem do paciente ficar consciente.

RG - E os efeitos colaterais, quais são eles?

MA - Nós estudamos em animais, em pacientes humanos: perfeitamente, não tinha nada que pudesse impedir-nos. Nós atuávamos no paciente naturalmente com acompanhamento do médico assistente.

RG - Porque desde a época que vocês trabalhavam com isso até agora, continua o mesmo problema da dor dos pacientes.

MA - Inclusive um dos últimos Boletins da Organização é Mundial de Saúde chamam atenção do problema, dizendo que os médicos não devem poupar, apesar de tudo, dar morfina porque é o que tem, hoje, para suprimir a dor.

RG - É, esse é um assunto que está muito em voga. Vira e mexe sai no jornal essa questão da dor do paciente terminal. E é interessante, acho que é uma pesquisa que está muito atual. Apesar de ter sido interrompida nada foi feito até hoje.

MA - Pois é, foi esse nosso pensamento. Porque como eu disse: tratamentos para o câncer tem vários e alguns com sucesso também. Mas o problema é o problema da dor. Eu me fixo mais no problema da dor. Apesar do produto também ter demonstrado que tinha atividade. Então levantamos uma série de hipótese para explicar porque suprimia-se a dor.

WH - Nessa pesquisa, o senhor fazia parte da padronização e o Dr. Goto fazia que parte da pesquisa?

MA - Fazia justamente a parte de medicina, no caso.

WH - E o Dr. Furtado também?

MA - Também colaborava nessa parte de medicina. E o Leão supervisionava.

WH - Me diga uma coisa, Dr. Moacyr, e agora o senhor está dando continuidade a essa pesquisa. Como isso se desenvolve? A partir do momento que o senhor já tem essa pequena produção, o senhor está pensando em começar aplicar o produto?

MA - Nós já fizemos para ver inoquidade. Primeiro a nossa preocupação é saber se a amostra que nós trabalhávamos antes continuava tendo validade. Porque, às vezes, um fungo sofre mutações, não é? Pode perder aquela capacidade de produzir alguma coisa que era do nosso interesse. Então, fomos trabalhar com a mesma amostra. Por felicidade a amostra respondeu. Então estamos fazendo uma série de partidas experimentando já. Vimos em inoquidade em ratos. Vamos rever, estamos fazendo um estudo duplo cego, que é pegar uma parte de ratos que foram inoculados e uns outros que eram os testemunhos. Agora vamos inverter: os inoculados passam ser testemunho e os testemunhos passam ser inoculados. Os resultados foram positivos, não tivemos nenhum problema. Quer dizer, a coisa parece que está num bom caminho. Existe agora uns tumores novos porque o tumor de ioshida, por exemplo, é um tumor desagradável de você trabalhar por que não é encapsulado. Então, você retirar o tumor para pesar, para ter resultados objetivos, se diminui, se não diminui... Aí, não é um problema da dor, é um problema do câncer. Mas hoje tem umas amostras novas de tumores e eu já tenho entendimento com o pessoal do Instituto de Câncer. Estou esperando ter uma produção que eu considere bastante ativa para poder entregá-las para que eles façam a parte de inoculação para ter os protocolos que eu não tenho. Eu sei que deram resultado naquela época, mas em que proporção, quais foram os resultados... Sumiu.

RG - Mas aí vai inocular no tumor. O tumor é fora do paciente?

MA - Não, não, (*ri*). Deixa eu explicar.

RG - Explica para gente?

MA - No caso, o tumor é um tumor experimental feito em ratos. E você pode inocular em diversas épocas para determinar se você impede o aparecimento do tumor. Quer dizer, você inocula e começa a injetar o produto, se você inocula digamos no fim de quinze dias, no fim de um mês, para ver se há regressão. E você tendo um tumor encapsulado, você depois tira o tumor inteirinho e pesa. Então nada mais objetivo do que isso.

WH - Mais fácil, não é?

MA - Já dizia Lord Kelvin que a parte experimental tem que ser feita sempre através de uma determinação positiva. Tem que ser medido, é como você pesar um negócio e dizer: "Olha, tantos testemunhos estavam com o tumor, tanto tempo no fim de quinze dias, no fim de trinta dias, os inoculados diminuiram". Então, são essas coisinhas que a gente tem que fazer.

RG - Quer dizer que dá para se fazer uma criação artificial de tumor no rato?

MA - Ah, sim. Isso é feito experimentalmente sempre.

RG - O senhor sabe como se consegue isso? Como esse tumor cresce no rato?

MA - Você vai passando, vai passando o tumor... Quando você consegue um tumor experimental de uma determinada maneira através de um incitante químico, qualquer coisa, você depois pega um pedacinho do tumor e inocula no rato, em geral no dorso do rato, não é? E aquilo vai crescer, o pobre do rato fica com um tumor enorme nas costas, fura o abdômen - pode variar o local. E você vai passando, mantém o tumor sempre vivo.

WH - O senhor disse que mandaria para o Instituto do Câncer amostras para serem aplicadas, não é?

MA - É. Amostras do ACT2.

WH - Depois, o que aconteceria caso esse produto funcionasse?

MA - Eu tenho certeza que funciona porque nós temos a experiência anterior. Eu não tenho só os protocolos.

WH - Então, qual seria o procedimento depois de fazer esses testes?

MA - Você quer saber o que eu estou planejando para o futuro.

WH - É.

MA - O planejamento é o mesmo que tínhamos feito anteriormente. Nós tínhamos contato com o Instituto Mário Kroeff e com o próprio Instituto do Câncer.

WH - Mário Kroeff da onde?

MA - Mário Kroeff é um instituto de câncer, em geral aceitam pacientes terminais.

RG - Esse hospital até estava em crise, não é?

MA - É, ele andou pedindo ajuda e tudo mais, mas parece que melhorou muito. Então, a nossa idéia era a seguinte: câncer do útero incito - quer dizer no local - o útero é um tecido muito fibroso, resistente. E eu já sabia que vem uma série de pacientes do interior para serem operados no Instituto do Câncer porque câncer de útero é um câncer lamentavelmente muito comum. Mas as pacientes chegam aqui em estado deplorável de saúde. Então, elas não podem ser operadas durante quinze dias, trinta dias, porque elas precisam se recompor na parte hematológica até ter condições de serem operadas. Neste período, a idéia nossa é que se fizesse o tratamento. Porque você não vai tentar fazer a experiência com alguém que a cirurgia vai resolver o problema: retira o útero e acabou-se. A ioshido não tem metástase, porque felizmente o tumor no útero, por ser um tecido resistente, não causa maiores transtornos. Então durante o período, digamos assim, do preparo para cirurgia, a paciente era submetida a um tratamento desse remédio. Se desse bons resultados - desapareceu, diminuiu - se prolongaria o tratamento porque a qualquer momento ela poderia ser operada. Então, você tinha uma objetividade bem grande em relação ao que estava acontecendo com aquela paciente.

WH - Os pacientes sabiam que estavam consumindo este remédio?

MA - Não. Sabiam não. Isso era um programa para ser feito. Nós estamos pretendendo que se consiga novamente esse tipo de programa. E no Mário Kroeff nós faríamos também essa tentativa porque seria uma maneira de verificar se havia uma melhoria para o paciente. São pacientes terminais, então você sabe que não está fazendo nada demais, senão tentar salvar essas vidas.

WH - Bom. E depois, que mais?

MA - Bom, se desse tudo certo, correspondesse além do mais o problema da dor, então isso seria entregue - creio eu no meu ponto de vista - para que Bio-Manguinhos produzisse em escala maior porque não teríamos condições de montar um serviço. Daríamos toda a técnica, tudo feito, discriminado e Bio- Manguinhos faria.

RG - Quer dizer que vocês estão procurando, na verdade, a estabilidade do produto para poder comercializar.

MA - É. Inclusive, eu acredito que na época não houve uma preocupação para saber se o fungo tinha sido estudado de uma outra maneira. E, posteriormente, fazendo o levantamento bibliográfico, vi que o fungo que nós usávamos já tinha outro tipo de tratamento, mas não em relação a doenças humanas, câncer, nada disso, simplesmente era causador de alguns transtornos em gado, sabe? Parece-me que ele já foi isolado, identificado e tudo mais. Então vai ser muito mais fácil do que quando nós estávamos apalpando às cegas naquela época.

Fita 5 – Lado A

WH – Eu queria lhe perguntar também outra coisa, Dr. Moacyr: com esse produto já aprovado, já padronizado, como é essa coisa das patentes? Como está essa questão?

MA – Bom, eu acho que o Instituto cuidaria disso. Por isso é que eu reservo um certo cuidado em relação a divulgar o material que nós trabalhamos aqui. Não é a bomba atômica não foi segredo, não é? Você imagina uma coisa dessas! Mas se você divulga pode ter algum esperto que ande mais depressa e vá comercializar uma coisa, o que não seria justo. Eu acho que uma coisa dessas, feita pelo Instituto, pode vir a render alguma coisa ao Instituto desde que cobrada em termos razoáveis. Porque a produção é mais alguma coisa para manter a pesquisa, etc, a um preço perfeitamente razoável. É o ponto de vista. Isso aí já ultrapassa um pouco as minhas possibilidades. Mas nosso planejamento, o modo como faríamos seria assim.

RG – E não há condição, por exemplo, de se proteger fazendo uma espécie de patenteamento prévio para ninguém fazer uso?

MA – Olha, sinceramente eu não pensei nisso, sabe? Eu não sei. É verdade que hoje já estão querendo fazer patente de vacinas. Por que se briga tanto pela vacina da AIDS? Por que dividiram o mundo entre o Gallo e aquele pesquisador francês? Porque eles sabem que teriam a maior renda possível. A humanidade toda vai querer tomar uma vacina de AIDS. Não é feita uma vacina da poliomielite que fica restrita a uma faixa etária. Todo mundo vai querer tomar para evitar. As crianças porque podem, amanhã, precisar de uma transfusão de sangue, quem sabe o sangue possa estar contaminado, e o adulto por uma série de outros motivos. Então seriam milhões e milhões de vacinas vendidas. Isso dá alguns bilhões de dólares. Então vem a ganância em torno de doenças. A poliomielite é restrita porque a faixa etária é pequena. Você vê que hoje a incidência de poliomielite é até mais ou menos seis anos de idade, certo? O interesse comercial infelizmente... O homem é o lobo do próprio homem, não é?

RG – Bom, eu gostaria de voltar um pouquinho. O senhor contou a trajetória dessa pesquisa, que é realmente o objetivo de toda sua trajetória na micologia. Mas a gente gostaria de saber o que aconteceu na micologia como um todo enquanto seção dentro do Instituto e falar um pouquinho do Dr. Arêa Leão também, não é? Quem era e como era o Dr. Arêa Leão?

MA – Bom, eu já disse que o Leão era um homem muito acessível. Não era vaidoso, ouvia muito os assistentes dele, as opiniões todas. A maioria... Quando estava de acordo, ele cedia, se o ponto de vista dele fosse ao contrário. Tinha uma boa capacidade de informar, de ensinar, de abrir caminhos para o pessoal. Eu acho que foi um excelente chefe. Na seção, desde que eu entrei, havia um ambiente muito agradável, um ambiente de cordialidade, de entendimento, de respeito mútuo. Eu me sinto muito feliz de ter pertencido à seção de micologia. Realizei-me, não totalmente por causa do problema da cassação que atrapalhou bastante a minha vida. Uma série de coisas tinham sido começadas. Eu me recordo - não sei se já fiz menção a isso - que o Dr. Arêa Leão era muito amigo do Oswaldo Cruz Filho. E o Oswaldinho - nós chamávamos Oswaldinho para diferenciar do pai - uma vez chegou ao Leão e disse: “Olha, o Rocha Lagoa veio me propor que eu seria diretor do Instituto Oswaldo Cruz desde que eu desse início à cassação de um grupo aqui. E me mostrou a lista dos que deveriam ser cassados e entre eles estavam os teus dois assistentes - éramos eu e o Goto. Você avise os rapazes. Naturalmente que eu não aceitei. É uma atitude vil que para ser nomeado para um determinado lugar... Eu

disse a ele: você querendo, você dê prosseguimento”. Porque nessa época já era Fundação Instituto Oswaldo Cruz. Ele era o Presidente da Fundação e estava convidando o Oswaldinho. Aí ele acabou convidando o professor Lacôrte de Manguinhos para assumir esse lugar. Então o Leão nos avisou. E nós andamos relacionado na Sociedade de Biologia, na Sociedade de Micopatologia Médica e Veterinária, que era uma sociedade assim meio interna. E nós então andamos fazendo uma série de comunicações rápidas a respeito do estávamos fazendo. Então, são coisas que perturbam indiscutivelmente os trabalhos feitos em Manguinhos.

WH – O senhor podia falar um pouco sobre a formação do Doutor Leão e dos trabalhos que ele desenvolveu na micologia?

MA – Olha, se eu soubesse que vocês iriam me fazer essa pergunta, por acaso eu tenho comigo um *Curriculum Vitae* do Doutor Leão.

WH – Ah! Muito interessante isso, não é?

RG – O senhor pode ver e na próxima vez a gente pode voltar eventualmente a esse tema.

MA – É. Agora vou fazer um parêntese: como o Leão tinha sido o doador da biblioteca, praticamente, que ele comprava com uma verba que ele recebia da Sociedade de Micopatologia Médica e Veterinária, nós achamos que podíamos dar o nome do Doutor Leão à biblioteca. Não era seção porque é coisa diferente. Então seria biblioteca Professor A. E. de Arêa Leão - ele era Antônio Eugênio. Eu até tive o cuidado, mandei fazer umas letras em jacarandá maciço que ainda estão guardadas comigo até hoje - eu sou um sentimental! E quando chegou na hora H, o Lagoa, que ainda era diretor do Instituto, proibiu que se fizesse essa homenagem.

RG – Por quê?

MA – O Leão era o vice-diretor do Instituto Oswaldo Cruz, não é? Antigamente havia uma certa hierarquia aqui dentro: o chefe de seção mais antigo era o chefe da divisão, e um dos chefes de divisão mais antigos era o vice-diretor do Instituto. Normalmente você sabe que o diretor tem um componente político que você não podia evitar. Mas havia uma norma estabelecida, uma hierarquia. Então chegou uma época em que o Leão que era o chefe da divisão de microbiologia foi a vice-diretor. Quando houve a revolução, ele simplesmente colocou como chefe de divisão de microbiologia o Lacôrte, e o Leão foi convidado por ele a voltar a ser o chefe da seção. O Leão achou que ele estava sendo desconsiderado. Eu também acharia isso. Então ele não aceitou. Preferiu ficar como simples biologista que era o título que nós tínhamos na época e não aceitou. E o Lagoa então achou que o Leão não quis colaborar na administração dele. Então, ele fez tudo o que podia para prejudicar o Leão, com essas miudezazinhas assim, picuinhas próprias de pessoa de caráter falho. Essa é a verdade. Inclusive, eu acho que já fiz menção que ele fez tudo para prejudicar a entrega da medalha dos cinquenta anos.

WH – Ah! O senhor já contou.

MA – Tanto que foi feita a entrega no Ministério da Saúde e não aqui no Instituto Oswaldo Cruz como seria de praxe.

RG – Essa exigência feita ao Oswaldinho, para que ele tomasse posse é que ele teria que cassar, demitir, não é?

MA – É. Ele teria que iniciar o processo de sugestão de cassação do grupo que eles chamavam de subversivos de Manguinhos.

RG – Mas, no entanto, ele foi diretor do Instituto em algum momento, não é?

MA – Não, ele foi até o momento da revolução.

RG – Ah! Ele voltaria à direção caso cedesse a esse tipo de pressão?

MA – Bom, o Oswaldinho só foi diretor do Instituto Oswaldo Cruz depois que nós todos já estávamos cassados.

WH – Setenta e dois eu acho.

MA – Ele foi uma criatura de alta dignidade. Tanto que quando nós fomos cassados provavelmente o Dr. Guilherme Lacôrte, que era o diretor na época, e... Eu quando quero ser tranquilo eu sou. Eu esperei sete dias indo ao refeitório, todo mundo me olhava, eu ia para minha mesa onde tinha os amigos. E ficavam me olhando porque eu já estava cassado. Já tinha sido publicado, mas não tinha chegado aqui o processo. Até que chegou o processo para eu tomar ciência. E fui chamado a diretoria do Lacôrte e ele me disse: “Dr. Moacyr, eu quero que o senhor saiba que eu não tenho nada a ver com isso. O senhor pode ter absoluta confiança”. Ele estava tão nervoso... Eu devia estar nervoso por dentro, mas ele estava por dentro e por fora. E eu disse: “Não, eu tenho certeza que o senhor não seria capaz de uma atitude dessas. Eu tenho certeza”. Mas naturalmente ele estava pensando: “Eu vim a ser diretor provavelmente com essa incumbência”. Mas não... Rocha Lagoa já estava como ministro e manejou toda a coisa, apesar de, até hoje, negar que tenha sido ele. É, a gente tem que rememorar porque são coisas que ficam. Agora eu quero dizer o seguinte: um dia eu vi o Lagoa ainda como ministro falando na televisão. E eu olhei para aquela fisionomia, e tinha sido o homem que tinha atrapalhado a minha vida tremendamente. Tive que recomeçar a minha vida. Olhei. Você sabe que era como um desconhecido para mim. Eu tinha conseguido perdoá-lo. Sinceramente. Para mim, era como se fosse uma pessoa que eu não conhecesse.

RG – Não havia mais aquela emoção.

MA – Não tinha mais nenhum rancor. Olha, ódio eu não consegui ter de ninguém. Faz parte do meu ser. Mas eu tinha uma grande má vontade, um certo rancor. Por que ele tinha feito aquilo? E eu tinha feito uma série de coisas importantes para o Lagoa. Porque eu estava como chefe, levado pelo Leão, para colaborar com ele, era chefe do serviço técnico-auxiliar. E eu recebi um chamado do nosso diretor, o Travassos da Rosa, e ele me disse assim: “O Lagoa fez uma coisa muito errada”, “Mas o quê ele fez?”, “Ele vai dar um curso no laboratório dele para uns estrangeiros - estrangeiros, no caso, era o pessoal da América Latina - e eu não quero que se faça nada.” Porque eu que autorizava as obras lá. Eu lhe disse: “Olha, o senhor fez muito mal. O senhor devia ter proibido que ele desse o curso aqui. O senhor não é o diretor do Instituto? Eu já vi o laboratório. Ele já comunicou que ia dar um curso. Eu não sabia se tinha sido autorizado ou não. Ele me pediu que eu fosse lá ver. E o laboratório dele está de fato uma sujeira. Seria um absurdo

que o Instituto desse um curso para estrangeiros com aquela aparência de laboratório”, “Você não vai me obedecer?”, “Não, não vou lhe obedecer. O senhor sabe, sempre me coloquei o seguinte: o senhor tem aí um pedido de demissão em caráter irrevogável, feito por mim. E o senhor não deu continuidade. Agora, o senhor querendo bota outro no meu lugar e manda suspender as obras. Eu não suspendo as obras.” Ele tinha uma secretária na época, que ele chamava Mariazinha, já trabalhava com ele a muito anos. “Mariazinha, o Moacyr está me ameaçando!” Ele era gozado. Ele me tratava muito bem. Eu digo: “O senhor me desculpe, mas eu não faço nada que a minha consciência não aceita. Eu acho que se o senhor não teve disposição de impedir que o Lagoa desse um curso aqui em Manguinhos, o senhor não tem o direito de impedir que esse curso seja dado num laboratório imundo dizendo mal do Instituto Oswaldo Cruz. Então laboratório já está sendo reparado, colocando azulejo e tal”.

RG – Mas já naquela época qual era o problema do Travassos com o Lagoa?

MA – Bom, ele ficou sentido porque ele resolveu dar um curso que parece que vinha relacionado com a PUC e - me parece até que o Lagoa hoje não faz nem mais parte desse clube da PUC - ele então resolveu dar um curso aqui, no laboratório dele. E não ouviu o diretor. A obrigação seria ouvir o diretor, foi o que eu disse ao Doutor Travassos: eu impedia que ele desse o curso, e se ele teimasse eu suspenderia o fulano. É uma questão de gênio, de maneira de ser. Eu não sou político, mas tenho que agir de acordo com meus próprios critérios. Eu posso errar muitas vezes, tenho certeza disso, eu tenho errado muitas vezes. Mas era uma boa pessoa o Dr. Joaquim Travassos. Só que teve muita influência da esposa, que queria sempre que o marido tivesse no cume. E, às vezes, arrastam os maridos a determinadas atitudes que não são sensatas. Por isso é que dizem que atrás de um grande homem de sucesso deve ter uma grande mulher. Mas, às vezes, as mulheres perturbam um pouco, sabe? Vaidade feminina é um problema.

WH – A gente podia falar depois, num outro momento, sobre essas pessoas que o senhor conheceu. O seu trabalho como chefe do setor técnico-auxiliar podia ficar para outra oportunidade. Eu queria voltar para a micologia, é o nosso tema de hoje. Eu queria que o senhor me clareasse um pouco, qual era a trajetória da micologia no Instituto. Como é que ele vem? Quais são os primeiros trabalhos?

MA – Eu entrei em micologia, como eu disse, muito tempo depois. Eu não tive assim uma preocupação... Por isso, talvez, eu possa esclarecer à vocês com o *curriculum* do Leão, porque ali deve ter tudo determinado: a época que ele chegou, chefias, seção. Me parece que quem criou a seção de micologia foi o Olympio da Fonseca. Mas depois o Olympio foi embora, porque quando houve o problema de desacumulação de cargos, no tempo do Getúlio, ele ficou com a faculdade, não é? E o Lauro Travassos que tinha a faculdade ficou com o Instituto Oswaldo Cruz. Sacrificou vencimentos e tudo porque o amor ao Instituto era maior. Eu não quero dizer que o Olympio tenha feito a escolha por isso ou por aquilo, mas não ficou com o Instituto. Aí eu acho que foi quando o Leão ascendeu à chefia da seção de micologia. Eu não posso garantir a você porque são fatos que passam muito despercebidos. E eu peguei o bonde andando.

RG – Na época que o senhor chegou, doutor Olympio era diretor, não é?

MA – Não. Quando eu cheguei aqui? Não

RG – Quando o senhor entrou na seção de micologia?

MA – É. Eu acho que sim.

RG – O Doutor Olympio então se afastou não só da micologia como do Instituto, não é?

MA – Do Instituto.

RG – Depois ele já chegou como diretor?

MA – Como diretor.

RG – E a relação dele...

MA – Aliás, ele foi muito bem aceito como diretor aqui. Porque era na época, ele era o presidente da Academia Brasileira de Medicina; era professor catedrático da Faculdade de Medicina. Era um homem de projeção, inclusive social. Todos achavam que ele podia trazer muita coisa boa para o Instituto. Mas administrativamente ele meteu os pés pelas mãos. Ele tinha sido um excelente pesquisador. Todo mundo diz que ele foi um bom professor. Mas entre isso e administrar há um passo muito distante. Ele fez muita coisa errada aqui, inclusive resultou no movimento que eu acho que vocês receberam. Eu até dei a vocês. Toda aquela história...

WH – Aquilo que o senhor nos entregou, quem organizou aquilo?

MA – Foi um grupo dos mais velhos, não é? Pesquisadores há mais tempo, chefes de seção. Porque ele chegou a um ponto de botar estagiários ganhando mais para aprender com o pessoal de determinadas seções. Isso causou uma revolta. E eu acho que o pessoal foi até muito comedido, porque a ida ao Olympio da Fonseca foi no sentido de compreender que era difícil conseguir verbas para aumentar os funcionários porque dependia disso e daquilo, mas que ele arranjasse um modo de dar uns extras para igualar, ao menos, o valor de quem estava ensinando aos seus estagiários. Porque você tem que se sentir humilhado, não é? Você ensinar a alguém, e você receber muito menos do que o estagiário contratado? Eu sei que eram contratos. Ele se comprometeu, mas não fez nada, e então deu toda aquela celeuma.

WH – Agora, o fato dele ter trazido gente nova para o Instituto, não foi uma coisa importante na época? Como o senhor vê isso?

MA – Eu não acho que tenha sido importante. Não acho que tenha sido.

RG – Houve a crise, mas, como projeto, o Olympio não seria uma pessoa assim com...

MA – ...uma visão mais ampla das coisas?

RG – É, isso, modernizante?

MA – Não, porque inclusive ele preteriu gente aqui de dentro, mandando para fora. Tudo era relacionado numa política de interesse próprio, sabe? Então ele mandava gente para fora para fazer estágio em detrimento de gente da carreira. Então aconteceu de contratados

aqui irem para fora a custa do Instituto, com bolsa, tudo pago e quando voltaram deram adeus ao Instituto Oswaldo Cruz que conseguiu mandar eles para fora em muito melhores condições. Isso é planejamento? Eu não creio que seja. Planejamento fez o Oswaldo Cruz quando trouxe alguns luminares de ciência para levantar o nível do Instituto Oswaldo Cruz. E contratava esses estrangeiros com direito de renovar o contrato deles, mas antes que eles viessem, o sujeito tinha que mandar uma relação total, completa, para o laboratório, para ser montado aqui. Quando estava tudo pronto ele dizia: “Pode vir.” Aí o sujeito ficava trabalhando com cinco ou seis do Instituto Oswaldo Cruz e com uma idéia muito importante. Eu não sou saudosista; eu sou avançado; já fui metido a revolucionário, essas coisas todas, mas eu acho que isso é um planejamento: você pegar um grupo de indivíduos, montar um laboratório e depois dizer ao fulano quem deve ser o chefe desse laboratório. Porque ele achava que um estrangeiro que estava acabando aqui, não ia ter *parti primi* nenhum. Não ia ter influências políticas. E ele escolhia o melhor daqueles que estavam trabalhando com ele. E isso fez muito bem ao Instituto. Hoje se manda uma porção de jovens para o exterior: muitos fazendo turismo; outros se preparam razoavelmente; alguns se preparam bem. Agora, o diabo é que quando voltam, não encontram nada daquilo que viram lá fora em aparelhagem, nisso e naquilo. Levam períodos de seis meses, um ano, dois e acabam desistindo. E perdem uma iniciativa do brasileiro: a capacidade do brasileiro de quebrar galhos. Porque o sujeito se habitua a trabalhar com aparelhagem tão refinada: se você aperta um botão tem o resultado na hora; se você não tem um botão para apertar, você fica completamente fora do espaço e do tempo. Eu achava muito mais importante pegar um bam-bam-bam desses e fazer como o Oswaldo fez. Lógico transpondo as coisas para o período de hoje. Talvez fosse mais econômico montar um laboratório com toda a aparelhagem, trazer um desses fulanos aqui e pegar uma meia dúzia de fulanos.... Faz a mesma coisa, quando acabar o negócio: “Quem deve assumir isso?” Porque você sabe que vem influências políticas a toda hora. Às vezes, assume um laboratório quem não tem méritos suficientes para isso.

RG – Me parece que o Oswaldo Cruz foi uma pessoa muito excepcional, não é?

MA – Excepcional...

RG – Pela capacidade de prever, planejar e implantar, não é? O momento era muito diferente, não é? Quer dizer, tratava-se de poucas pessoas; era grupos muito pequenos...

MA – Não, você hoje ainda pode. Digamos que você não tenha no Instituto, no momento, elementos suficientes interessados para aquele tipo de pesquisa, para aquele tipo de laboratórios que está sendo montado, não é? Então vinha um fulano desses, uma alta autoridade, não para fazer turismo porque isso acontece muito: fazer meia dúzia de palestras aqui que não resolvem nada. Não. Vem, tem que dar uma relação, primeiro, de tudo que precisa, importa tudo, compra tudo, montou o laboratório, chama o fulano, vai dar um curso. E se precisa contrata outros, abre, apresenta títulos, seleciona os fulanos. Então você contrata essa gente, efetiva essa gente.

WH – O Olympio, quando monta a seção de micologia, vai para o exterior para aprender, em vez de trazer uma pessoa...

MA – Você acabou de me fazer uma pergunta que não posso responder. Mas ele já se dedicava à micologia antes. A formação dele era de médico clínico.

WH – Ele era formado, trabalhando na área de micologia, vai para o exterior para aprender novas técnicas. Enfim, ele vai montando uma micoteca e traz para o Instituto, não é? E o senhor entra em cinquenta, como o senhor vê a seção de micologia nesse período? O senhor acha que está bem montada, se desenvolveu bem?

MA – Desenvolveu bem. Houve uma chance de que o Instituto Oswaldo Cruz, o departamento de micologia, fosse um laboratório de referência. Influências políticas também impediram, porque achavam que iam dar muito poder ao Leão. É lamentável que uma instituição científica não tenha uma visão suficientemente clara das coisas. Eu acho que o importante é a instituição. Os homens passam, a instituição fica, não é? Então, se amanhã nós tivéssemos uma seção de micologia que fosse um laboratório de referência para a parte de micoteca, seria importantíssimo para o Instituto. Não importa se o diretor na época achava que o fulano ia ter muito poder, não é? Primeiro que o fulano vai passar. O diretor não era o Olympio da Fonseca na época do Congresso Internacional de Microbiologia que se realizou aqui em Manguinhos, em cinquenta.

WH – Já era o Olympio o diretor?

MA – Era o Olympio, sim, tem razão.

WH – O Aragão tinha acabado de sair?

MA – É, tinha acabado de sair. Exatamente. Vocês estão mais eficientes do que eu.

WH – O Olympio e o Arêa Leão chegaram a trabalhar juntos.

MA – Trabalharam, eles foram muito ligados.

WH – E o quê aconteceu?

MA – Isso eu não sei te explicar.

RG – Não se comentava essa ruptura, esse afastamento?

MA – O Leão era um homem muito fechado. Eu acho que ele via grandes qualidades no Olympio. Se tivesse algum problema de ordem pessoal, era uma condição entre eles, e o Leão não comentava isso - pelo menos comigo não comentou. Vocês mesmas disseram que tem um livro que falava que o chefe da seção de micologia não colaborou suficientemente...

WH – É, foi uma queixa do doutor Olympio em relação ao Doutor Arêa Leão.

MA – Talvez fosse pelo veto que deram à condição da micologia ser laboratório de referência, a micoteca ser um laboratório de referência internacional. Pode ser que não seja. Estou aventando uma hipótese.

WH – Quem se gaba de ter montado essa micoteca é o próprio Olympio, não é?

MA – É, pode ser que ele tenha começando a obra, mas tomou muito incremento pelos anos afora depois da saída do Olympio. Inclusive, o primeiro catálogo da micoteca foi

feito no tempo do Leão com a ajuda do Amadeu Curi, que era quem trabalhava com o Leão.

WH – Também da micologia?

MA – Também da micologia. Mas quando eu cheguei, o Amadeu não estava mais aqui.

WH – Eu queria que o senhor comentasse um pouco sobre essa micoteca: como foi se constituindo? O senhor podia contar um pouco como ela foi crescendo?

MA – Em geral micoteca cresce por doações, por trocas. É assim que uma micoteca cresce. E hoje....

Fita 5 – Lado B

WH – O senhor dizia que a micoteca hoje pode ser boa fonte de renda?

MA – É, porque determinadas amostras de fungos valem algumas dezenas de dólares.

WH – Ah, sim?

MA – É.

RG – Vocês têm feito uso de troca?

MA – Já tem vendido. Quando é pedido de indústria elas são vendidas; quando é pedido de uma instituição científica, em geral, você manda de presente e recebe também de presente em troca.

RG – A micoteca não está aqui. Ela está longe de vocês nesse momento, não é?

MA – Ela está no nosso antigo laboratório onde ocupávamos um andar inteiro e tomaram por decisão obtusa dos diretores da época.

WH – No Pavilhão de Microbiologia, não é?

MA - É.

WH - Essa micoteca, Dr. Moacyr, em quantas amostras hoje em dia?

MA – Pelo que me consta perto de mil e oitocentas amostras. Não juro sobre esses números.

WH – O Doutor Olympio fala que em trinta e sete a coleção tinha umas duas mil e seiscentas amostras. É, eu acho que ele chega a comentar isso. A coleção foi decrescendo? O que aconteceu?

MA – Não sei.

RG – Quem é o responsável? Quem cuida da micoteca hoje em dia?

MA – Bom, a responsável é a chefe da seção, a chefe do departamento de micologia.

WH – Quem é a chefe?

MA – Doutora Pedrina Cunha de Oliveira

RG – Como vocês estão aqui e a micoteca está lá, tem alguém que se ocupa permanentemente?

MA – Sim. Todas as vezes que você precisa de amostras, você solicita para fazerem um repique para você.

WH – Então tem um curador, digamos assim?

MA – Não, não tem. O curador lá tem seiscentas e poucas mil. Aqui, que saiba, eu ouvi que eram mil e oitocentas amostras.

WH – E quem se encarregava, digamos, de cuidar, tratar e conservar essa micoteca desde que o senhor entrou? O senhor lembra?

MA – Eu me recordo nós tínhamos duas laboratoristas que eram especializadas em fazer os repiques da micoteca. E, qualquer dúvida, eram feitas lâminas e eram examinadas pelo Leão, pelo Goto, pelo Furtado que faziam a parte de sistemática.

WH – Quem eram essas pessoas que cuidavam da micoteca?

MA – Eram duas moças. Aliás, muito competentes. Sendo que uma delas era também a secretária da seção. Fazia a secretária. Porque você também não vai passar o dia inteiro na beira de uma câmara de inoculação fazendo repique.

WH – Eram formadas?

MA – Não, eram só técnicas preparadas lá mesmo na seção.

RG – Mas, normalmente, tem que haver todo cuidado com essa coleção para ela não se deteriorar, não é?

MA – Sim, sem dúvida.

RG – Tem que ter gente permanentemente se ocupando disso, não é?

MA – É. Exato. Hoje tem um rapaz aqui, que é técnico de laboratório, que faz isso. É ele quem mexe para evitar que haja contaminações e tudo.

RG – Ele fica aqui e, de vez em quando, vai lá dar olhadinha?

MA – Vai lá. Vai lá e faz repiques sistematicamente. Essas perguntas vocês deviam fazer a chefe da seção.

RG – Talvez a gente tenha mesmo que falar com ela, não é?

MA – Eu também estou dando esses mil e oitocentos porque eu ouvi falar aí. Tanto falaram que...

WH – Pois é me estranhou porque como em trinta e sete tinha dois mil e seiscentos, eu pensei: bom, o que aconteceu? A coleção diminuiu em vez de crescer? Outra coisa, Dr. Moacyr: quando o senhor entra, quem está trabalhando lá na seção de micologia? Enfim, desenvolveu-se pesquisa lá? Porque o senhor disse que a seção de micologia tinha uma parte muito importante que era de sistemática, não é?

MA – Fazia sistemática, fazia diagnóstico de casos, retirar material de paciente para identificar, consultas que vinham de fora para poder serem respondidas, o que o departamento ainda hoje faz.

WH – Tinha grupos trabalhando na área de pesquisa?

MA – Justamente, na época, tinha o Leão, o Adolfo Furtado, o Masao Goto nesse tipo de pesquisa e depois entrava tentando fazer a parte de bioquímica e fisiologia de fungos.

WH – E esse laboratório se manteve assim até quando? Não entrou gente nova? Estagiários?

MA – Bom, a Pedrina, a Carlota que eram formadas que vieram para cá. A Pedrina está até hoje. A Carlota já foi embora, desacomulou, não quis passar à Fundação. Ela já era professora da Faculdade Fluminense, e ficou lá. Eu creio até que já se aposentou.

WH – E elas entraram para fazer alguma pesquisa específica?

MA – Não, todos faziam pesquisa específica. Tinham orientação do Leão diretamente.

RG – Daquela época para hoje, a seção cresceu, estabilizou ou até diminuiu? Como o senhor vê essa trajetória?

MA – Essa é a pergunta difícil de ser respondida. Você pode avaliar isso pelo número de trabalhos publicados. Apesar de que nem sempre trabalhos publicados representam se está se fazendo alguma coisa ou não está. Mas é a tal coisa, é uma pergunta que vocês poderiam fazer à chefe porque ela tem uma vivência de vários anos, não é? Quando nós saímos, perdurou ainda durante algum tempo aqui, o Furtado. Teve aquele período de transição, passa para a Fundação, depois o Furtado foi embora e a Pedrina creio que, naquela época, assumiu a chefia da seção.

WH – E a orientação do Arêa Leão em relação às pesquisas, tinha um direcionamento específico? Enfim, qual era o papel dele enquanto chefe da seção?

MA – Bom, ele, digamos assim, não impunha pesquisa nenhuma. Ele permitia que cada um sugerisse o que tinha vontade de fazer e ele avaliava se aquilo era razoável ou não era razoável. Até mesmo no setor, ele sempre opinava se havia possibilidade de material, disso ou daquilo. Mas ele era muito liberal sobre esse aspecto de dar oportunidade a que o indivíduo opinasse o que tinha vontade de fazer.

WH – É interessante. Eu queria fazer outra pergunta: o Lauro Travassos é considerado praticamente uma escola, tanto na entomologia quanto na helmintologia, não é? As pessoas se referem ao Lauro Travassos como a uma escola de entomologia.

MA – Certo.

WH – O Arêa Leão em esse papel?

MA – Olha, eu acho que há uma diferença fundamental. O Lauro foi professor da faculdade. Então professor em geral aglutina gente. Quem não trabalhou em faculdade, não foi professor tem mais dificuldade. E outra coisa, o Travassos tinha uma “compridão” de temas, de motivos de interesse maior. A micologia é mais restrita.

WH – Mais restrita como?

MA – Mais restrita no sentido de interesse de pesquisadores. Não é uma coisa assim que você diga: “Tem muita gente que quer fazer micologia”. Se você indagar vai ver que tem pouca gente querendo fazer micologia. Agora, escola, eu acho que depende disso, você ser professor.

WH – E o Arêa Leão não...

MA – Não, nós dávamos um curso aqui de micologia. O curso era bastante variado. Inclusive ele me deu muita oportunidade de desenvolver essa parte toda de fisiologia e bioquímica de fungos que não era feita. Agora, eu sempre trabalhei também na área de ensino. Tanto que tem uma porção de gente que quer vir para cá para trabalhar comigo. O problema é que não tem espaço.

WH – Isso é importante, não é, para a renovação de...

MA – Eu acho que é um... Agora ele formou o Cury, o Nicolo. O bom Nicolo, competente. Lamentavelmente, depois foi ser reitor da Universidade de Brasília, e cargo burocrático, perde-se o pesquisador. Atrapalha a vida do pesquisador. O próprio Goto foi formado pelo Leão, o Furtado. Na medida das possibilidades, eu acho que ele conseguiu criar um grupo. E eu também devo a ele, porque foi ele quem me incentivou para esse lado, me dando, principalmente, a liberdade de escolha. Porque ele podia ser daquele tipo que: “Você vai fazer isso assim e assim e pronto acabou”.

WH – Agora o fato dele não estar vinculado, por exemplo, a uma universidade, não trazia problemas para o doutor Arêa Leão trazer gente para a micologia? Quer dizer, a micologia não se ressentia de falta de pessoas?

MA – Não. Eu acho que não, porque o curso de Manguinhos na parte de micologia, era uma maneira de você atrair gente interessada. Quando houve a possibilidade de bolsas, em determinada época, os melhores alunos da micologia depois eram contratados: “Você não quer ter uma bolsa?” E aí o sujeito ficava. E nós já chegamos a ter quatro elementos aqui que eram para ser formados, mas depois veio a famosa cassação que acabou com tudo. A tendência, eu acho, era crescermos, não é? O futuro era promissor, sinceramente.

Agora perdeu-se dezessete anos com essa brincadeira. E é difícil a gente recuperar o tempo perdido. Você faz um esforço enorme, sabe?

WH – É. E na área de pesquisa, Dr. Moacyr, o senhor podia me dizer mais ou menos que tipo de trabalho estava se desenvolvendo na micologia, nessa sua época? Fora o trabalho que o senhor começou a desenvolver com o Dr. Masao Gotto e com o Adolfo Furtado, existiam outras pesquisas?

MA – Tinha. Tinha a pesquisa da Pedrina, que inclusive foi à Inglaterra para trabalhar com a parte de mutações de fungos, que era uma coisa interessante, que seria um caminho novo, que lamentavelmente me parece que ela abandonou. A Carlota fazia suas pesquisas, o Goto.

WH – Que tipo de trabalhos?

MA – Olha, sinceramente eu não posso discriminar o que se fazia. Algumas coisas eu tenho noções... Porque você fica tão embebido na sua própria preocupação de realizar alguma coisa, que é difícil você chegar e dizer: “Olhe fulano fazia isso, fazia aquilo e tal”. Você ia nessas reuniões, depois você... Lembre-se do seguinte: passaram-se dezessete anos, não é? No meu caso, eu tive que sobreviver. Então você começa a ter uma série de outro tipo de preocupação e algumas você deixa, principalmente aquilo que não te diz respeito. Não é você se desinteressar pelo trabalho dos outros, mas cada um tem o seu tipo de preocupação, a sua meta a atingir. E depois quando você vê seus caminhos cortados, você fica assim um pouco distante das coisas. Então não deu nem para acompanhar o que eles faziam.

WH – Mas o senhor acha que em termos de micologia o Instituto tinha uma seção de importância para o que se fazia de micologia no Brasil? Como o senhor avalia a micologia no Instituto?

MA – Não, eu acho que de fato as pesquisas feitas aqui eram todas muito válidas. As pesquisas que saíam daqui, da micologia, eram estudadas para serem publicadas porque sabia-se que tinham valor. Havia um critério de avaliação.

RG – Dr. Moacyr, o senhor falou que tinha um grupo que fazia uma pesquisa na mesma linha que vocês lá no Instituto Biológico em São Paulo. Havia um intercâmbio com o Instituto Biológico naquela época?

MA – Olha, eu vou dizer para você: sinceramente eu não sei. Porque eu quando entrei aqui, certas coisas assim tipo de intercâmbio, ficavam mais no mundo da chefia, que tomava as suas atitudes. Eu cheguei, eu estava muito interessado em fazer algumas coisas. Então, eu não me preocupava muito se havia intercâmbio, se não havia intercâmbio. Eu sei que o Leão tinha muito bons contatos com o pessoal de São Paulo, da micologia e tudo mais, com Paulo Lacaz, o Carlos Lacaz. Então não posso dizer, exatamente...

RG - É possível fazer uma avaliação entre a relação da micologia de Manguinhos com esses setores mais avançados em micologia no mundo? Posicionar o trabalho e as pesquisas feitas aqui em relação ao Brasil e, até, internacionalmente? Não sei se é possível inclusive comparar porque, às vezes, as pesquisas são tão diferentes que a área envereda por caminhos tão particulares.

MA – É difícil, de fato, fazer uma avaliação criteriosa do que se passava no resto do mundo, do próprio Brasil em relação à micologia do Instituto Oswaldo Cruz. É muito difícil. Não vou me arriscar.

RG – É, perfeitamente no seu direito. (*risos*) Quero saber se você ainda quer fazer algumas perguntas sobre micologia, porque senão a gente pode passar para uma coisa mais geral.

WH – Eu queria, era fazer duas perguntas. Primeiro: a micologia é uma seção que precisa de muito equipamento sofisticado? Enfim, como se dá essa coisa da tecnologia, de equipamentos, técnicas, na área de micologia? E se o Instituto, ou a seção no caso, consegue acompanhar esse avanço?

MA – Não, eu acho que nós temos aqui uma grande pobreza de material.

WH – Sempre? Isso é crônico?

MA – Eu acho que a queixa é... É crônico. Também acho que as grandes brigas aqui em Manguinhos são sempre isso: distribuição de verbas. Porque normalmente um grupo que tinha bons contatos com a direção conseguia as verbas; quem não tinha bom contato não conseguia, não é? Acho que agora a coisa melhorou com esse critério que você pede o material, recebe razoavelmente alguma coisa.

WH – O Olympio, que já tinha sido da micologia, na época que era diretor não incentivou a seção?

MA – Que eu saiba não. Sinceramente. Não houve mudança nenhuma que você dissesse: “Olha foi feito ou não foi feito”. A única coisa em proveito foi o novo prédio lá em que de fato a seção ficou bem instalada, assim mesmo com o esforço todo do pessoal, do grupo todo para que a coisa ficasse muito agradável. Inclusive, o Lagoa era mestre em levar as visitas dele para ver como é que tinha ficado bonito.

WH – É, o senhor contou.

MA – Eu acho que onde você trabalha, onde você vai passar muitas horas do dia, você precisa ter um bom ambiente de trabalho onde você se sinta bem. Eu não posso compreender como vocês não tenham um aparelho de ar condicionado. Como vocês podem trabalhar com um calor danado desses sem ter um aparelho de ar condicionado?

RG – É, do ponto de vista da racionalidade de produção, nós não estamos bem aquinhoadas decididamente, não é? Aí entram outras questões: a ocupação do Castelo, que é um prédio histórico. Mas, realmente, a gente paga um preço por estar naquele tipo de monumento, não é?

WH – Bom, a última coisa que eu queria saber: a micologia era uma seção que estava dentro da divisão de microbiologia. Como se compunha essa divisão? Enfim, como se dava a relação da seção de micologia com o chefe da divisão, com as seções?

MA – Ah, muito bem. Na época, quando estávamos instalados lá, o chefe da divisão era o Dr. Genésio Pacheco. Tinha sido professor de quase todos nós, era uma criatura muito acessível, sempre disposto a ajudar alguém para alguma coisa. Eu sou um pouco suspeito porque gostava muito dele. As seções funcionavam sempre a contento ali. Na medida do possível nós fazíamos isso. Mas o Instituto é um pouco fechado, não é? Compartimentos às vezes são meio distantes.

WH – O senhor dizia que estava na seção e não...

MA – É, porque fica um grupo mais fechado. Se você tem um bom contato com alguém de uma outra seção, você consegue alguma coisa. Se você não tem contato, você se perde.

RG – O senhor diz isso, naquela época, e o senhor acha que isso é uma característica que acompanha o Instituto?

MA – Eu só posso dizer na minha época. Mas era assim: se você tinha um bom contato, tinha uma pessoa que se relacionava bem, você tinha todas as vantagens. Senão era difícil você ter uma complementação, uma ajuda...

WH – Mas a micologia era um setor que pedia muita ajuda ou colaboração de outras áreas?

MA – Não, não, não.

WH – Era um setor requisitado também por outras...

MA – É, razoavelmente requisitado.

RG – É, eu acho que a gente viu bem isso, não é? Agora, a gente podia pegar um pouco esse outro lado seu, que é o lado professor. O senhor sempre foi pesquisador e professor; quando entrou para a micologia começou a dar aulas no Curso de Aplicação.

MA – É, o Leão fez questão logo que eu cheguei que eu desse uma parte das aulas, principalmente aquilo que eu achava modestamente que entenderia: a parte de fisiologia e bioquímica de fungos.

RG – E o senhor gosta de dar aula, não é?

MA – Gosto de dar aula.

RG – A sua vocação primeira foi para docência.

MA – Sim, eu sou professor de formação, sou licenciado em química. Aliás, eu gostaria de esclarecer uma coisa que saiu errado, não por minha culpa. Eu não disse que sou doutor em química. Eu disse que tinha curso de doutorado. Eu fiz o curso de doutorado sob a orientação do professor Djalma Hasselmann na Faculdade Nacional de Filosofia. Mas na época que eu devia começar a preparar... Porque a sistemática de hoje era um pouco diferente da sistemática daquela época. Você se ligava a um professor, que passava a ser o seu orientador. Não era feito hoje que tem *curriculum*, prova, SBP, uma série de bobagens aí. Se teu orientador achava que você estava precisando fazer alguma coisa que

tinha que mexer com estatística, ele dizia: “Olha vai fazer um curso de estatística. Compre um livro de estatística e estuda, porque você fez isso durante o curso”. Ele era de fato um orientador: sugeria livros, obras para você ler e tudo mais... E de antemão ele dizia: “O que você quer fazer?” E você escolhia o tópico. Bom, quando chegou na época... Como tudo no Brasil, muda da noite par o dia. Então, eles resolveram mudar. Eu tinha que me inscrever novamente e fazer em horário integral. Isso não era possível. Então ficou interrompido apesar de ter feito os dois anos de doutorado. O acompanhamento que era feito com registros, livros...

RG – Então foi uma pena...

MA – Pois é. Eu perdi. E quando eu fui cassado, eu pensei em fazer livre docência. Nessa época, já não tinha a Faculdade Nacional de Filosofia; passou a ser Instituto de Química no Fundão. E eu fui lá. Eu tinha contatos com professores, ex colegas que já eram professores. E a primeira coisa para você se inscrever, você teria que ter o que eu não tinha: um título de eleitor. Eu tinha, substituindo o título de eleitor, um documento da minha zona eleitoral dizendo que eu tinha sido cassado - eu guardo com muito carinho - pelo decreto tal. Eu disse: “Mas isso não serve? Eu não tenho título de eleitor”, “Não, o senhor tem que ter um título de eleitor senão não pode se inscrever.” Essa foi uma das últimas oportunidades. Agora parece que estão reacendendo o negócio livre docência. Houve uma época em que foi suprimida a livre docência.

RG – Se abrisse concurso para a livre docência, o senhor faria para lecionar na universidade ou pelo título?

MA – Não, se eu fizesse seria pelo título. Mas eu não sei se vale. Chega uma época que você fica farto de fazer cursos.

WH – E o senhor, aliás, fez muitos, não é?

MA – É, alguma coisa.

WH – Esse curso de coloidoquímica, fotomicrografia, cromatografia, microscopia eletrônica.

MA – Olha, o último curso que eu fiz foi em setenta e quatro. Foi um curso de titulações mas me interessava por causa do meu trabalho de controle de qualidade. E um curso de alterações de medicamento. Um foi com um japonês da Universidade de Kansas. Apesar de ser dos Estados Unidos, ele deu um curso muito inteligente. E o Nogueira Pisto, catedrático da Universidade do Porto, e fazia curso de alterações de medicamentos acelerando a destruição de medicamentos para ver o tipo de conservação. Acho que foi o final. Isso já tem bastante tempo.

WH – Esses cursos que o senhor fez – eu posso até estar me confundindo – são cursos sobre técnicas aplicadas à pesquisa, não é isso?

MA – Exatamente.

WH – E esses cursos eram dados, a maioria, por professores estrangeiros?

MA – É, na época talvez. Porque a Fundação Getúlio Vargas... Você vê que em um feito com Hans Otter, outro feito com Fithsfainder. E a Fundação abria esses cursos. Então você tinha interesse de melhorar seu acervo de conhecimentos.

WH – Essas técnicas não se conheciam no Brasil?

MA – Eram novas. Na época eram novas.

RG – E a Fundação dava esses cursos dentro de quê contexto? A Fundação Getúlio Vargas?

MA – Fundação Getúlio Vargas.

RG – Mexia com essa área?

MA – É. Interessante, não é? Mas nessa época, deram vários cursos desse tipo. Inclusive eu e o Estácio Figueiredo Monteiro fomos os dois primeiros camaradas que fizeram microscopia eletrônica aqui na América do Sul. Porque, o primeiro curso foi feito em mil novecentos e quarenta e cinco pelo Departamento Federal de Segurança Pública e Instituto de Criminologia. Coisa estranha, não é? Pois bem, quando chegou o microscópio eletrônico aqui, nem eu nem o Estácio fomos chamados para poder checar. E interessante que entregaram a microscopia eletrônica para um fulano que nesse curso que foi dada a parte técnica, por dois professores americanos que vieram... E parte de manutenção do microscópio eletrônico foi dada a um camarada que veio para aqui para ensinar as técnicas. Um negócio assim meio disparatado.

RG – É, mas aqui sobre uma coisa nova, em geral as pessoas não sabem muito lidar ainda, não é?

MA – Não, eu achava que deveria ter sido contratado um americano especialista. Na manutenção da parte eletrônica ele era entendido. Agora, na parte de técnica ele não era lá essas coisas para vir para cá. Quem tinha feito o curso sentia que ele não era a pessoa indicada. Competentíssimo na parte de manutenção do microscópio, na parte eletrônica do microscópio. Agora as técnicas...

RG – Essa chegada desse microscópio, realmente, causou a maior espécie aqui dentro do Instituto, não é?

MA – É, exato.

RG – Ele chegou ter uma vida útil

MA – Funcionou durante algum tempo; depois acabaram com ele (*ri*).

RG – Porque esse rizinho aqui não dá para se ver no gravador, mas o senhor podia explicar... (*risos*)

MA – Não, você não pode, mesmo porque você é obrigado a falar mal de gente até que já morreu.

WH – O senhor não pode falar mal de quem já morreu?

MA – É desagradável, você não acha? Eu achei que sempre no Instituto faltou bom senso. Sabe o quê que faltava no Instituto no meu ponto de vista? Que tivesse um conselho formado pelo pessoal, chefes de seção e tudo mais, mas que tivesse voz ativa. Não ficasse tudo na mão de um diretor para fazer o que ele quisesse. Nós sempre tivemos aqui diretores que usaram e abusaram do direito de serem ditatoriais.

WH – Agora, esse conselho chegou a existir, não?

MA – É., teoricamente foi feita uma tentativa, mas eu acho que nunca chegou a existir não. Houve uma tentativa de um regimento novo que não foi à frente.

WH – O senhor podia contar melhor essa questão de conselho? Quem queria o conselho? Criou-se ou não? Funcionou formalmente?

MA – Não. Não chegou a ser criado. Houve um grupo que estava muito interessado que as coisas fossem feitas democraticamente; que tivesse vários indivíduos que pudessem opinar com disposição. E outra coisa: que o diretor do Instituto tivesse voto de Minerva. Quer dizer, se há um empate do conselho alguém tem que decidir o empate. Tem que desempatar, não é? Mas isso não chegou a ser feito.

WH – Nem na época do Laranja? Porque eu tinha a impressão que o Laranja entrou...

MA – O Laranja tentou fazer alguma coisa nesse sentido. Vocês estão muito mais atualizadas na história do que eu.

RG – Pois é, eu queria falar que se não se pode falar dos mortos, não se faria história. Se a gente não for falar... É porque justamente a história real se faz algum tempo depois dos fatos já terem ocorrido. Quando todo mundo já morreu.

MA – Mas vocês não sabem que tem pessoas que dizem assim: “Olha, o meu depoimento só depois...”

Fita 6 – Lado A

MA – Eu estava dizendo à vocês que, na verdade, os homens precisam pensar que o homem passa, a instituição fica. Então, tem que pôr de lado todo tipo de vaidade pessoal e tem que pensar na instituição. E isso tem faltado ao Instituto Oswaldo Cruz, desde que eu estou aqui. Bom, eu entrei no tempo do Henrique Aragão. Eu acho que seria muito útil, que tivesse um conselho...

WH – O senhor falava que as pessoas se esquecem, não é?

MA – É, se esquecem, a vaidade se amplia. Parece que é sede de poder. O sujeito acha que está mandando em tudo, que todos são subordinados. Eu acho que o Instituto, no momento, está indo pelo caminho certo. Hoje tem conselhos, tem isso, tem aquilo, em reuniões. É assim que tem que ser. Eu ainda não tomei exatamente pé de tudo o que se

passa hoje aqui dentro. Não tenho tempo mesmo, sinceramente. Eu quero recuperar esses dezessete anos pedidos. Isso é um negócio muito...

WH – Eu queria que o senhor voltasse um pouco a me contar essa história da vinda do Laranja e se isso gerou alguma movimentação?

MA – Gerou uma grande expectativa. Mas não resultou nada de assim tão positivo. Era um indivíduo mais cordato, mais sensato. Talvez porque não tivesse assim uma projeção científica, então ele chegou manso. Apesar ser o médico do Jânio, ele chegou com uma certa modéstia. E tentou fazer algumas coisas importantes aqui. Tentou.

WH – A idéia do conselho não foi para a frente?

MA – Não chegou a se confirmar. Porque houve uma série de embaraços, de empecilhos...

WH – Quais? O senhor podia contar mais ou menos?

RG – Discriminar, é difícil. (*interrupção de fita*) Mas eu sei que existiram interferências. Sabe o que é ter desacordo? Um quer assim, outro quer assado, e acabou não saindo nada.

WH – Quem eram essas pessoas que queriam? Que estavam mais organizadas? Que estavam mais...

MA – Não posso dizer à vocês. São pontos de vista: “Não deve ser assim, não deve ser assado e tal”. Sabe navio constituinte? Eram assim.

RG – Qual era o grupo que estava mobilizado para...

MA – Em princípio estão todos de acordo. Mas quando chega nos detalhes, é que a coisa pega. É só isso.

WH – Mas todo mundo queria conselho deliberativo?

MA – Praticamente todos queriam.

WH – E quais eram as discussões? Se o senhor não quiser citar nomes o senhor pode pelo menos citar as discussões.

MA – Não, eu não participei diretamente disso. Aquilo estava restrito mais a chefes de seção, chefes de divisão. Porque antigamente era divisões e seções. Eu estava começando a minha vida aqui nessa época, praticamente. Então você não interfere muito em certas coisas. Você dá palpite daqui e dali com os devidos cuidados.

RG – Pelo fato do senhor já ter toda uma prática militante... Eu não digo dentro da política científica da instituição, mas o senhor tinha todo um vínculo partidário. Isso não lhe dava assim, enquanto pessoa, enquanto cientista, uma visão um pouco assim mais participante nessa questão toda da instituição?

MA – Não, porque aqui os mais velhos, naquela época, tinham uma ascendência muito grande. E politicamente, para mim, era prejudicial até a minha militância política, sabe? Então, o problema era não fazer muita onda.

RG – Quer dizer, ficava uma coisa assim isolada?

MA – É.

RG – A militância política se dava em torno de que questões? Não eram as questões da política institucional?

MA – Não. Ainda mais que aquilo era uma política de pesquisa propriamente dita, política de distribuição de verbas. A militância política aqui dentro era a regimentação política...

RG – Por questões nacionais?

MA – Nacionais.

RG – Externas à instituição?

MA – Exato.

RG – Então se dava assim de uma maneira bem separada: o que acontecia aqui dentro e a coisa mais geral?

MA – Mesmo porque, se não me engano, apesar de ter feito concurso, não havia verba. Então, só havia verba para contratado. Durante algum tempo nós fomos contratados... (*interrupção de fita*)

RG – A gente interrompeu a frase no meio por causa do problema do ar condicionado. A gente falava da questão...

MA – É, falávamos da militância aqui, como eu disse era de ordem geral: problema de eleições, essa onda toda da época.

RG – O senhor pegou vários períodos em termos nacionais. Quando a gente tenta fazer a história do Instituto, vê aqui dentro as gestões, não é? Sai o diretor tal, entra outro, sai outro. E externamente, o senhor entrou depois da guerra já?

MA – Já.

RG – Entrou na época do Dutra.

MA – Eu entrei em quarenta e seis aqui.

RG – É, aí pegou o segundo governo Vargas, depois de cinquenta. A gente está falando mais ou menos nesse período de cinquenta.

MA – A parte de política, por exemplo, depois da constituição de 1946, o partido foi posto na ilegalidade. Aquela confusão toda que armaram da guerra com a Rússia...

RG – É. Aí foi um período muito delicado para as pessoas que estavam envolvidas politicamente. Houve assim necessidade de tomar muito cuidado...

MA – Exatamente.

RG – Havia prisões?

MA – É. Aqui, para nós, não aconteceu nada de extraordinário. Em todos os períodos de turbulência, o pessoal que faz pesquisas em Manguinhos sempre foi preservado. Não teve nada de extraordinário, nem naquela época. Mas é lógico que havia o interesse... Tanto assim que os famosos arquivos do partido foram apreendidos em sessenta e quatro, na revolução. E eles tinham todos os detalhes, o que tinha havido, o tinha sido feito. E até algumas coisas muito exageradas por conta do Instituto, em determinados serviços aqui. O que vocês querem saber mais?

RG – Não, essa parte assim, a gente tem um interesse grande em saber como é que funcionava esse grupo de militantes aqui dentro. Foi uma atividade continuada, desde a criação desse grupo, ele sempre se manteve?

MA – Não, posteriormente, quando o partido saiu da legalidade, houve o interesse de que os grupos, não se reunissem para evitar maiores transtornos. Foi mais ou menos o que aconteceu.

RG – O grupo deixou de se reunir aqui dentro? Começou a ter uma atividade fora daqui?

MA – Mais ou menos e muito inconstante. Mais contatos pessoais, não em reuniões nem nada. É lógico quando estávamos na casa de um e de outro, conversávamos, discutíamos, víamos as possibilidades políticas: o que estava acontecendo, quais seriam as perspectivas para o futuro. Algumas coisas que todo mundo que faz militância política sabe.

WH – O partido tinha alguma diretriz em relação à instituição ou à saúde ou, enfim, a uma coisa mais ampla? Havia algum programa?

MA – Não, pelo menos que recebêssemos algum informe a respeito, nenhum.

WH – Enfim, de outros grupos na área de saúde? Tiveram contatos?

MA – Também não havia mais contatos com grupos da área de saúde não. Porque as diversas células se reuniam, quando o partido era legal, através de um distrital. Então, eram problemas mais ligados à parte de militância operária. Manguinhos, principalmente aqueles que faziam pesquisa, eram meio olhados como pequenos burgueses metidos a ricos. (*risos*)

RG – Eram discriminados?

MA – Eram sem dúvida discriminados.

WH – Qual era a relação entre pesquisadores e trabalhadores auxiliares?

MA – Entre o pessoal aqui? O relacionamento era excelente...

WH – Não, eu digo quantos pesquisadores faziam parte desse grupo? E quantos auxiliares?

MA – Posso dizer que éramos três pesquisadores. *(risos)*

RG – Três pesquisadores, e muitas pessoas dos setores variados?

MA – Uns quarenta e poucos, de todos os cantos aqui. Mas você sabe que quando há um problema de repressão, o negócio diminui, assusta, não é? Cada um tem suas famílias, suas obrigações, então fica pensando na sobrevivência: como vai ser? Como não vai ser? Principalmente os pequenos, eles tem mais receio porque eles acham que não tem possibilidades de defesa, conhecidos, isso e aquilo. O que é perfeitamente razoável. Dizem que o herói e o covarde a gene vê na hora. *(risos)* Curiosa! Está doida para saber quem é. *(risos)*. É, você sabe que um deles era eu. Eu já disse, sempre me declarei. Agora cada um que se revele.

WH – Pois é, outro é o Dr. Masao Goto.

MA – Ah, Masao Goto, sim.

WH – Não é? Ele também já disse... E falta um. *(risos)*

RG – O Perissé disse que era, mas não sei se era vinculado.

MA – Ele disse que era?

RG – Disse.

MA – Então estou autorizado a dizer que éramos nós três.

RG – Disse, no depoimento ele fala dessa relação, mas não sabia que tipo de vínculo, se era um vínculo formal ou só uma adesão.

WH – Não, não, ele era filiado.

MA – É sim. Como sempre se declarou.

RG – Então pronto não tem mais segredo nenhum, não é?

MA – Agora incluíram muita gente aqui. Quer dizer, todo indivíduo tinha uma idéia que eles achavam que era de esquerda, estava rotulado que era do partido. É o caso do Herman, do Moussatché. Não tinham nada nem nunca tiveram. *(interrupção de fita)* Nós não queríamos que esse grupo, que veio para cá junto, tivesse um fracionamento de promoção...

WH – Ah não, espera aí, o senhor está falando...

MA – Dessa promoção horizontal, agora.

WH – Mas quê grupo o senhor está dizendo que chegou junto?

MA – Os dez de Manguinhos. Quer dizer, dez que não são dez. (*risos*) São oito. Nós gostaríamos que tivesse, porque o Arouca tinha nos dito que tinha nos colocado numa determinada situação que era a única que ele podia nos colocar frente às verbas. Mas que ele pretendia posteriormente fazer uma promoção em grupo que era o que nós queríamos. Nós saímos juntos, queríamos voltar juntos, todos juntos.

WH – Permanecer juntos...

MA – Um promovido agora, outro depois.

RG – Mas a inserção de cada um nos seus laboratórios e seções é muito diferente, não é?

MA – Muito diferente. Tá bom, ele fez aquilo que ela achou conveniente. Faz muito bem.

RG – Quem é essa pessoa?

MA – Essa é a Pedrina, chefe do departamento. Vocês não conheciam ela não?

RG – Não. Só de nome.

MA – Então quando acabarmos, eu vou levar vocês duas para conversar com ela.

RG – Obrigado.

MA – Vocês não querem acabar não?

RG – Ah, a gente pode acabar daqui a pouquinho, mas se o senhor estiver se sentindo mal por causa do calor a gente pára.

MA – Não, eu não estou me sentindo mal não. A presença de vocês é sempre muito agradável. Mas eu ainda queria levar vocês à Pedrina para ficarem conhecendo, não é?

RG – É mesmo, a gente interrompe.

Data: 05/02/1988

Fita 6 - Lado B

RG – Dr. Moacyr, nós vimos da última vez a parte de pesquisa, o setor da micologia. A gente falou um pouco da sua atividade didática, não é? O senhor disse que deu aula de micologia durante muitos anos no Curso de Aplicação...

MA – Se não me falha a memória foram sete anos. Porque mais tarde eu verifiquei que cada ano que você dava, você recebia uma documentação. Tinha união do professor naquele tempo. Mas foram sete anos.

RG – Foi um período continuado?

MA – Foi continuado.

RG – O senhor sentiu grandes mudanças em relação ao curso ou aos alunos?

MA – Eu acho que não houve novidades nestes anos. Uma das vantagens principais do curso era justamente a possibilidade do aproveitamento, nos últimos anos, dos melhores alunos de cada disciplina como bolsistas estagiários. Então isso estava enriquecendo na verdade as diversas seções, inclusive a seção de micologia. Eu acho que era um bom procedimento ter uma obtenção de alunos através do curso do Instituto Oswaldo Cruz, chamado Curso de Aplicação. Nós chegamos a ter quatro bolsistas na seção de micologia obtidos desse jeito. Quer dizer, os melhores alunos, aqueles mais interessados e que fossem bons alunos... O curso dava uma visão ampla de todas as técnicas gerais da micologia. Então, quando o aluno vinha como bolsista estagiário, já com o curso básico de micologia feito, você podia aproveitá-lo em programas de pesquisa. Acho muito conveniente. Você lida com o aluno durante um mês e meio, dois meses, já tem uma vivência do aluno, da maneira de proceder e tudo mais, do entusiasmo dele. Era uma boa norma. Pelo menos a mim me satisfazia muito isto.

RG – De que ano até que ano, mais ou menos, o senhor deu esses cursos?

MA – Mais ou menos de sessenta... Nós fomos cassados em setenta... É, sessenta e poucos a setenta.

RG – Ah, foram esses últimos anos.

MA – É. Setenta não, porque nós fomos cassados logo no início. Não chegamos a dar o curso em setembro. Eu acho que o último ano foi sessenta e nove.

RG – Quer dizer, o Curso de Aplicação vinha regularmente ocorrendo durante esse período todo.

MA – Sempre...

WH – Esse era o Curso de Aplicação, esse curso de micologia, ou já haviam se separado?

MA – Bom, o Curso de Aplicação tinha no tópico uma disciplina que era micologia. Praticamente todas as especialidades do Instituto Oswaldo Cruz eram representadas no Curso de Aplicação.

RG – Havia assim uma integração entre as várias áreas? Havia reuniões em que se discutia o curso como um todo ou cada setor era muito isolado?

MA – As seções representavam praticamente as diversas especialidades... Tinham uma certa autonomia da programação do curso. Normalmente era discutido anualmente o que se ia fazer, qual época se daria o curso, sempre na tentativa de melhoria nos diversos cursos. Assim como acontecia conosco, creio que acontecia também com os outros cursos, não é? Não havia assim uma coisa absolutamente sistemática. De ano para ano havia uma tentativa de reforma e melhoria do curso, principalmente na parte prática.

WH – Depois de sessenta continuou se chamando Curso de Aplicação, Dr. Moacyr? Eu tenho impressão que o Curso de Aplicação, não sei se é engano meu, foi desmembrado em vários cursos específicos?

MA – Não, eu acho que nos últimos anos os cursos ainda eram gerais. Isso apanha a gente um pouco de surpresa, porque já foi passado tanto tempo, e, às vezes, essas mudanças são feitas e você não fez nenhum roteiro para poder dizer: “Olha em tal época era assim”.

RG – Não, mas não tem importância...

MA – Espelhando a coisa...

RG – O que a gente quer mesmo ver como isso ficou na memória das pessoas, não é? Como que as pessoas se lembram das coisas. Essa precisão não é o que a gente está esperando dos nossos depoentes. Em relação ao curso, eu não tenho nesse momento nada especificamente mais para perguntar. Você tem, Wanda? Eu gostaria de voltar, então, àquele assunto que a Wanda tinha dito que a gente gostaria de falar hoje, que eu acho que fecha um pouco mais esse quadro do Instituto que a gente está tentando traçar. Seria ver como se desenrolou a questão mais geral da administração do Instituto depois da crise com o Dr. Olympio, que está documentada. O senhor até nos ofereceu gentilmente esse documento chamado – vou ler o nome do documento para ficar registrado - *O Caso do Instituto Oswaldo Cruz*, que é a publicação número um e basicamente...

MA – História perfeitamente tudo.

RG – ... constitui-se de artigos saídos no *Correio da Manhã* no final de cinquenta e dois. O primeiro artigo é do dia dois de dezembro de cinquenta e dois, e a crise vai aqui até julho de cinquenta e três, não é?

MA – Terminou exatamente com a exoneração do Dr. Olympio da Fonseca.

RG – E havia aqui um clima?

MA – E eu faço muita questão de acentuar que o Dr. Olympio era um excelente professor; era presidente, na época, da Academia Brasileira de Medicina ou Escola Nacional de Medicina, não sei bem; e só administrativamente ele pecou. Era um presidente de alto

gabarito, mas que não consegue manter um nível anterior de professor e pesquisador com o nível de administrador. Foi o que aconteceu com ele.

WH – Ele sofreu pressões para colocar essas pessoas dentro do Instituto, todas as pessoas que ele contratou?

MA – Não, eu acho que foi um ponto de vista próprio.

WH – Pessoal, não é? Agora, esses pesquisadores que o Olympio contratou, não eram de qualidade, digamos assim?

MA – Não, os que foram contratados, exatamente com contratos, eram pesquisadores alguns perfeitamente aceitáveis pela comunidade do Instituto Oswaldo Cruz. O grande problema todo se refere a bolsistas e estagiários, que tinham bolsas maiores do que aqueles que estavam orientando. E como eu expliquei da outra vez: ninguém foi ao Olympio protestar contra aqueles que estavam entrando, nem os contratados. Nós fomos protestar que os salários eram baixos. Eu me sentia diminuído de ser o orientador de alguém que recebia mais do que eu próprio. E pleiteou-se do Olympio que ele conseguisse uma verba tipo gratificação, enfim, que ele ajustasse um jeito. E justamente não aconteceu. Foi quando começaram a surgir com contratações, alguns elementos bem gabaritados. Não vamos dizer que ele tenha contratado gente aqui que não tivesse competência.

WH – Porque um dos comentários que se fazem sobre o Instituto é que, durante um período longo, ficou muito fechado. Era muito difícil o acesso. Era muito complicado o Curso de Aplicação. E o Instituto foi cada vez ficando minguado, ou seja, perdendo quadros, não é, pessoas que saíam, principalmente com a desacumulação, não é?

MA – Não, pelo que eu sei, porque foi anterior à minha vinda, não havia esse problema de muitos deixarem o Instituto.

WH – Mas o que se dizia é que não havia renovação, não é? E a impressão que me dá é que o Olympio....

MA – Posteriormente, foi feito concurso aqui para biólogos. Tinha um número de biólogos interinos e fizeram concurso, alguns foram aprovados outros foram reprovados.

WH – Isso em quarenta, não é? Quarenta e dois...

MA – É, por aí. Então não acho que tenha sido isso.

WH – Quer dizer o senhor não vê que o Instituto precisasse...

MA – Talvez tenha um problema do ponto de vista pessoal dele, de achar que precisava renovar, no bom sentido. É muito difícil a gente saber o quê o indivíduo pensa quando toma uma determinada atitude. Essa é a verdade. Mesmo posteriormente, examinando as coisas que se passaram naquela época, você ainda tem dúvidas.

RG – Bom, vendo esse documento, que é muito interessante porque revela pequenos detalhes do que estava acontecendo naquela época, dá para ver que foi realmente um período muito conturbado. Isso saindo no jornal também devia criar um clima muito difícil aqui dentro para as pessoas, não é? Havia acusações generalizadas, porque o próprio Dr. Olympio...

MA – Praticamente dois terços do corpo de pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, estava na oposição.

RG – Então como foi finalmente a saída dele?

MA – Houve uma exoneração. E posteriormente assumiu o Dr. Joaquim Travassos da Rosa, um indivíduo que já tinha estado aqui. Ele assumiu a direção. Acho que substituiu o Olympio, exatamente.

RG – Mas o Travassos é posterior? Não foi o Dr. Francisco Laranja nesse período? Porque com o Travassos o senhor até teve aquele cargo, não é?

MA – Sim. Então foi o Laranja sim.

RG – Foi o Laranja nessa época, não é?

MA – Foi o Laranja. O Laranja era cardiologista, médico do João Goulart, e trabalhava no hospital. Contava-se que o Laranja pudesse trazer uma série de benefícios para Manguinhos, ele se mostrou muito simpático. Foi ele quem entrou. Exatamente.

RG – Foi bem recebido pela comunidade científica?

MA – Foi bem recebido. Perfeitamente. Com a esperança de que um homem ligado ao presidente... Mas a presidência do João Goulart foi muito curta, não é? Vocês são muito mais historiadoras do Instituto do que eu mesmo.

RG – Ele era um homem do Rio Grande, não é? Quer dizer, um homem ligado ao Vargas...

MA – É. O Olympio saiu exonerado pelo Getúlio. Isso eu tenho certeza.

RG – Ele foi exonerado, ele não se demitiu?

MA – E talvez a indicação deva ter vindo do João Goulart, que na época era vice-presidente, não é? E continuou durante o período, que foi o...

RG – É, aí veio o Café Filho. Eu acho que na época do Café, o Dr. Laranja foi também demitido ou se demitiu.

MA – Exatamente.

RG – Aí veio Augusto Xavier, não é?

MA – Exato.

RG – O famoso Antônio Augusto Xavier que não gozava...

MA – Era uma espécie de diretor tampão. Para depois, então, ter vindo o Joaquim Travassos da Rosa.

RG – Nesse período todo, o senhor acha que o Joaquim Travassos foi uma pessoa que conseguiu ter uma gestão um pouquinho mais longa, menos atribulada, de tal sorte que deu uma característica?

MA – É, sim. Exato. Houve um período de paz, digamos assim.

RG – O senhor acha que dessa época toda o que ficou mais marcante foi a passagem do Dr. Travassos da Rosa aqui pelo Instituto?

MA – O Dr. Travassos caiu posteriormente com a revolução.

RG – É. Porque antes disso também teve o Dr. Tito que foi interino, não é? Tito Cavalcanti ficou um período curto, Amilcar Vianna... Dessa época, o senhor não lembra nada muito significativo?

MA – Não, foram administrações pacíficas, tranquilas.

RG – Então, o senhor podia falar desse período do Dr. Travassos. O Arêa Leão foi vice dele. Ele chamou o senhor para dar uma força...

MA – Exato.

RG – O senhor podia falar um pouquinho para gente dessa época. Parece que foi uma época interessante, pelo menos o senhor tem uma...

MA – Bom, eu aceitei o lugar por influência do Leão, que praticamente exigiu e era uma pessoa a quem eu não poderia dizer não. Serviu-me durante um período. Dei-me muito bem com o Travassos. Só tivemos o triste dissabor de ter um pedido de demissão na mão dele porque chegou o momento, depois de dois anos e pouco na administração, eu já me sentia cansado. Então, ele havia assumido um compromisso comigo que eu seria substituído logo que ele encontrasse alguém em quem confiasse, etc. E no fim... Eu já expliquei isso: o Travassos era uma pessoa boníssima, mas sofria a influência de uma esposa um tanto ou quanto exigente de que o marido estivesse sempre se projetando. E ela achava que todo aquele grupo que cercava Travassos era considerado elementos um tanto ou quanto subversivos.

WH – Qual grupo?

MA – Como chefe de divisão estava o Walter Cruz, Herman Lent, que já era chefe desde o tempo do Tito – aliás, desde o tempo do Amilcar e continuou com o Travassos. Então tinha um grupo de indivíduos que eram considerados de esquerda. E se o Travassos, segundo opinião da esposa, eliminasse esses elementos, ficaria. O que aconteceu é que ele exonerou a todos. Eu me senti muito mal porque eu já tinha pedido demissão e aguardava isso a bastante tempo. E fomos todos exonerados em conjunto.

WH – Isso depois do golpe, não é?

MA – Depois da revolução. E logo depois ele também foi exonerado.

WH – E me diga uma coisa, Dr. Moacyr, quais eram as suas funções nesse serviço?

MA – Chamava-se serviço técnico auxiliar. É o que hoje, não sei se aqui em Manguinhos tem: um prefeito.

RG – Hoje tem um prefeito...

MA – Exatamente, era um indivíduo que cuidava de uma série de coisas. Eu não sei se o prefeito hoje também tem isso. Tinha um setor que era meio de cultura. Quer dizer, toda a produção de meio de cultura que não fosse especializada - porque os meios especializados eram feitos pelos respectivos laboratórios - era feita na central do meio de controle. Você cuidava do problema de garagem - provavelmente o prefeito hoje cuida - ; da parte de alimentação; transporte, água, gás, luz, tudo isso.

WH – Obras?

MA – Obras. Tudo isso era feito. Inclusive, durante os inquéritos, eu fui acusado, por exemplo, de ter favorecido um colega que também era considerado subversivo, que era chefe de seção. Isso consta dos anais do inquérito, então eu posso dar os nomes: era o caso do Fernando Ubatuba. E eu fui chamado para explicar por quê eu tinha feito aquilo.

WH – Tinha feito aquilo o quê?

MA – Uma obra especial para ampliação do laboratório dele. Primeiro, simplesmente porque estava autorizado; porque se discutia toda a programação com o próprio diretor que era o Dr. Travassos. E segundo lugar, eu defendia a necessidade da ampliação do laboratório do Ubatuba, simplesmente porque ele tinha recebido um *grants* da Fundação Ford e tinha uma quantidade enorme de aparelhos todos empacotados porque não tinha espaço. Então era preciso fazer a obra. Então essas coisas eram feitas assim. Era um critério adotado de acordo com as necessidades. Você consegue um *grants* da Fundação Ford; você recebe o material todo; e depois você não tem como usar porque não pode desempacotar, não é justo. Inclusive, o general Andrade Falcão que presidiu o inquérito aqui - isso foi posteriormente ao inquérito do Olympio - uma pessoa educadíssima, muito gentil. Depois que eu expliquei, me disse: “Eu compreendo perfeitamente.” Tinha uma série de perguntas assim... Faziam intrigas para você explicar...

WH – Para ver se pegavam...

MA – Pegavam.

WH – Me diga uma coisa, Dr. Moacyr, esse setor era muito grande, não é?

MA – Era um setor muito grande.

WH – Transporte, alimentação, meios de cultura... Era um setor que mexia com muita verba dentro do Instituto?

MA – Não, não mexia com muita verba. Eles próprios já encaminhavam os proventos de alimentação, disso e daquilo. Eu não sei se eu cheguei a falar que uma das coisas que eu fiz quando cheguei foi verificar uma determinada firma dona do serviço de alimentação. Naquele tempo, tinha cerca de mil funcionários aqui e tinha um número de refeições cerca de novecentos. E eu calculei, contando o número de licenciados, de pessoas de férias, que não podia ter esse número. Então mandei fazer uns talõezinhos numa tipografia aqui mesmo para você ter o dia marcado. Entregar aquele talãozinho... Porque se você não veio, não vai aparecer aquele talão daquele dia. Então, cada um entregava aquilo, botava dentro de um envelope, depois vinha era contado, e o número de refeições caiu de novecentos para seiscentas e poucas. Havia uma situação de desonestidade. Então, simplesmente eu peguei o funcionário que se incumbia de fazer a contagem e o afastei; porque era muito difícil provar certas coisas. Você comprova, mas não prova. Essa é a verdade. Ele foi substituído.

WH – O senhor encontrou outros casos assim nessa área?

MA – Encontrei. No laboratório de meios de cultura, achei exageradíssimo o consumo de carne para fazer caldo para as bactérias. Achei que se gastava uma exorbitância. Chamei a encarregada, que era uma pessoa de muita confiança, e pressionei-a. Simplesmente, ela mandava fazer aquela quantidade porque era dona de duas pastelarias. (*risos*) Eu disse: “Quando é que ela leva a carne moída cozida?” E simplesmente num sábado - eu já tinha me informado com calma quando ela saía com o contrabando... (*risos*) E vim um sábado aqui, quando ela vinha saindo com o embrulho... Porque ela não subia, marcava com o chofer lá embaixo. Eu, então, ofereci gentilmente carona até a porta, e, na mesma hora, eu disse: “Eu não posso fazer nada, mas a senhora na segunda feira faça o seu pedido de transferência para um outro laboratório qualquer. Por mim não fica aqui. O menos que eu posso fazer é isso porque é uma coisa muito delicada”. Acho que, às vezes, você comprova agora para você provar tem que ter testemunhas, isso e aquilo. Há uma situação de intimidação, então você não vai pactuar com uma coisa dessas. E então você faz assim. E ela foi obrigada... E me pediu, me implorou, fez tudo para continuar ali, mas não continuou. Depois eu levei ao conhecimento do Travassos o que eu tinha dito e como eu tinha dito...

RG – Quer dizer isso foi no terreno da corrupção pequena.

MA – Pois é, não é tão pequeno assim porque pressionar teus subordinados a fazer uma coisa errada é muito desagradável, não é? Então há uma certa intimidação: você é um Dr.; eles são criaturas na maioria das vezes humildes. Então ficam pressionados, receosos... Concordo que o material era desperdiçado, porque toda semana precisava fazer caldo. Pronto.

WH – A quanto desceu o consumo de carne?

MA – Olha, praticamente o que se gastava ali toda semana, passou a ser consumido em dois meses, porque na produção de caldo... Ninguém toma banho de caldo.

RG – Eu disse pequeno porque era uma coisa individual, não é? Não era uma coisa assim organizada envolvendo um grupo. É uma situação muito desagradável, mas localizada.

Eu falei que era pequena nesse sentido. Claro que para quem está administrando isso é super constrangedor, não é?

MA – Lógico. Ou você pactua, fecha os olhos, e a coisa vai andar assim... Eu não sei também se isso não gerou, mais tarde, má vontade com o grupo. Porque era esse grupo que tomava conta, que tinha amor ao Instituto, que se sentiu arrancado das suas raízes quando foi cassado. Eu não sei se tudo isso não ajudou a sistemática da cassação em si.

RG – Mas, Dr. Moacyr, além do senhor, desse grupo de cassados tinha outras pessoas envolvidas na administração do Travassos da Rosa?

MA – Tinha sim. Tinha o Lent, o Moussatché, o Ubatuba, o Tito... Todos eram chefes de seção. Então tinha essa gente toda envolvida nisso, não é?

RG – Eu estou fazendo uma distinção entre uma chefia de uma seção específica e um cargo como o seu que era mais geral, que abrangia vários setores. Saía do departamento, da seção, da divisão, da área científica, e envolvia a administração do Instituto como um todo.

MA – Foi quando constatei, também, que o Ministério da Saúde faz - ou fazia na época, não posso fazer uma acusação geral - em contratos de alimentação. Você era obrigado a fazer concessões ao fornecedor, porque senão você só podia tomar todo dia sopa de entulho, como se chama essa sopa de legumes. Porque a quantidade que vinha do mercado, teria que vir de acordo com o contrato. Para receber um saco disso, um saco daquilo, para variar o menu, você teria que ter a boa vontade do fornecedor. Se ele não quisesse não tinha. E outra coisa: normalmente o Ministério não paga... As verbas não são liberadas para fazer os pagamentos certos, para você exigir do fornecedor. Então se não paga durante três, quatro meses, o fornecedor ao invés de mandar carne de primeira, manda de segunda. Se você reclama, ele diz: “Então me pague a carne em dia”. São essas coisas verdadeiramente absurdas. Um contrato que começava assim... Quando assumi, fui tudo que podia. Porque eu acho que quando a gente assume responsabilidade, tem que saber o que vai fazer, qual é o terreno que pisa. Então tinha o seguinte: “O contratante é obrigado a fornecer um cozinheiro de primeira qualidade ou que tenha carteira profissional.” Todo cozinheiro profissional tem que ter carteira, então dizer “primeira qualidade” é tapeação. O Ministério estava fazendo os contratos, eles sabiam o que estavam fazendo marmelada. Mas isso continuou aqui. O tipo de código contábil da república era um negócio incrível; permitia uma porção de falhas, brechas. Eles deviam separar o dinheiro, mensalmente, aquelas cotas para serem dadas para alimentação, para isso, para aquilo, e a responsabilidade seria do diretor, que devia ser responsável penalmente se as coisas não andassem bem. Eu acho que devia ser assim. Então ficam esperando três, quatro meses para ser liberado uma verba. O que se pode esperar do fornecedor? Todo mundo sabe que no serviço público existem uma porção de conchavos: você conseguia comprar cimento, ladrilhos, pregos, mais baratos aqui em Bonsucesso do que vinha pela concorrência. Porque na concorrência, um dos fulanos é dono do ministério A, outro fulano é do B, do C. Então eles entram na concorrência, mas os preços já estão marcados. Então, o preço é muito maior do que se você comprasse livremente. Quer dizer, se você tivesse dinheiro na mão, responsabilizado, assumisse até um compromisso escrito, um ato de responsabilidade, você podia comprar muito mais com

muito menos. Você comprava aqui em Bonsucesso, e essas coisas assim, vinham mais baratas do que na concorrência feita.

Fita 7- Lado A

WH – Eu queria falar um pouco mais sobre as verbas. Ou seja, o Instituto tinha verbas do Ministério, verbas por convênio com organizações. Como eram manejadas? Como elas vinham?

MA – Não. Pelo menos nessa época, as verbas vinham por intermédio do Ministério, eram liberadas de vez em quando. Vinham verbas liberadas.

WH – Sim, por exemplo, elas vinham para saldar uma dívida específica? Por exemplo, o Instituto tinha um orçamento anual, e todo dinheiro era liberado anualmente, ou dependendo dos gastos que o Instituto tivesse o Ministério...

MA – Não, você poderia, em determinado tempo, ter uma verba programada. Essa verba era liberada em partes, não mensalmente, mas de acordo com as possibilidades do Tesouro Nacional. Agora quando há uma carência de verba, falta de verbas, o diretor é capaz de conseguir uma liberação de um reforço de verba.

WH – Na época do Travassos se conseguia isso?

MA – Você está me fazendo uma pergunta... Porque eu não mexia com esse problema de verbas. Eu sabia que existiam verbas, porque você comprava uma série de coisas através dessas verbas. Tinha ciência disso, mas não era da minha alçada esse tipo de coisa. Eu movimentava com o material que chegava. Pedia o material que era necessário, fazendo os pedidos e aguardava-os.

WH – E o Ministério da Saúde mandava, não é? Quer dizer, o senhor não mexia com dinheiro?

MA – Dinheiro nenhum. Absolutamente. Nada.

WH – E Dr. Moacyr, em relação as verbas ainda: nessa época do Travassos que o senhor está muito perto da direção, o senhor poderia se lembrar se existiam pressões para o uso das verbas? Ou da direção colocar verbas em alguma área ou em outra? Que tipo de pressões?

MA – Não. Pensemos o seguinte: o Instituto girava mesmo em torno da pesquisa, não é? Então você podia pensar como essas verbas eram concedidas através da direção. E foram discutidas... Determinados chefes da divisão se empenhavam junto ao diretor para conseguir, mostrando a necessidade que tinham de uma ampliação, de um aparelho, disso e daquilo e tal. Praticamente, verbas não. Eu acho que as grandes brigas no Instituto Oswaldo Cruz era exatamente escassez de verbas. Aqueles que não conseguiam por acaso, ficavam com uma fatia menor do bolo, estavam sempre brigando por isso, e era justo. Quem quer trabalhar, briga pelo material que precisa. Como ainda hoje. Mas não havia como hoje financiamentos extraordinários, organizações que cedessem. As organizações cediam especificamente para determinados pesquisadores que conseguiam essas verbas. Nessa época, a Fundação Ford e a Fundação Rockefeller liberavam verbas

para o instituto. Mas era empenho dos próprios pesquisadores, demonstrando junto a essas fundações, planos de pesquisas; eram aprovados e eles recebiam.

WH – E na sua época como chefe do serviço técnico, haviam divisões que se queixassem de escassez de recursos, da falta de material? Quem se queixava?

MA – Se você precisava... Por exemplo, o laboratório tinha uma infiltração, lógico, uma infiltração era coisa assim de emergência, não é? O material que estoura dentro de uma parede... Aquilo era removido, mas muitas vezes ficava na dependência de ter material suficiente para o reparo, para o acabamento daquilo. E, às vezes, não tinha, faltava.

WH – É, mas eu estou falando de laboratório que se queixasse de falta de verbas. Que laboratórios eram?

MA – Não. Se eles se queixavam, não era a mim que eles se queixavam.

WH – O senhor não tinha conhecimento de nenhum laboratório...

MA – Não, não. Como eu já disse: se o indivíduo tinha um bom relacionamento com o diretor, ele sempre era beneficiado em relação a outros que eram prejudicados. Quando mudava a orientação mudavam também os beneficiados.

WH – E na época do Travassos, Dr. Moacyr, quem tinha um bom relacionamento?

MA – Normalmente os que tinham bom relacionamento são aqueles que o próprio diretor escolheu para as chefias de divisão, disso e daquilo. Apesar de haver um critério de quem era o mais antigo, isso e aquilo.

WH – Quer dizer que todas as divisões nesse momento tinham um relacionamento mais ou menos similar com o chefe... Quer dizer, o Travassos tinha um bom relacionamento com todos os chefes de divisão?

MA – Tinha, tinha um bom relacionamento.

WH – Ele não teve problemas de verba com algum chefe ou com outro? Ou com laboratórios que tivessem queixas da falta de recursos para produzir vacinas?

MA – Que eu me recordo, sinceramente, não. A falta de verba era uma falta de ordem geral. Às vezes, você pretendia fazer um plano, pedindo material, aparelhos, uma geladeira, um freezer, enfim, e não tinha verba para dar. Então, ficava mais ou menos uma listagem, dependendo de chegar verbas para comprar isso, comprar aquilo...

WH – No setor de produção, ainda pensando nessa questão das verbas, o Ministério da Saúde exigia uma certa quantidade de vacinas?

MA – É, quando havia uma campanha, normalmente o Ministério liberava verbas extras para determinados setores de produção. Senão, o Instituto já tinha mais ou menos programado o número de vacinas, disso e daquilo, que ia fabricar, de acordo com as necessidades do próprio Ministério. De vez em quando, você sabe como é, vem o

Ministério que resolve fazer uma campanha. Porque, politicamente, as campanhas são importantes.

RG – Naquela época, nesse período anterior a sessenta e quatro, como o senhor vê esse certo conflito que ocorreu em algumas épocas aqui no Instituto entre o setor de pesquisa e a produção? Estava havendo alguma coisa nesse sentido?

MA – Não. Sempre se disse que a produção roubava muita verba do setor de pesquisa. Quem pesquisava se sentia prejudicado, na maioria das vezes, por causa da produção. Por isso, acho que a sistemática adotada hoje é mais adequada porque já fica encaminhado: cada um pleiteia as verbas, elas são cedidas ou não, consegue tudo aquilo que quer ou não consegue. Você sabe que tem tanto recurso, pelo menos teoricamente. Naquela época não era assim, era diferente. Era assim meio global, dependendo do interesse do próprio Ministério, de conseguir isso ou aquilo.

WH – Quer dizer que apesar da vacina ter verbas específicas, muitas vezes o próprio diretor teria que retirar da área de pesquisa recursos para colocar na vacina?

MA – Pelo menos se admitia que acontecia isso. Eu não posso garantir que houvesse isso, mas se falava daquilo.

WH – Quer dizer, o senhor na época do Travassos não chegou a...

MA – Não, não, não. Porque concorrência de material, comprar ampolas, isso e aquilo, era tudo feito diretamente através do serviço de compras aqui junto ao Ministério e tudo mais. Então você sabia se tinha quando você recebia... Ele era mais executivo do que outra coisa. Quer dizer então tinha que fazer, executar certas coisas, que às vezes não dava. Não se conseguia atender a todos. Aqui, por exemplo, foi uma dificuldade de conseguir - eu me lembro bem - um transformador para o prédio da Rockefeller, que tinha vacinas, precisava ter frigorífico. Queixavam-se que a sobrecarga desligava, isso e aquilo. Foi uma luta, mas conseguimos que no fim de algum tempo tivesse um transformador maior. Se não me engano nós tínhamos, na época, um transformador de 45 KVA e conseguimos um de 100 KVA, com as respectivas obras, porque a Light entra nessa história e exige isso e aquilo. São coisas que custam. No serviço público tudo custa.

RG – Tudo é dificultado, não é?

MA – É, tudo é dificultado.

RG – E nessa época que o senhor estava chefiando esse setor?

MA – É, nessa época, eu já estava. E eu vi, senti, aprendi muita coisa. Tive muita experiência, o que me serviu muito. Inclusive, porque eu tive que lidar com operários. Tive um número grande de operários aqui, e me serviu muito depois que fui cassado para poder lidar com gente em fábrica, isso e aquilo. Eu não tinha a menor experiência. Eu era um camarada que tinha se formado, fiz concurso, vim para cá, fiquei metido dentro de um laboratório, lutando para sair para a pesquisa. Saí para a pesquisa depois tive essa complicação de vir trabalhar num setor que não era do meu agrado.

WH – O senhor teve que deixar de pesquisar nesse período, não é?

MA – Não dava tempo, sabe? Não dava tempo. Só se fazia a rotina do ACT2, porque já era rotina, então você tinha auxiliares que eram capazes de executar aquela programação toda.

RG – O Dr. Goto estava aqui naquela época?

MA – Estava. O Goto era o chefe da seção.

RG – Ele ficou conduzindo esse projeto em que vocês trabalhavam juntos, não é?

MA – Era sim.

RG – E ele não ficou envolvido nessa parte administrativa com o senhor?

MA – Não ficou. Ele era da parte administrativa da seção de micologia, pleitear verbas, e isso e aquilo.

RG – Claro. Já tinha um ônus aqui local, não é?

MA – Muito bem. Vocês ainda não estão satisfeitas?

WH – Não, ainda não. Quase, já estamos terminando. Quantos funcionários tinha seção técnico-auxiliar?

MA – Ah, era um número bem grande, porque tinha os homens em campo, os homens do biotério. Isso era da minha responsabilidade. Os homens de campo são os sujeitos que fazem capina, roçado, mantém limpa toda a área do Instituto Oswaldo Cruz. Então você tinha um número bem grande. Eram umas quatrocentas ou quinhentas pessoas.

WH – Era um dos maiores serviços então?

MA – É, porque mexia com uma porção de setores. Acredito que hoje seja o que o prefeito faz, talvez com exclusão desse setor de meio e de alimentação. Não sei como é feito aqui hoje.

WH – Seria uma prefeitura não, é?

MA – É, uma prefeitura, inseria água, luz, esgoto, tudo isso. Não é brincadeira não! A pressão até subiu por causa de problemas aqui dentro. Foi um dos motivos pelos quais eu pedi a minha exoneração.

RG – As pressões eram muito grandes?

MA – Não é pressão... Você lidar com falta de uma porção de coisas, você querer atender, fazer o melhor possível, sabe? Sabe o que é burocracia? Eu acho que quando a gente chega num local, não quer mudar tudo de um momento porque não vai dar certo. Então tinha um rapaz que era o secretário do serviço, batia à máquina, e eu perguntei: “Ah, você tem que fazer o relatório?” Eu devo ter chegado em setembro. “Vai começar agora, vai? Porque todos esses pedidos vão ser relacionados”, ”Você faz como você fez, não foi você

que fez ano passado, faz igualzinho”. Isso foi feito. Então ficamos com uma cópia no serviço e outra cópia subiu à direção. Deu um verdadeiro livro, com tudo o que tinha acontecido, ou seja, todos os atendimentos, isso e aquilo e tal. O livro subiu à direção, pensei que ia ser arquivado lá. Dois dias depois, desceu para mandar arquivar. Eu tinha um. Tinha feito cópia. Eu digo: “Comigo não, se eu tiver que fazer o do ano seguinte não vai ser assim não!” Então no ano seguinte era um negocinho fininho, resumi tudo e acabou. Ninguém ia ler, porque gastar tempo, papel e dinheiro. É trágico.

RG – Quer dizer, o pior disso tudo foi a carência, a falta?

MA – A falta. Você não sabe daquele velho provérbio que diz: “Casa que tem pouco, quando dois brigam não tem nada”. (*risos*) Era mais ou menos assim: se você acha que não é atendido a tempos e a hora, compreendeu, você não fica satisfeito. Você vai a mim, ao diretor, se queixa que não foi atendido. “Vai lá, ele te explica. Ele já não te explicou porque não foi atendido? Não tem, não tem. O que se vai fazer?”

RG – Mas nessa hora sempre pesa aquela coisa dos relacionamentos, não é? Se uma pessoa amiga está pedindo à outra...

MA – Ninguém se furta, honestamente, a atender uma criatura que lhe é simpática, ou que não é simpática. Eu acho isso sincero. Se você pode... Tem dois para serem atendidos ao mesmo tempo, se você tem material para os dois, você atende os dois ao mesmo tempo. Senão, você vai ver aquele que é mais cortês com você, é mais educado. Eu até já contei a história do Dr. Lagoa com o diretor e comigo. Ele resolveu dar um curso aqui - eu contei isso para vocês - e eu me dava bem com o Lagoa, não ia deixar de atendê-lo, não era daquele tipo que podia se considerar um amigo, era um colega. E ele me pediu, e eu fui, mandei fazer tudo apesar do Dr. Travassos não concordar. E eu disse: “Não. Eu acho que não justifica. O senhor me desculpe.” E ele acabou concordando comigo.

WH – Por que o Dr. Travassos não concordava?

MA – Ele ficou aborrecido, porque o Lagoa fez uma coisa errada: um curso aqui sem a autorização do diretor. O Travassos não negaria, porque era um sujeito muito equilibrado, se ele tivesse ido lá, e dito: “Não, eu vou fazer isso e tal. Estou pedindo sua autorização.” Era uma autorização formal e só, mais nada. E depois pedisse: “Olha, acontece que o laboratório está sujo, tem ladrilhos que caíram, tem isso e aquilo... Vem muitos estrangeiros”. Agora, ele não pediu e o Travassos não disse nada, mas soube. Então queria barrar as coisas através de uma negativa, senão ele teria que fazer o curso aqui dentro, com o laboratório em mau estado. E eu não achei justo. Era uma das coisas que, várias vezes, eu cheguei para o Travassos e disse: “Eu não faço. O senhor tem toda autoridade me exonere, e bote um homem que queira fazer o que o senhor quer”. Tem a história do leite que eu contei para vocês também, não é? Eu sei que a obrigação é o sujeito beber o leite aqui. Mas se você é um pai de família, você sabe que as crianças estão em casa, são homens modestos. Você vai dizer ao sujeito: “Não, bebe o leite e não leva para os teus filhos”. Então, levava... Aliás, nem levava. Para não estragar o leite, ele mandava a mulher ou um filho mais velho vir apanhar um litro de leite que ele tinha direito. O Travassos soube porque eles sabiam botar essas coisas nos ouvidos do diretor. E me chamou: “Eu quero faça assim. Agora vou servir o copo de leite no bar”. Depois que ele falou tudo, eu apresentei a minha argumentação. “Eu acho que é um sacrifício de pai. Se eu tivesse necessidade, eu também faria o mesmo e eu acredito que o senhor fizesse também. Agora,

eu não faço. O senhor é diretor pode mandar. Bota outro no meu lugar e faz isso. Mas eu não vou transigir com a minha consciência.” E eu acho que nós nos dávamos bem. Como sempre trabalhei com muita lealdade.

RG – Limpo, não é?

MA – Limpo. Eu acho que é obrigação.

WH – Respeitando os princípios?

MA – É. Se eu me considero um homem de esquerda - continuo me considerando - não poderia ter uma atitude diferente. Não traindo minha própria... eu não digo filosofia, porque filosofia engloba tudo, mas pelo menos meus princípios econômicos sociais.

RG – Nessa época, Dr. Moacyr, o país estava assim também muito voltado para as lutas populares, não é? Década de sessenta, aquela efervescência toda. Aqui no Instituto, essa parte de militância que tinha existido anteriormente, como estava se desenvolvendo? O pessoal mais ligado mesmo ao partido, naquele momento, como estava?

MA – Não. Como eu disse, o próprio partido, quando entrou na ilegalidade, dispensou o pessoal de uma militância. Essa é a verdade. Você tinha somente contatos esporádicos, militância não.

RG – Então ele nunca mais se reestruturou, não? O grupo...

MA – Não, não se reestruturou. Porque veio depois em sessenta e quatro. Nós passamos um período aqui de inquéritos, uns em cima dos outros. Você acabava tendo até uma prática de responder IPM. E depois fomos cassados, surpreendentemente, porque o último inquérito aqui foi em sessenta e cinco. Nós fomos cassados em setenta. Foi justamente com a subida do Lagoa. Ele quis se projetar através de agitar uma bandeira de anticomunista. Ele achava que era importante. Cada um tem direito de ter os seus próprios pensamentos. Alguns, mesmo sendo megalomaníacos.

RG – Mas eu me referia a antes de sessenta e quatro, a esse período final da década de cinquenta, começo de sessenta, não é? Há um momento de muita agitação no país, com a saída do Jânio, a subida do Jango, e o plebiscito e toda aquela coisa nacional. Como isso se refletia aqui dentro naquela época?

MA – É, o Instituto sempre responde, praticamente, às condições da sociedade no momento, não é? Naturalmente se discutia aqui, conversávamos. Tinha desde elementos de direita, liberais, socialistas, comunistas, na época. Continuava cada um refletindo seu ponto de vista, mas sem uma militância, aqui não existia.

RG – Mas o senhor acha que então naquele momento havia assim um clima de debate franco e pluripartidário aqui dentro?

MA – Dentro do Instituto? Não. Debates não, conversas. (*risos*)

RG – Muito eventuais.

MA – É. O clima não permitia. Aqueles que eram de esquerda aqui dentro, de fato, sabiam que estavam sendo marcados, para qualquer momento...

RG – Ah é? Havia essa consciência?

MA – Lógico. Você tinha consciência que logo que eles pudessem acontecer...

WH – Mas isso antes de sessenta e quatro?

MA – Mesmo antes de sessenta e quatro o ambiente já não era... Havia uma efervescência do ponto de vista de reivindicações populares, reformas, não é? Tudo isso se discutia. Todos nós discutíamos. Mas sem haver, digamos assim, uma militância, uma organização partidária. Não havia.

RG – E o senhor disse que sequer havia um debate mais institucional aqui dentro do instituto?

MA – Não havia, aqui dentro não. Aliás, é como eu digo, é lógico que você no meio de elementos que são teus amigos, você...

WH – Que grupo era esse? Que tipo de conversas eram essas? O senhor podia me dizer?

MA – Era todo esse grupo que posteriormente foi cassado.

WH – Esse grupo já era, Dr. Moacyr, um grupo que andava junto, que tinha idéias parecidas?

MA – Tinha idéias parecidas de várias tonalidades e nos dávamos todos muito bem.

WH – Quer dizer, como o senhor poderia identificar esse grupo depois foi cassado? O que tinha em comum?

MA – Não, esse grupo era tido de elementos de esquerda.

RG – Isso externamente, não é?

MA – Agora. Internamente eram considerados elementos de esquerda. Para a cassação, nós fomos taxados de subversivos. É uma coisa muito diferente: subversão é uma coisa, ideologia é outra. Cada um tinha sua ideologia, seu pensamento. Por exemplo, isso é público, um que disse: “Eu sou marxista”, mas não disse que era leninista, foi Moussatché. Muito bem, é a filosofia dele. Tem que respeitar. A mim se me perguntassem: “Você é marxista leninista?” Apesar de ter carteirinha. Como falou o Arouca, que disse que não tinha carteirinha, mas estava ligado ao partido. Eu tive carteirinha, mas nunca diria que eu sou um marxista porque eu sempre aceitei no comunismo a parte econômica social. Agora, como filosofia não, porque eu não sou ateu. Seria contrariar os meus próprios princípios. Aí sim. Então eu me sinto um cristão-socialista. “Como você se classificaria se você não diz que é marxista?” Eu não digo porque não sou. Eu aceitei a parte econômico social do comunismo.

RG – O senhor chegou até a se desligar formalmente do partido?

MA – Formalmente não.

RG – Manteve um certo vínculo durante alguns anos?

MA – É. Eu contribuía de vez em quando.

RG – Mas não participava mais de reuniões regulares?

MA – Não participava mais. Não. Agora me desvinculei de fato até do ponto ideológico. Isso se chamaria hoje desacordo. Porque eu aceitei muito bem a partir da intervenção na Hungria. Eu acho que o sujeito que raciocina tem obrigação de usar a massa cinzenta. Então eu procurei mentalizar e achei que na situação da Hungria, foi válida a intervenção Russa. Mas não concordei absolutamente com a intervenção na Tchecoslováquia. A maior burrice que fizeram os comunistas russos foi intervir quando se tentava fazer um socialismo com liberdade. E hoje está o Gorbachev tentando voltar para isso tudo. Prejudicou a marcha. Agora, como eu interpreto isso? Eu interpreto porque Estado lá também tem, são aqueles que se apossam dos lugares, e não querem largar por nada. Porque ficam com medo de serem substituídos por outros com idéias mais avançadas. E avançadas até para um socialismo. Então eu não pude concordar.

RG – Mas em relação a esse grupo que tinha afinidades, e que foi caracterizado como de esquerda ou subversivos - vou repetir a pergunta da Wanda - o que fazia a união entre vocês? Quer dizer, como que vocês tinham identidade uns com os outros?

MA – Ah, a identidade é que todos esses elementos sabiam que eram indivíduos que pensavam de uma maneira aproximadamente semelhante.

RG – Em relação a quê?

WH – Em que sentido?

MA – Como socialistas, digamos assim.

WH – Saindo um pouco da coisa mais geral do socialismo, por exemplo, o Dr. Tito nem era socialista, ele é antitadadura.

MA – Não, eu acho que o Tito tem também um lance socialista.

WH – Tem um lado. Mas saindo dessa coisa do socialismo...

MA – Isso era uma interpretação minha pela maneira como conversamos. Você sente isso.

WH – E, em relação ao instituto, a uma visão do que é o Instituto, havia uma identificação dessas pessoas?

MA – Não, eu acho que a identificação era feita assim, porque nós considerávamos esses elementos todos como elementos de esquerda. Era como se considerava.

WH – Por exemplo, na entrevista, várias vezes o senhor se referiu ao grupo que gostava do Instituto, grupo que trabalhava no Instituto. Que grupo era esse? Quer dizer, seria o mesmo grupo?

MA – Não, não eram só esses. Esse grupo fazia parte daqueles que trabalhavam com disposição pelo Instituto, tinham amor à casa. Porque alguns não se interessavam, não é? Eu incluo, por exemplo, um indivíduo que era liberal - não vamos dizer que era socialista - e tinha muito amor ao Instituto: o Leão. O Villela, por exemplo, era um indivíduo que trabalhava com afinco; formou escola aqui dentro. Todos os que trabalhavam com o Villela eram entusiasmados pelo que faziam. Não tinha uma linha que você dissesse: “Era de esquerda”. Não. Eu acho que até o Villela não era de esquerda, mas era um indivíduo que você sentia que tinha amor ao Instituto. Outro indivíduo boníssimo, que tinha amor ao Instituto, foi o Dr. Rui de Figueiredo - a gente vai se lembrando assim de alguns - chegou a ser secretário no Instituto.

RG – E os outros que não tinham esse mesmo amor, essa mesma ligação com o Instituto, seriam o quê? Como o senhor caracteriza os outros?

MA – Caracterizo os outros como aqueles que usavam o Instituto em proveito próprio.

RG – Oportunistas? Carreiristas?

MA – É. Muito interessados em estar sempre bem com o diretor que subisse, para poder ser chefe disso, chefe daquilo. Um outro elemento também que não era esquerdista que tinha grande amor ao Instituto foi o Genésio Pacheco. Neste grupo eu separo, dentro do meu ponto de vista, aqueles que fizeram oposição ao Olympio. Eram todos altamente interessados pelo Instituto...

Fita 7 - Lado B

MA – ...queriam acabar com a situação de que o diretor tivesse condições de determinar certas coisas; ter um conselho diretor, uma programação de pesquisas. Então esse grupo tinha esse interesse.

WH – E esse grupo, Dr. Moacyr, em termos de qualidade de pesquisador, o senhor poderia considerar em que nível?

MA – Eu acho que eram elementos do melhor nível.

WH – Pois é, o fato de ser uma pessoa qualificada em termos científicos também faria com que essa pessoa tivesse mais condições de desenvolver pesquisa e, portanto, ter um valor para a Instituição? O Olympio, por exemplo, gostava do Instituto dentro essa sua qualificação?

MA – Olha, o Olympio teve uma coisa, para mim, positiva: defender a criação do Ministério de Ciência e Tecnologia. Um dos primeiros trabalhos a respeito foi do Olympio da Fonseca. Ele tinha uma visão, como professor, como pesquisador, muito boa. Eu digo que ele só pecou porque ele foi mau administrador.

WH – Quer dizer, o senhor então acha que o Olympio também, nessa sua qualificação, gostava do Instituto apesar de não ter entendido...

MA – Gostava do Instituto dentro do ponto de vista dele.

RG – Mas o Lagoa também? Por exemplo, o senhor falou que nesse momento estava com uma dificuldade com o Dr. Travassos da Rosa porque o senhor achou que o Lagoa tinha todo direito de ter um laboratório?

MA – Ele fez uma coisa errada, sem dúvida. Ele não pediu autorização ao diretor para dar um curso aqui dentro. Eu, por exemplo, se fosse o diretor eu negava, com todas as conseqüências. Eu acho que você deve respeito à direção. Você pode estar contra a direção, mas você tem que ter atitude responsável. Ele tinha que ter pedido licença ao Travassos.

RG – Mas do ponto de vista assim do profissional, do pesquisador...

MA – Você quer saber o meu ponto de vista a respeito do Lagoa? Era um pesquisador muito fraco, muito desinteressado. Logo que surgiu a oportunidade de fazer Escola Superior de Guerra, que não tinha o prestígio que veio ter depois da revolução, ele foi logo um dos que se inscreveu, se candidatou, para poder ficar isento durante um ano. Naquela época, a Escola Superior de Guerra não tinha prestígio algum. E justamente uma das vantagens dele foi ter feito a Escola Superior de Guerra.

RG – No grupo que ficou ligado ao Lagoa, esse pessoal posterior ao golpe de sessenta e quatro, o senhor não vê pessoas consideradas pesquisadores capazes?

MA – Olha, tem muita gente... O Dr. Júlio Muniz foi um elemento muito ligado ao Lagoa, era competente, um excelente pesquisador, mas o anticomunismo falava mais alto. Porque você também tem isso: indivíduos que por condições políticas, sofreram uma lavagem cerebral, eu diria assim. Então são contra comunismo, não quer nem saber se está fazendo certo ou direito...

RG – Como o Dr. Júlio Muniz, teria outras nessa categoria de pessoas sérias, consideradas como pesquisadores e que se deixaram levar por uma questão ideológica?

MA – Não, eu me lembrei foi o Muniz. Eu acho que estou fazendo justiça.

WH – O senhor tinha contato com pessoas ligadas à área de produção de vacinas, Dr. Moacyr?

MA – Tinha. Tinha.

WH – O senhor podia falar um pouquinho desse setor de produção?

MA – Olha, tinha o Fonseca da Cunha que fazia vacina antivariólica. Muito competente, e foi muito ligado ao Lagoa, não é? Ele é competente não como pesquisador, mas na parte de produção. Tinha o Vantuil também ficou muito ligado. Na parte de produção, fazia vacinas antiamarílica.

WH – Essas pessoas vinculadas ao setor de produção tinham contato com o Dr. Travassos? Era um setor que o Travassos se dava bem na época?

MA – É, eu creio que sim, porque é de interesse do próprio diretor. É de interesse profundo do Ministério, do ministro, que essa situação de produção possa atender politicamente interesses. Então, um diretor que é posto por determinado ministro, tem interesse também de servir ao ministro.

WH – Quer dizer, o Dr. Travassos nunca teve problemas com esse setor?

MA – Que eu saiba não, com o setor de produção.

WH – E quem mais o senhor conhece dessa área?

MA – Trabalhava na área, na parte de vacinas, Arlete Ubatuba...

RG – Em outro departamento, não é? Não era junto com esse grupo, trabalhava em setores isolados?

MA – Estavam ligados à parte de microbiologia, de responsabilidade geral do Genésio Pacheco.

RG – Porque o pessoal da varíola era outra coisa?

MA – Não. A varíola era outra coisa, era outro setor. O chefe da divisão era o Penna, que tinha vindo da Rockefeller onde já se fabricava esse tipo de coisa.

RG – Dr. Henrique Penna. Então tinha outra tradição. O senhor poderia falar um pouco como eram as grandes divisões de área dentro da produção?

MA – Sinceramente, eu não posso entrar em detalhes porque o Instituto tem divisões que são meio estanques. O meu contato com eles foi principalmente no tempo em que eu estava na chefia, quando eu tinha que atender aqui e ali. Inclusive atendi uma série de reivindicações feitas pelo Fonseca da Cunha, com quem eu me dava muito bem pessoalmente. E eram justas as reivindicações. Porque ele queria que a encomenda de material fosse feita toda dentro dos padrões mais rigorosos. E o Instituto não tinha atendido, na época, a ele. Houve oportunidade e ele foi atendido. Eu não tinha uma predileção especial pelos elementos que fossem considerados de esquerda não. Eu acho que a gente tem que ser um critério ético para atender as coisas. Se o sujeito mostra necessidade, você vai lá, espia se o sujeito pode ser atendido. Por quê não atendê-lo se o proveito é do Instituto Oswaldo Cruz?

RG – O Dr. Fonseca da Cunha sempre atuou distante desse grupo de vocês? Era uma outra realidade?

MA – Ah, sim, era uma outra realidade. Exatamente.

RG – Não havia um diálogo, uma relação a um nível qualquer?

MA – Não, diálogo existia, se ele procurasse alguma informação, ele seria perfeitamente atendido.

RG – É. O senhor enquanto prefeito, desempenhando aquele papel, o atendeu. Mas eu digo assim: informalmente os grupos não tinham contato, não é? Quer dizer, ele não faria parte... Eu estou tentando ver a coisa da comunidade de Manguinhos, mapear um pouco os grupos que se relacionavam e em torno de que assuntos, de que questões?

MA – Não, não era um elemento ligado a determinado grupo que eu me referi antes. Não era.

WH – Nem ligado ao grupo que gostava do Instituto, como o senhor diz? Porque o senhor falou de dois grupos: um que seria o grupo das pessoas de esquerda...

MA – Parece-me que, na época, não havia ainda a passagem da Rockefeller para Manguinhos. Isso foi posterior. A passagem da Rockefeller ou foi na época do Olympio ou pouca coisa antes.

WH – É.

MA – Então esse grupo funcionava lá na Rockefeller. Você sabia: “É ali na Rockefeller e tal, da vacina, disso e tal”.

WH – Mas a Rockefeller fazia só a antiamarílica, não é?

MA – Na época, eu creio que só a antiamarílica.

WH – Mas no Instituto tinha outras produções, não é?

MA – Não, eu acho que a Rockefeller já fazia também... Não. O Instituto já fazia sim... anteriormente à parte...

WH – Já fazia a varíola...

MA – Mas não com a técnica mais moderna de liofilização. Eu acho que isso começou na época do Fonseca da Cunha. Antigamente, vacina era inoculada em bezerro, raspagem da polpa, etc.

RG – O senhor pessoalmente falou que achava agradável e competente. Mais ou menos foi essa a imagem que o senhor passou do doutor Fonseca.

MA – Do Fonseca da Cunha? Sem dúvida.

RG – E os outros pesquisadores, também se relacionavam com esse setor de produção ou era uma coisa pessoal sua?

MA – Não, talvez não se relacionassem porque a produção, em geral, tem determinados objetivos, não é? Talvez só por esse motivo. Nada de extraordinário. Não era nem por simpatia e nem por antipatia, eu creio que fruto do próprio tipo de trabalho.

RG – Não havia incompatibilidades?

MA – Não, eu creio que incompatibilidade nenhuma. Eu tive maior contato porque o meu serviço abrangia toda a área. Eu tinha que lidar com isso.

RG – Exato. O meu interesse é esse: pelo fato do senhor ter tido essa oportunidade de circular de uma maneira diferente dentro do *campus*, dentro do campo físico e das atividades, pode ter tido uma visão muito privilegiada de quem era quem, dos setores, como funcionavam?

MA – É lógico que você observa. Se você tem um chefe de um setor que está altamente interessado, vem lutando em várias administrações do serviço para melhoria das suas instalações, não consegue, e você vê que o sujeito é interessado, vem a você, explica, te leva lá, faz questão de mostrar o que ele quer. Qual é o conceito que você pode ter dessa pessoa? Uma pessoa muito entusiasmada pelo que faz, quer fazer o melhor possível. Se eu puder dar uma mãozinha, vou dar essa mãozinha.

RG – Agora não havia um preconceito da parte dos pesquisadores com a produção?

MA – Não, eu já disse, que sempre se admitiu que a produção prejudicava a pesquisa. Não posso precisar se isso é verdade, mas pelo menos se falava muito: achavam que era desviado material que podia ser útil à pesquisa para poder atender à produção. E a produção era tida e havida como de interesse principal político, do ministro. Agora, você sabe muito bem que em campanhas aí, você faz uma quantidade enorme de vacinas, e são distribuídas em zonas de interesse dos deputados. E muitas vezes essas vacinas todas se perdem porque não tem refrigeração adequada, não são atendidos os prazos de validade e não efetuam nem a campanha. Simplesmente, o fulano recebe aquela quantidade para distribuir, para poder fazer onda com aquilo. Todos nós sabemos disso, já tem saído feito reportagens...

RG – Então poderia se dizer que os pesquisadores dessa área mais experimental teriam como meta propor a saída da produção de Manguinhos?

MA – Não, a saída não. Eu acho que o interesse geral seria que a produção ficasse organizada em determinado setor, com verbas próprias, com dotações próprias etc. Que não pudesse se imiscuir nas verbas designadas para pesquisa. Como está se fazendo hoje. Pelo que eu sei me parece que é assim que se faz, não é? Hoje tem Bio-Manguinhos, tem Far-Manguinhos, eu acho que são coisas importantes. Agora, você não pode prejudicar a pesquisa por causa disso. Porque pesquisa é uma coisa que tem que andar muito depressa. Se não tiver uma boa aparelhagem, você não faz mais pesquisa de ponta. Porque, infelizmente hoje, tem de apertar um botãozinho e vir o resultado logo. E se você não tem toda essa aparelhagem, você está sendo ultrapassado. Uma coisa que um outro pesquisador lá fora fez num mês, você leva um ano para conseguir e às vezes não chega aos melhores resultados. Por quê? Por falta de material, por falta de aparelhagem científica, moderna. Estão satisfeitas as mocinhas?

WH – E o senhor queria falar mais alguma coisa?

MA – Não, eu acho que eu já falei até demais. (*risos*)

RG – Não, de maneira alguma.

MA – Se houver outra reviravolta, adios! (*risos*) Mas pelo menos eu disse muita coisa que eu tinha vontade de dizer. Vocês me deram essa oportunidade e eu agradeço.

RG – Nós também agradecemos ao senhor, e a gente espera que não haja outra reviravolta, e que pelo menos a gente possa preservar essa documentação, não é? (*risos*) Que ela não seja utilizada...

MA – Não eu acho que muita coisa que está aí, estava nos inquéritos. Foram perguntadas e respondidas.

RG – É, o senhor teve o cuidado extremo de não comprometer qualquer pessoa, não é?

MA – A todo momento, não é?

RG – Ainda que o nosso objetivo é fazer a coisa histórica. As pessoas, os nomes, não seriam...

MA – É. Exato. Normalmente você fica muito receoso de cometer injustiças. Por isso é que citei alguns nomes que não tinham que ver com esquerda, e que eram de pessoas altamente interessadas no Instituto Oswaldo Cruz, no progresso do Instituto, tinham amor à casa, não é?

RG – Então muito obrigado.